ISSN 1808-8880

# TEOLOGIA PARA VIDA

Volume I - nº 1 - Janeiro - Junho 2005



# TEOLOGIA PARA VIDA



**Junta de Educação Teológica:** Rev. Wilson do Amaral Filho (Presidente), Pb. Adonias Costa da Silveira (Vice-Presidente), Pb. Wagner Winter (Secretário), Rev. Arival Dias Casimiro (Tesoureiro), Rev. Paulo Anglada, Rev. Sérgio Victalino e Pb. Uziel Gueiros.

**Junta Regional de Educação Teológica:** Pb. Amaro José Alves (Presidente), Rev. Reginaldo Campanati (Vice-Presidente), Pb. Ivan Edson Ribeiro Gomes (Secretário), Rev. Marcos Martins Dias e Rev. Rubens de Souza Castro.

**Diretoria da Fundação Educacional Rev. José Manoel da Conceição:** Pb. Dr. Paulo Rangel do Nascimento (Presidente), Pb. José Paulo Vasconcelos (Vice-Presidente), Pb. Haveraldo Ferreira Vargas (Secretário) e Rev. Jones Carlos Louback (Tesoureiro).

**Congregação do Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição:** Rev. Paulo Ribeiro Fontes (Diretor), Rev. Osias Mendes Ribeiro (Deão), Rev. Daniel Piva, Rev. Donizete Rodrigues Ladeia, Rev. George Alberto Canelhas, Rev. Hermisten Maia Pereira da Costa, Maestro Parcival Módolo, Rev. Wilson Santana Silva, Rev. Fernando de Almeida, Sem. Wendell Lessa Vilela Xavier, Rev. Alderi Souza de Matos e Rev. Márcio Coelho.

**Conselho Editorial:** Rev. Ageu Cirilo de Magalhães Junior, Rev. Daniel Piva, Rev. Donizete Rodrigues Ladeia, Rev. George Alberto Canelhas, Rev. Hermisten Maia Pereira da Costa, Maestro Parcival Módolo, Rev. Paulo Ribeiro Fontes e Rev. Wilson Santana Silva.

**Editor:** Rev. Ageu Cirilo de Magalhães Junior

**Revisão:** Sem. Wendell Lessa Vilela Xavier

**Capa e Projeto Gráfico:** Idéia Dois Design

**Gravura da capa:** *Entretien de Robert Olivétan avec le jeune Calvin* [Robert Olivetan em conversa com o jovem Calvino] de H. Van Muyden. As outras gravuras da obra são do mesmo artista.

Teologia Para Vida / Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição. — São Paulo: Vol. 1, n. 1 (jan./jun.2005) — Seminário JMC, 2005 —

Semestral
ISSN
1.Teologia — Periódicos. I. Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição.

CDD 21ed. – 230.0462
280

**Endereço para correspondência**
Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição
Rua Pascal, 1165, Campo Belo, São Paulo, SP, CEP 04616-004
Telefone: 5543-3534 – Fax: 5542-5676
Site: www.seminariojmc.br
E-mail: seminariojmc@seminariojmc.br

A revista *Teologia para Vida* é uma publicação semestral do Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição. Permite-se a reprodução desde que citados a fonte e o autor.

# Sumário

Apresentação
*Rev. Paulo Ribeiro Fontes* ..... 05

## Artigos

Presbíteros e Diáconos: servos de Deus no corpo de Cristo (Parte I)
*Rev. Hermisten Maia Pereira da Costa* ..... 09

Princípios norteadores para uma Educação Cristã Reformada
*Rev. Gildásio Jesus Barbosa dos Reis* ..... 29

O confronto de Elias e Acabe: uma análise
bíblico-teológica de 1 Reis 17-18
*Rev. Dario de Araújo Cardoso* ..... 49

Relatório pastoral do Rev. Ashbel Green Simonton
(Edição Diplomática)
*Rev. Wilson Santana Silva* ..... 69

Crítica à Moral Contra-Reformista
*Rev. Donizete Rodrigues Ladeia* ..... 89

"Impressão" ou "Expressão": o papel da música na
Missa Romana medieval e no Culto Reformado
*Maestro Parcival Módolo* ..... 109

## Resenhas

Introdução ao aconselhamento bíblico: um guia básico de
princípios e práticas de aconselhamento
*Rev. George Alberto Canelhas* ..... 131

## Artigos e sermões dos alunos

Uma vez salvo, salvo para sempre?
*Sem. Wendell Lessa Vilela Xavier* ..... 137

A responsabilidade da sentinela: Ezequiel 3.16-21
*Sem. Jonathan Muñoz Vásquez* ..... 159

# Apresentação

Quando o programa de Pós-Graduação deste Seminário foi transformado no que é hoje o Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, o JMC deixou de editar a revista teológica Fides Reformata, que passou a ser editada pelo referido Centro de Pós-Graduação. Desde então, voltar a editar a sua própria revista teológica passou a ser um sonho acalentado por todos nesta Casa de Profetas. E agora, em meio a muitas dificuldades, mas num momento extremamente oportuno, visto que comemoramos neste ano o Jubileu de Prata do JMC, entregamos à Igreja o primeiro número da nova revista teológica do JMC.

O nome "Teologia Para Vida" revela que a revista pretende primar pela significativa relação entre a teologia e a vida. O propósito desta nova revista teológica é relacionar o pensamento correto a respeito de Deus com uma vida correta e de humilde obediência à sua vontade; é desafiar tanto os eruditos quanto as pessoas simples do povo; é ter tanta relevância acadêmica quanto relevância eclesiástica; é ser tão profunda quanto pastoral. Tudo isto na melhor tradição reformada calvinista, marca característica do JMC desde o seu nascimento. Assim, "Teologia Para Vida" se propõe a ser um elo entre a academia e a Igreja. Além disso, servirá também como oportunidade para o exercício da produção literária, tanto do corpo docente, quanto do corpo discente deste Seminário.

O curso superior de Teologia oferecido pelo Seminário JMC encontra-se distribuído nos seguintes departamentos de estudo: Departamento de Teologia Sistemática, Departamento de Teologia Pastoral, Departamento de Teologia Bíblica e Exegética, Departamento de Teologia Histórica e Departamento de Teologia e Cultura, além do Departamento de Música, responsável pelo Curso Livre de Música Sacra oferecido pelo Seminário. Portanto, cada artigo da revista está relacionado a um destes departamentos.

Além disso, a revista traz seções com resenhas, artigos de alunos e sermões pregados em nosso Seminário. Nosso propósito é, com as resenhas, familiarizar o leitor com algumas obras teológicas, ajudando-o a lê-las de maneira consciente e esclarecida; com os artigos dos alunos, apresentar ao leitor um pouco da produção literária de qualidade que nossos seminaristas têm realizado; e com os sermões, compartilhar com o leitor um pouco do rico alimento espiritual que nossos seminaristas nos trazem, semanalmente, em nossos cultos regulares.

Registramos aqui o nosso reconhecimento e gratidão sincera a todos os colaboradores neste primeiro número de "Teologia Para Vida", mui especialmente à Casa Editora Presbiteriana, cuja parceria tornou possível a realização de um sonho. Finalmente, tributamos ao Senhor nosso Deus toda honra e louvor por esta publicação, porque dele, por meio dele, e para ele são todas as cousas. A ele, pois, a glória eternamente.

**Rev. Paulo Ribeiro Fontes**
*Diretor do Seminário Teológico Presbiteriano*
*Rev. José Manoel da Conceição*

# Artigos



DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA SISTEMÁTICA

# Presbíteros e Diáconos: Servos de Deus no Corpo de Cristo

PRIMEIRA PARTE


**Rev. Hermisten Maia Pereira da Costa**

Bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Sul

Licenciado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Licenciado em Pedagogia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie

Pós-graduação: Estudo de Problemas Brasileiros pela Universidade Presbiteriana Mackenzie

Pós-graduação: Didática do Ensino Superior pela Universidade Presbiteriana Mackenzie

Mestre em Teologia e História pela Universidade Metodista de São Paulo

Doutor em Teologia e História pela Universidade Metodista de São Paulo

Pastor da Igreja Presbiteriana Ebenézer, em Osasco

# Presbíteros e Diáconos: Servos de Deus no Corpo de Cristo

PRIMEIRA PARTE


## RESUMO

Neste artigo, o autor começa a expor o que a Palavra de Deus nos ensina a respeito dos ofícios da Igreja. Começando pelo ofício de diácono, Rev. Hermisten analisa o uso do termo na literatura grega, judaica e no Novo Testamento, examina os detalhes da ocasião em que o ofício foi instituído e explica, um a um, quais os requisitos que deve ter aquele que se sente chamado a este trabalho.



## PALAVRAS-CHAVE

Eclesiologia; Ofícios; Diaconato.



## ABSTRACT

The author expounds the teaching of the Word of God about church work. Starting with the deacons, Rev. Hermisten analyses the use of the term in the Greek, Hebrew and New Testament literature. He examines the institution of this office both in Scripture and history. He also deals with the requirements for those who feel they are called to be deacons.



## KEYWORDS

Ecclesiology, Work, Deaconate

## INTRODUÇÃO

Quais as características de um presbítero ideal? Como deve ser a sua vida dentro e fora da igreja? Deve o presbítero ser diferente dos demais membros da igreja? E o diácono? Como é o perfil de um diácono aprovado por Deus? Como deve ser a sua vida para que seja reconhecido por todos como um instrumento útil do Senhor? Responderemos a estas e outras perguntas voltando nossa atenção ao que diz a Palavra de Deus sobre estes ofícios da igreja. Comecemos, portanto, definindo o que é igreja.

Igreja é a comunidade de pecadores regenerados, que pelo dom da fé, concedido pelo Espírito Santo, foram justificados, respondendo positivamente ao chamado divino, o qual fora decretado na eternidade e efetuado no tempo, e agora vivem em santificação, proclamando, quer com sua vida, quer com suas palavras, o evangelho da graça de Deus, até que Cristo venha.

A igreja é uma comunidade carismática, porque todos os seus membros receberam dons (χάρισμα) para o serviço de Deus na igreja. Os dons concedidos pelo Espírito, longe de servirem para confusão ou vanglória, devem ser utilizados com humildade (1Co 4.7),[1] para a edificação e aperfeiçoamento dos santos (1Co 12.1-31/Ef 4.11-14/Rm 12.3-8).[2] Calvino, acertadamente, diz que "se a igreja é edificada por Cristo, prescrever o modo como ela deve

[1] "Ninguém possui coisa alguma, em seus próprios recursos, que o faça superior; portanto, quem quer que se ponha num nível mais elevado não passa de imbecil e impertinente. A genuína base da humildade cristã consiste, de um lado, em não ser presumido, porque sabemos que nada possuímos de bom em nós mesmos; e, de outro, se Deus implantou algum bem em nós, que o mesmo seja, por esta razão, totalmente debitado à conta da divina graça." (CALVINO, João. *Exposição de 1 Coríntios.* São Paulo: Paracletos, 1996, (1Co 4.7), p. 134-135).

[2] Obviamente, não estamos trabalhando aqui com as categorias de Max Weber, que define Carisma como "... uma qualidade pessoal considerada extracotidiana (...) e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extracotidianos específicos ou então se a toma como enviada por Deus, como exemplar e, portanto, como 'líder'." (WEBER, Max. *Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva.* Brasília: Universidade de Brasília, 1991, Vol. 1, p. 158-159). Como o próprio Weber explica, "O conceito de 'carisma' ('graça') foi tomado da terminologia do Cristianismo primitivo." (Ibidem, p. 141). Weber tomou a palavra emprestada em Rudolph Sohm, da sua obra Direito Eclesiástico para a Antiga Comunidade Cristã. (Cf. Ibidem, p. 141). A análise das questões relativas ao domínio carismático "está no centro das reflexões de Weber" (FREUND, Julien. *A Sociologia de Max Weber.* Rio de Janeiro: Forense, 1980, p. 184).

ser edificada é também prerrogativa dEle."[3] Do mesmo modo, acentua Kuyper (1837-1920): "Os carismata ou dons espirituais são os meios e o poder divinamente ordenados pelos quais o Rei habilita a sua igreja a realizar sua tarefa na terra."[4] O Carisma tem sempre um fim social: a igreja, a comunhão dos santos.[5] E também, como elemento de ajuda na proclamação do evangelho (Hb 2.3,4).[6]

Deus nos concede talentos para servi-lo (Ef 4.7,11/1Co 12.11,18), portanto a nossa atitude de consciente e real humildade (1Co 4.7; 1Co 15.10), visto que Deus nos concedeu os talentos para o serviço do Reino: "A manifestação do Espírito é concedida a cada um, visando a um fim proveitoso" (1Co 12.7). Paulo continua: "Para que não haja divisão no corpo; pelo contrário, cooperem os membros, com igual cuidado (μεριμνάω = "preocupação"), em favor uns dos outros" (1Co 12.25). "O Senhor nos colocou juntos na igreja e destinou cada um ao seu posto, de tal maneira que, sob a única Cabeça, venhamos a nos auxiliar uns aos outros. Lembremo-nos, também, de que tão diferentes dons nos têm sido concedidos para podermos servir ao Senhor, humilde e despretensiosamente, e aplicar-nos ao avanço da glória daquele que nos tem dado tudo quanto temos."[7] Deste modo, os talentos recebidos foram-nos concedidos para que os usássemos para a edificação da igreja, não para a disseminação de discórdias ou para usar de nossa influência para dividir, denegrir, solapar ou mesmo para a nossa projeção pessoal: Deus não desperdiça os dons "por nada e nem os destina para que sirvam de espetáculo."[8] Mas, para a edificação. O objetivo é claro: "Com vistas ao aperfeiçoamento (καταρτισμός = "preparar", "equipar para o serviço") dos santos" (Ef 4.12). Ainda

[3] CALVINO, João. *Efésios.* São Paulo: Paracletos, 1998, (Ef 4.12), p. 125. "A Deus pertence com exclusividade o governo de sua Igreja." (CALVINO, João. *Gálatas.* São Paulo: Paracletos, 1998, (Gl 1.1), p. 22).
[4] KUYPER, Abraham. *The Work of the Holy Spirit.* Chattanooga: AMG Publishers, 1995, p. 196.
[5] Vd. BRUNER, Frederick D. *Teologia do Espírito Santo.* São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 229.
[6] Vd. CALVINO, João. *Exposição de Hebreus.* São Paulo: Paracletos, 1997, (Hb 2.4), p. 56.
[7] CALVINO, João. *Exposição de 1 Coríntios*, (1Co 4.7), p. 134.
[8] CALVINO, João. *Exposição de 1 Coríntios*, (1Co 12.7), p. 376.

que, de passagem, deve ser acentuado que "sempre que os homens são chamados por Deus, os dons são necessariamente conectados com os ofícios. Pois Deus não veste homens com máscara ao designá-los apóstolos ou pastores, e, sim, os supre com dons, sem os quais não têm eles como desincumbir-se adequadamente de seu ofício."[9]

Nesta igreja, os pastores,[10] presbíteros e diáconos são constituídos por Deus para a preservação do rebanho.[11] A eleição feita pela igreja deve ser vista como um reconhecimento público de que os referidos oficiais foram escolhidos por Deus; a eleição nos fala do processo, não da fonte da autoridade dos eleitos.[12] Desta forma, a autoridade deles é derivada de Deus, não do povo que os elegeu;[13] por outro lado, eles precisam ter em mente que prestarão contas dos seus atos a Deus. O Novo Testamento nos chama a atenção para o ministério universal dos crentes: todos somos

[9] CALVINO, João. *Efésios*, (Ef 4.11), p. 119.

[10] Quanto à responsabilidade dos pastores, vd. CALVINO, João. *As Pastorais.* São Paulo: Paracletos, 1998, (1Tm 3.15), p. 97-98; CALVINO, João. *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 3.5ss), p. 101ss.

[11] Calvino, falando com a autoridade e a experiência de um eficiente pastor, escreve em 1548: "Os pastores piedosos e probos terão sempre que manter esta luta de desconsiderar as ofensas daqueles que querem desfrutar de vantagem em tudo. Pois a Igreja terá sempre em seu seio pessoas hipócritas e perversas, as quais preferem suas próprias cobiças à Palavra de Deus. E mesmo as pessoas boas, quer por alguma ignorância quer por alguma fraqueza, são às vezes tentadas pelo diabo a ficar iradas com as fiéis advertências de seu pastor. É nosso dever, pois, não ficar alarmados por quaisquer gêneros de ofensas, contanto, naturalmente, que não desviemos de Cristo nossas débeis mentes." (CALVINO, João. *Gálatas,* (Gl 1.10), p. 36-37). "A tarefa dos mestres consiste em preservar e propagar as sãs doutrinas para que a pureza da religião permaneça na Igreja." (CALVINO, João. *Exposição de 1 Coríntios,* (1Co 12.28), p. 390).

[12] "O Espírito também chama os homens para o ministério na Igreja e os dota com as qualidades necessárias para o exercício eficaz de suas funções. O ofício da Igreja, neste assunto, é simplesmente o de determinar e verificar o chamamento do Espírito. Assim, o Espírito Santo é o autor imediato de toda a verdade, de toda a santidade, de toda a consolação, de toda a autoridade e de toda a eficiência nos filhos de Deus, individualmente, e na Igreja, coletivamente." (HODGE, Charles. *Teologia Sistemática.* São Paulo: Hagnos, 2001, p. 396).

[13] Bavinck enfatiza: "Os pastores e mestres, os presbíteros e diáconos, também devem seu ofício e sua autoridade a Cristo, que instituiu esses ofícios e que continuamente os sustenta, que dá às pessoas os seus dons e que os apresenta para o ofício através da Igreja (1Co 12.28; Ef 4.11). Mas esses dons e essa autoridade lhes são dados para que sejam empregadas para o benefício da Igreja e para que sejam úteis no aperfeiçoamento dos santos (Ef 4.12)." (BAVINCK, Herman. *Our Reasonable Faith.* 4 ed. Michigan: Baker Book House, 1984, p. 537-538). Louis Berkhof acentua que "Os oficiais da igreja recebem sua autoridade de Cristo, e não dos homens, mesmo que a congregação sirva de instrumento para instalá-los no ofício." (BERKHOF, L. *Teologia Sistemática.* p. 599). Ver também: MILLER, Samuel. *O Presbítero Regente: Natureza, Deveres e Qualificações.* São Paulo: Os Puritanos, 2001, p. 15.

responsáveis pelo desempenho do serviço de Deus em sua igreja (Ef 4.11,12).

Como sabemos, a Igreja Presbiteriana do Brasil comemora o seu aniversário na data da chegada do Rev. Ashbel Green Simonton (1833-1867), em 12/08/1859. No entanto, a primeira Igreja Presbiteriana a ser organizada no Brasil foi no dia 12 de janeiro de 1862, na Capital do Império, Rio de Janeiro, na Rua Nova do Ouvidor nº 31, com as duas primeiras profissões de fé: um comerciante, norte-americano, Henry E. Milford (com cerca de 40 anos), natural de Nova York, que veio para o Brasil como agente da Singer Sewing Machine Company e Camilo Cardoso de Jesus (com cerca de 36 anos),[14] que posteriormente mudou o seu nome para Camilo José Cardoso.[15] Ele era natural da cidade do Porto, Portugal, sendo padeiro e ex-foguista em barco de cabotagem.[16] Ambos eram assíduos desde o início dos trabalhos promovidos por Simonton.[17]

Nesta ocasião, foi celebrada a Santa Ceia pela primeira vez,[18] sendo ministrada pelo Rev. F. J. C. Schneider (1832-1910)[19] e pelo Rev. A. G. Simonton, em inglês e português.[20]

No entanto, os primeiros oficiais da Igreja Presbiteriana no Brasil só foram eleitos em 1866: os diáconos em 02/04/1866 eram três: Guilherme Ricardo Esher (de origem irlandesa), Camilo José Cardoso (de origem portuguesa) e Antonio Pinto de Sousa (brasileiro). Os presbíteros em 07/07/1866 eram dois: Guilherme R. Esher

[14] SIMONTON, Ashbel G. *Diário:* 1852-1867. São Paulo: CEP/O Semeador, 1982, 14/01/1862; TRAJANO, Rev. Antonio. *Esboço Histórico da Egreja Evangelica Presbyteriana*: in: REIS, Álvaro. ed. *Almanak Historico* de O Puritano. Rio de Janeiro: Casa Editora Presbyteriana, 1902, p. 7-8.

[15] TRAJANO, Rev. Antonio. *Esboço Histórico da Egreja Evangelica Presbyteriana*: in: REIS, Álvaro. ed. *Almanak Historico* de O Puritano, p. 8.

[16] TRAJANO, Rev. Antonio. *Esboço Histórico da Egreja Evangelica Presbyteriana*: in: REIS, Álvaro. ed. *Almanak Historico* de O Puritano, p. 7-9; RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo e Cultura Brasileira.* São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981, p. 24; FERREIRA, Júlio A. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil.* 2 ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992, Vol. I, p. 28.

[17] Diário, 25/11/61; 31/12/61; RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo e Cultura Brasileira*, p. 24, vd. nota 131.

[18] Relatório de Simonton apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro no dia 10/07/1866, p. 4.

[19] O Rev. Schneider chegou ao Brasil em 7/12/1861. Foi ele quem traduziu, entre outros, o livro de HODGE, Charles. *O Caminho da Vida.* Nova York: Sociedade Americana de Tractados (s.d.), 300p., e o de seu filho, HODGE, A. A. *Esboços de Theologia.* Lisboa: Barata & Sanches, 1895, 620p.

[20] Diário, 14/01/1862.

e Pedro Perestrello da Câmara — primo do futuro Rev. Modesto Carvalhosa (de origem portuguesa). Todos foram ordenados no dia 09/07/1866, permanecendo Guilherme R. Esher como presbítero.[21] Assim, temos os primeiros presbíteros regentes e diáconos do presbiterianismo nacional.

## I. DIÁCONO

### 1. Introdução geral

#### 1.1. Terminologia

O termo "*diácono*" e suas variantes provém do grego διάκονος, διακονία e διακονέω, palavras que significam, respectivamente, "servo", "serviço" e "servir".

#### 1.2. "Diácono" na literatura secular

##### 1.2.1. Na literatura grega

Essas palavras apresentam três sentidos especiais, com uma pesada conotação depreciativa: *a) Servir à mesa*; *b) Cuidar da subsistência*; *c) Servir*, no sentido de "servir ao amo".

Para os gregos, servir era algo indigno. Os sofistas chegavam a afirmar que o homem reto só deve servir aos seus próprios desejos, com coragem e prudência.

Platão (427-347 a.C.) e Demóstenes (384-322 a.C.), um pouco mais moderados, admitiam que o serviço (διακονία) só tinha algum valor quando prestado ao Estado. Portanto, "a idéia de que existimos para servir a outrem não cabe, em absoluto, na mente grega."[22]

[21] Vd. Atas da Igreja do Rio de Janeiro; Relatório de Simonton apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro no dia 10/07/1866, p. 7-8; LESSA, Vicente T. *Annaes da 1ª Egreja Presbyteriana de São Paulo.* São Paulo: Edição da 1ª Egreja Presbyteriana Independente, 1938, p. 41; TRAJANO, Rev. Antonio. *Esboço Histórico da Egreja Evangelica Presbyteriana.* in: REIS, Álvaro. ed. *Almanak Historico* de O Puritano, p. 8; FERREIRA, Júlio A. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*, Vol. I, 28-29.

[22] BEYER, Hermann W. Servir, Serviço in KITTEL, G. *A Igreja do Novo Testamento*. São Paulo: ASTE, 1965, p. 275.

### 1.2.2. Na literatura judaica

No Judaísmo, encontramos a compreensão mais profunda a respeito daquele que serve. O pensamento oriental não considerava indigno o serviço. A grandeza do senhor determinava a grandiosidade do serviço. Quanto maior o senhor a quem se serve, mais o serviço é valorizado.

O historiador judeu Flávio Josefo usou o termo em três sentidos: a) *Servir à mesa*; b) *Servir, no sentido de obedecer;* c) *Prestar serviços sacerdotais.*

Posteriormente, a idéia de serviço foi perdendo a conotação de entrega de si em favor de outrem, assumindo a idéia de uma obra meritória perante Deus. Mais tarde, deteriora-se ainda mais, passando a ser considerado indigno o serviço, especialmente no que se refere ao servir à mesa.

### 1.3. "Diácono" no Novo Testamento

Os substantivos *"Diaconia"* (33 vezes)[23] e *"Diáconos"* (30 vezes)[24] e o verbo "Diaconar"[25] (34 vezes)[26] são traduzidos por *serviço, ministério, socorro, assistência, diácono* (neste caso, apenas transliterado), etc.

Jesus Cristo deu uma grande lição aos seus ouvintes ao verbalizar a sua missão: "... O Filho do homem, que não veio para ser servido (διακονέω), mas para servir (διακονέω)..." (Mt 20.28).

[23] Διακονία * Lc 10.40; At 1.17,25; 6.1,4; 11.29; 12.25; 20.24; 21.19; Rm 11.13; 12.7; 15.31; 1Co 12.5; 16.15; 2Co 3.7,8,9 (2 vezes); 4.1; 5.18; 6.3; 8.4; 9.1,12,13; 11.8; Ef 4.12; Cl 4.17; 1Tm 1.12; 2Tm 4.5,11; Hb 1.14; Ap 2.19.

[24] Διάκονος * Mt 20.26; 22.13; 23.11; Mc 9.35; 10.43; Jo 2.5,9; 12.26; Rm 13.4 (2 vezes); 15.8; 16.1; 1Co 3.5; 2Co 3.6; 6.4; 11.15,23; Gl 2.17; Ef 3.7; 6.21; Fp 1.1; Cl 1.7,23,25; 4.7; 1Ts 3.2; 1Tm 3.8,12; 4.6.

[25] Na realidade, não existe este verbo em nossa língua; ele foi apenas transliterado do grego e aportuguesado para dar o mesmo sentido fonético.

[26] Διακονέω *Mt 4.11; 8.15; 20.28; 25.44; 27.55; Mc 1.13,31; 10.45; 15.41; Lc 4.39; 8.3; 10.40; 12.37; 17.8; 22.26,27 (2 vezes); Jo 12.2,26 (2 vezes); At 6.2; 19.22; Rm 15.25; 2Co 3.3; 8.19,20; 1Tm 3.10,13; 2Tm 1.18; Fm 13; Hb 6.10; 1Pe 1.12; 4.10,11.

[27] Kelly, Smith, Beyer, entre outros.

[28] Stagg e Latourette.

[29] Irineu, Calvino, Bavinck, Vincent, Berkhof, Hendriksen, Ladd, Kuiper, Grudem, entre outros.

## 2. ORIGEM DO OFÍCIO DE "DIÁCONO"

A origem deste ofício eclesiástico deve ser buscada no texto de Atos 6.1-7. Embora saibamos que nem todos concordem com isso[27] e outros não se decidam,[28] ficamos com aqueles que identificam o diaconato com Atos 6.[29]

No início da Igreja do Novo Testamento, competia aos apóstolos a responsabilidade de gerenciar os donativos, distribuindo-os conforme a necessidade dos crentes (At 2.45/At 4.37; 5.2). Com o crescimento da Igreja, esta atividade tornou-se por demais pesada para eles. Nesse contexto é que se insere o diácono. O ofício de diácono teve a sua origem como resultado de uma necessidade: as viúvas dos helenistas (judeus de fala grega, provenientes da Dispersão), estavam sendo habitualmente[30] "esquecidas na distribuição diária" (At 6.1).

Ao contrário do que já foi suposto, o "esquecimento"[31] não foi deliberado. A questão era mesmo de excesso de trabalho, juntando a isso a possível situação de severa pobreza das viúvas.[32]

Os apóstolos, reconhecendo o problema e ao mesmo tempo não tendo como resolver tudo sozinhos, encaminharam à comunidade, de forma direta, a eleição de "sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria", os quais se encarregariam deste serviço (At 6.3). A eleição foi feita. Os apóstolos, então, se dedicaram mais especificamente "à oração e ao ministério da Palavra" (At 6.4), ofício para o qual foram especialmente chamados: pregar a Palavra de Deus.

Os diáconos devem ser vistos como braços da misericórdia de Deus em favor do seu povo carente; eles exercem, em parte, o "socorro" de Deus para com o seu povo (1Co 12.28): "Os diáconos representam a Cristo em seu ofício de misericórdia, e o exercício da misericórdia está vinculado com o consolo dos aflitos."[33] "Nis-

[30] O verbo παραθεωρέω no imperfeito sugere a idéia de algo freqüente e habitual. Este verbo só ocorre aqui (At 6.1) no Novo Testamento.
[31] Assim pensa Barclay. (BARCLAY, William. *El Nuevo Testamento Comentado.* Buenos Aires: La Aurora, 1974, Vol. VII, p. 60).
[32] Vd. MARSHALL, I. H. *Atos: Introdução e Comentário.* São Paulo: Mundo Cristão/Vida Nova, 1982, p. 123.
[33] KUIPER, R. B. *El Cuerpo Glorioso de Cristo.* Michigan: SLC, 1985, p. 141.

to consiste o ofício dos diáconos: devem demonstrar solicitude pelos pobres e atender às suas necessidades".[34]

Historicamente, este ofício permaneceu e se expandiu geograficamente, conforme atestam os documentos históricos.[35]

## 3. Definição

Os diáconos são homens "constituídos pela igreja para distribuir as esmolas e cuidar dos pobres, como procuradores seus".[36] Analisando Atos 6, Calvino diz na primeira edição da *Instituição* (1536): "Vede aqui o ministério dos diáconos: cuidar dos pobres e ajudar-lhes. Daqui lhes vem o nome; e por isso são tidos como ministros."[37] O Art. 53 e alíneas da CI/IPB apresentam uma definição que segue a mesma linha bíblica de Calvino; porém, amplia mais a sua função, adaptando-a às necessidades da Igreja no Brasil.

## 4. Requisitos para o ofício de Diácono

Devemos observar que os requisitos para o diaconato e para o presbiterato são, em geral, exigências comuns aos membros da igreja. No entanto, devemos estar atentos para o fato de que "todos esses requisitos são muito mais importantes e exigidos num grau muito mais elevado daqueles a quem se confiou a inspeção e supervisão espirituais da igreja. Assim como ocupam lugar de maior *honra* e *autoridade* que o dos outros membros da igreja, detêm do mesmo modo uma posição de muito maior *responsabilidade*."[38]

[34] CALVINO, João. *As Institutas*, (1541), IV.13.
[35] Vd. ROMA, Clemente de. *1 Coríntios*, 42.4; 44.5; 47.6; 54.2; 57.1; INÁCIO. *Cartas: Aos Efésios*, 2.1; *Aos Magnésios*, 2.1; 3.1; 6.1; 13.1; *Aos Tralianos*, 2.3; 3.1; 7.2; 12.2; *Aos Filadélfios*, 10.2; *Aos Esmirnenses*, 8.1; *À Policarpo*, 6.1; IRINEU. *Contra as Heresias*, V.36.1; CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*, III.39.3-5,7; VI.19.19; 43.2; 43.11; VII.28.1; 30.2.12.
[36] CALVINO, João. *Institución*, IV.3.9.
[37] CALVINO, João. *Institución de la Religion Cristiana*, (1536), V.5. Vd., também, *As Institutas*, IV.3.9.
[38] MILLER, Samuel. *O Presbítero Regente: Natureza, Deveres e Qualificações*, p. 38.

### 4.1. Ser vocacionado

Na igreja de Cristo, ninguém tem autonomia para se autonomear. Pastor, presbíteros e diáconos, todos, sem exceção, precisam ser vocacionados por Deus para estes ofícios (Hb 5.4). "As únicas pessoas que têm o direito de ser ouvidas são aquelas a quem Deus enviou e que falam a palavra de Sua boca. Portanto, para qualquer homem exercer autoridade, duas coisas são requeridas: o chamamento [divino] e o desempenho fiel do ofício por parte daquele que foi chamado."[39]

A CI/IPB, no Art 108, prescreve isto, com uma perfeita compreensão bíblica:

> "Vocação para ofício na Igreja é a chamada de Deus, pelo Espírito Santo, mediante o testemunho interno de uma boa consciência e a aprovação do povo de Deus, por intermédio de um concílio". (Vd. também, Art 109 e §§).

Calvino (1509-1564) comenta:

> "O que torna válido um ofício é a vocação, de modo que ninguém pode exercê-lo correta ou legitimamente sem antes ser eleito por Deus (...) Nenhuma forma de governo deve ser estabelecida na Igreja segundo o juízo humano, senão que os homens devem atender à ordenação divina; e, ainda mais, que devemos seguir um procedimento de eleição preestabelecido, para que ninguém procure satisfazer seus próprios desejos. (...) Segundo é a promessa de Deus de governar sua Igreja, assim ele reserva para si o direito exclusivo de prescrever a *ordem* e *forma* de sua administração."[40]
>
> "A Deus pertence com exclusividade o governo de sua Igreja. Portanto, a vocação não pode ser legítima a menos que proceda dele."[41]

[39] CALVINO, João. *Exposição de 2 Coríntios.* São Paulo: Paracletos, 1995, (2Co 1.1), p. 15.
[40] CALVINO, João. *Exposição de Hebreus*, (Hb 5.4), p. 127-128.
[41] CALVINO, João. *Gálatas*, (Gl 1.1), p. 22.

O serviço que prestamos a Deus deve ser visto não como uma fonte de lucro ou projeção, mas como resultado de um chamado irrevogável de Deus. Paulo, em seu ministério, tinha esta consciência, de ser apóstolo pela vontade de Deus (Vd. Rm 1.1; 1Co 1.1; 2Co 1.1; Ef 1.1; Cl 1.1, etc.).

O diácono deve ser eleito pela igreja (At 6.5). A eleição é uma evidência de que Deus vocacionou aquele irmão para o respectivo ofício. Por isso, a igreja deve buscar a orientação de Deus com fé e submissão, certa de que Deus também manifesta a sua vontade através da assembléia.

O ato da ordenação confirma isso; os apóstolos, orando, impuseram as mãos sobre os diáconos eleitos, processando assim esta solenidade (At 6.6).[42]

**4.2. Ser discípulo de Cristo (At 6.1, 3)**

Os diáconos são escolhidos pela igreja, entre os seus membros, entre os discípulos de Cristo. O diaconato não pode ser terceirizado.

Os diáconos servem a igreja como, na realidade são, servos de Cristo. No segundo século, Inácio (30-110 d.C.), bispo de Antioquia da Síria, em carta endereçada à Igreja de Trales,[43] diz: "... os que são diáconos dos mistérios de Jesus Cristo agradem a todos em tudo. Pois não é de comidas e bebidas que são diáconos, mas são servos da Igreja de Deus."[44]

**4.3. Ter boa reputação (At 6.3)**

O diácono precisava ter o reconhecimento público de uma vida digna. (Vd. comparativamente: At 10.22; 1Tm 5.10; Hb 11.2,4).

**4.4. Ser cheio do Espírito Santo (At 6.3)**

Eles precisavam ser cheios do Espírito – como todo o cristão, Ef 5.18[45] —, para poderem, de modo especial, desempenhar as

[42] Vd. CI/IPB, Art 109 e §§
[43] Cidade que distava uns 50 km de Éfeso.
[44] INÁCIO. *Carta aos Tralianos*, 2 in: *Cartas de Santo Inácio de Antioquia.* Rio de Janeiro: Vozes, © 1970, p. 58.
[45] Vd. COSTA, Hermisten M. P. *Uma Família Cheia do Espírito Santo.* São Paulo: 2001.

suas atividades dignamente, demonstrando amor, alegria, paz, longanimidade, mansidão... que são subprodutos do amor, que é o fruto do Espírito (Gl 5.22,23).

**4.5. Ser cheio de sabedoria (At 6.3)**

Esta sabedoria tem pouco ou nada a ver com conhecimento. Os diáconos precisariam ter a sabedoria concedida pelo Espírito para saberem como resolver os problemas que já existiam e outros novos, que não tardariam a aparecer (Tg 1.5,6).

**4.6. Ser respeitável (1Tm 3.8)**

Σεμνός (honestidade, dignidade, gravidade). (Fp 4.8; 1Tm 3.8,11; Tt 2.2). O diácono deve ter um procedimento sério; digno de todo respeito e admiração, como resultado da submissão a Deus dos seus sentimentos e pensamentos. A palavra grega confere o sentido de graça, dignidade e honradez. A respeitabilidade aqui exigida combina, de forma bela e harmoniosa, a simplicidade com a nobre honradez.[46]

Inácio (30-110 d.C.), na referida carta aos Tralianos, diz que todos deverão "respeitar os diáconos como a Jesus Cristo."[47] Em outro lugar, ordena: "Acatem os diáconos, como à lei de Deus."[48] No *Didaquê* (c. 120 d.C.),[49] lemos: "Elegei, então, para vós mesmos bispos e diáconos dignos do Senhor, varões mansos e não amantes de dinheiro, verdadeiros e aprovados, porque também eles vos ministram os serviços dos profetas e mestres. Não os desprezeis, pois, porque são dignos de igual honra, como os profetas e mestres."[50]

[46] Ver TRENCH, Richard C. *Synonyms of the New Testament*, 7 ed. rev. enlar. London: Macmillan and Co. 1871, § xcii, p. 325-329; BARCLAY, William. *Palavras Chaves do Novo Testamento.* São Paulo: Vida Nova, 1988 (reimpressão), p. 178-181.

[47] INÁCIO. *Carta aos Tralianos*, 3. in *Cartas de Santo Inácio de Antioquia*, p. 58.

[48] INÁCIO. *Carta aos Esmirnenses*, 8. in *Cartas de Santo Inácio de Antioquia*, p. 81.

[49] Obra pretensamente escrita pelos apóstolos. Amplamente aceito, devido a sua pretensão de ter sido redigido pelos apóstolos, daí o seu nome completo: *Didaquê: Ensino do Senhor Através dos Doze Apóstolos*.

[50] *Didaquê*, XV. in SALVADOR, J.G. ed. *O Didaquê.* São Paulo: Imprensa Metodista, 1957, p. 76.

**4.7. Ter uma só palavra (1Tm 3.8)**

A construção é negativa, μὴ δίλογος, só ocorrendo aqui. A idéia é de que não deve ter "duas palavras".

A expressão pode ser entendida de três formas não excludentes:

a) O diácono não deve ser um difamador, levando e trazendo casos dos lares onde visita (não deve ser mexeriqueiro);
b) Não deve ser alguém que pense uma coisa e diga outra;
c) Não deve ser alguém que diz uma coisa para uma pessoa e algo diferente para outra, falando conforme o interesse do seu interlocutor.

**4.8. Não ser inclinado a muito vinho (1Tm 3.8)**

Aqui devem ser observadas algumas questões: a) A questão cultural; b) A provisão inadequada de água; c) A atenuação do vinho com água. (Cf. 2Mac 15.39);[51] d) Essa orientação de Paulo indica o perigo da embriaguez, ao que parece, existente mesmo entre os crentes (1Co 11.21).

Sobre o diácono, pesava grande responsabilidade. Ele teria acesso aos lares, tomaria conhecimento de problemas íntimos e, também, teria de administrar os bens da igreja dedicados aos necessitados. Como confiar num bêbado?

Notemos que Paulo não exige total abstinência; ele fala de moderação (1Tm 3.3; Tt 1.7); todavia, cremos que a abstinência seja recomendável (Rm 14.21/1Ts 5.22).

A bebedice é uma das características do modo gentio de viver (1Pe 4.3) como obra da carne (Gl 5.21).

**4.9. Não ser cobiçoso de sórdida ganância (1Tm 3.8)**

Μὴ αἰσχροκερδής[52] (Tt 1.7/1Pe 5.2)[53] "Cobiçoso de lucro vergonhoso", isto é, alguém que lucra desonestamente, adaptan-

[51] Como bem sabemos, os livros de Macabeus não são "canônicos"; isto é, não fazem parte dos 66 Livros considerados inspirados por Deus. No entanto, eles têm um valor histórico-informativo, nos ajudando a entender melhor aspectos da história dos judeus no segundo século a.C.

[52] Αἰσχρός = indecoroso, torpe, indecente. * Tt 1.11 & κέρδος = lucro, ganho. "Não tenha sórdida cobiça por lucro". *1Tm 3.8; Tt 1.7.

[53] A palavra usada por Pedro só ocorre aqui: αἰσχροκερδῶς, que significa "lucro vergonhoso", "ambiciosamente". Ela é da mesma raiz de αἰσχροκερδής.

do, modificando o ensinamento aos interesses de seus ouvintes a fim de ganhar o dinheiro deles. Também pode se referir ao envolvimento em negócios escusos. O lucro em si não é pecaminoso; contudo, ele pode se tornar vergonhoso se a sua obtenção passar a ser o nosso objetivo primário, em detrimento da glória de Deus. Pedro contrapõe este sentimento à boa vontade (προθύμος em 1Pe 5.2), que denota um zelo e entusiasmo devotados.

Não nos esqueçamos do princípio bíblico expresso em alguns textos, tais como 1 Timóteo 6.10; Salmo 62.10; Eclesiastes 5.10 e do exemplo negativo já existente no tempo do apóstolo (Tt 1.10,11/ Mq 3.5,11).

**4.10. Conservar o mistério da fé com a consciência limpa** (1Tm 3.9)

Calvino faz uma paráfrase: "Conservando pura a doutrina de nossa religião, e isso de todo o nosso coração e com sincero temor a Deus, os homens que são ricamente instruídos na fé não devem ser ignorantes de nada que seja necessário a um cristão conhecer."[54]

O diácono deve conservar-se firme na revelação graciosa de Deus (Rm 16.25,26), a saber, Jesus Cristo, "manifestado em carne" (1Tm 3.16; Cl 4.3) —, com a consciência pura, sem contaminação intelectual, moral e espiritual.

Apenas a conservação do "mistério da fé" geraria um conhecimento árido, infrutífero e, por outro lado, apenas a "consciência limpa" acarretaria uma superficialidade doutrinária. "[Paulo] quer que os diáconos sejam bem instruídos no 'mistério da fé', porque, embora não desempenhem o ofício docente, seria completo absurdo que exercessem um ofício público na igreja e fossem completamente ignorantes na fé cristã, especialmente porque mui amiúde ministram conselhos e conforto a outros, caso não queiram negligenciar seus deveres. Ele adiciona ainda: numa *consciência íntegra*, a qual se estende por toda a sua vida, mas tem especial referência ao seu conhecimento de como servir a Deus."[55]

[54] CALVINO, João. *As Pastorais*, (1Tm 3.9), p. 93.
[55] Idem, ibidem, p. 93.

**4.11. Ser primeiramente experimentado** (1Tm 3.10)

Δοκιμόζω = provar, examinar, experimentar. Esta palavra, que era aplicada para se referir ao teste dos metais preciosos para avaliar a sua qualidade, ressalta o aspecto positivo de "provar" para "aprovar", indicando a genuinidade do que foi testado (2Co 8.8; 1Ts 2.4).

Calvino (1509-1564) comenta:

> "Numa palavra, a designação de diáconos não deve consistir de escolha precipitada e fortuita de alguém que se encontra à mão, senão que a escolha deve ter por base homens que se recomendem por sua anterior maneira de viver, de tal forma que, depois de serem submetidos a um interrogatório, sejam investigados profundamente antes que sejam declarados aptos."[56]

A conduta do diácono deve ser tão boa que ninguém tenha do que o acusar; seja irrepreensível, ἀνέγκλητος[57] (1Tm 3.10). Este reconhecimento deve ser por parte da igreja e também dos "de fora" (Vd. 1Tm 3.7).

**4.12. Ser marido de uma só mulher** (1Tm 3.12)

Aqui não se estabelece uma regra dizendo que os diáconos devem ser casados; o que se diz é que eles, sendo casados, devem ser "maridos de uma só mulher". Outra questão: então quer dizer que na igreja primitiva era possível haver um homem casado com duas mulheres?!

Lembremo-nos de que a poligamia, ainda que não fosse comum, era praticada no primeiro século, inclusive entre os judeus. Além do mais, não devemos nos esquecer de que os pecados sexuais eram comuns entre os judeus e gentios (Rm 1.27; 7.3; 1Co 5.1,8; 6.9-11; 7.2; Gl 5.19; 1Tm 4.3-8). O que Paulo está dizendo é que tanto o bispo (= presbítero — 1Tm 3.2) como o diácono

[56] CALVINO, João. *As Pastorais*, (1Tm 3.10), p. 94.
[57] *1Co 1.8; Cl 1.22; Tt 1.6,7.

(1Tm 3.12) "deve ser um homem de moralidade inquestionável, que é inteiramente fiel e leal a uma única e só esposa; que sendo casado, não entre à maneira dos pagãos, em uma relação imoral com outra mulher."[58]

**4.13. Governar bem seus filhos e sua própria casa** (1Tm 3.12/3.4,5)

A maneira de o presbítero ou de o diácono governar a sua casa é um sintoma da sua capacitação ou não para exercer o seu ofício.

O diácono, juntamente com sua família, deve se constituir num exemplo de vida cristã.

## 5. RECOMPENSAS POR UMA DIACONIA FIEL

**1. A honra concedida por Deus** (Jo 12.26).

Jesus ensina que aqueles que o servem sinceramente, seguindo-o, o Pai mesmo o honrará. Ainda que aqui não esteja falando especificamente do ofício de diácono, a verdade é que estes, como todos aqueles que servem ao Senhor — a palavra no original é a mesma (διακονέω) —, ainda que nem sempre tenham o reconhecimento devido da parte dos homens, serão honrados por Deus. Obviamente, não devemos encontrar no texto nenhuma desculpa para a nossa falta de reconhecimento do serviço prestado pelos servos de Deus; antes, um consolo para aqueles que não têm sido honrados devidamente por nós.

**2. A lembrança graciosa de Deus** (Hb 6.10).

Esta recompensa complementa a anterior. Deus não se esquece dos seus servos, nem dos seus serviços. Deus, mesmo parecendo, em algumas circunstâncias, ter se esquecido de nós, na realidade, nos acompanha sempre com a sua graça. E, aquele que nos capacitou a fazer boas obras, por graça, nos recompensará.

[58] HENDRIKSEN, G. *1 y 2 Timoteo/Tito.* Michigan: SLC., 1979, p. 140. Vd. GRUDEM, Wayne A. *Teologia Sistemática.* São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 769.

**3. O reconhecimento da Igreja** (1Tm 3.13).

Paulo diz que aqueles que desempenharem bem o diaconato terão o justo reconhecimento da igreja. De fato, é justo que assim seja. Ainda que os diáconos não trabalhem simplesmente para agradar a igreja, visto que servem ao Senhor na igreja, é desejável que honremos esses servos de Deus que dedicam parte quantitativa e qualitativamente importante de seu tempo no serviço de Deus em nossa igreja. O reconhecimento da igreja é um atestado da sua vocação e do desempenho eficiente do diaconato.

Calvino comenta: "Ao expressar-se assim, ele realça quão proveitoso é para a Igreja que esse ofício seja desempenhado por homens criteriosamente escolhidos, pois o santo desempenho desses deveres granjeia estima e reverência."[59]

**4. Maior firmeza na fé** (1Tm 3.13).

Paulo também diz que aqueles que desempenham bem o diaconato alcançam "muita intrepidez (παρρησία) na fé em Cristo" (1Tm 3.13). A palavra tem o sentido de destemor, franqueza, ousadia, confiança e sinceridade. O termo indica aquele que fala com ousadia e francamente, exercendo publicamente a sua função com responsabilidade. Os diáconos no exercício de seu ofício adquirem uma maior ousadia em sua fé, amparado na graça de Deus. Isso se manifesta na sua justa confiança em aproximar-se de Deus em oração (Ef 3.12; Hb 4.16; 10.19; 1Jo 5.14) e, ao mesmo tempo, na sua intrepidez para falar livre, confiada e ousadamente de Cristo (At 2.29; 4.13,29,31; 9.27,28; 13.46; 14.3; 18.26; 19.8; 28.31; 2Co 3.12; Ef 6.19; 1Ts 2.2). Lembremo-nos, no entanto, que essa intrepidez é obra do Espírito Santo (At 4.13,29,31/1Ts 2.2). Calvino, por sua vez, analisa a contrapartida dessa fidelidade, dizendo: "Da mesma forma, aqueles que têm fracassado em seus deveres têm também sua boca fechada e suas mãos atadas, e são incapazes de fazer tudo satisfatoriamente, de

[59] CALVINO, João. *As Pastorais*, (1Tm 3.13), p. 95.

modo a não ser possível injetar-lhes qualquer confiança, nem tampouco outorgar-lhes qualquer autoridade."[60]

O diácono, como não poderia deixar de ser, no fiel exercício de seu ofício, amadurece em sua fé, tendo maior comunhão com Deus e segurança na proclamação do evangelho. É praticamente impossível desenvolver qualquer trabalho da Igreja de forma eficiente sem, ao mesmo tempo, amadurecer em nossa fé.

No próximo número, estudaremos sobre o ofício de presbítero.

[60] CALVINO, João. *As Pastorais*, (1Tm 3.13), p. 95.

DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA PASTORAL

# Princípios norteadores para uma Educação Cristã Reformada


Rev. Gildásio Jesus Barbosa dos Reis

Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição

Bacharel em Psicanálise Clínica

Licenciado em Filosofia Plena pelas Faculdades Associadas Ipiranga (FAI)

Mestrado em Teologia, com área de concentração em Educação Cristã, pelo Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper

Pastor da Igreja Presbiteriana de Osasco

# Princípios norteadores para uma Educação Cristã Reformada


## RESUMO

Este artigo fala sobre os pressupostos que devem nortear uma educação cristã reformada. O autor apresenta alguns distintivos teológicos de vital importância para o educador cristão, bem como os objetivos educacionais que este educador deve almejar atingir.



## PALAVRAS-CHAVE

Educação Cristã; Ensino Religioso; Escola Dominical.



## ABSTRACT

This article deals with the assumptions that must guide a Reformed Christian Education. The author indicates some theological marks which are very important to the christian educator, and the educational aims that the educator should achieve as well.



## KEYWORDS

Christian Education, Religion Education, Sunday School.

## INTRODUÇÃO

Vivemos em uma época de diversidade de conceitos, ideologias e paradigmas, fruto de um ambiente pluralista. Diversidade esta que se faz presente em todos os segmentos da sociedade. Na educação, não é diferente. Penso que é desejo de todo líder cristão oferecer à sua igreja uma educação que seja bíblica e eficaz. Sendo assim, para não cair na armadilha das muitas filosofias pós-modernas, precisamos estabelecer alguns pressupostos para a Educação Cristã.

## 1. O QUE É EDUCAÇÃO (CRISTÃ)?

Antes de vermos o que é Educação Cristã, precisamos, primeiramente, ver o que é *educação*. A educadora Maria Lúcia Aranha nos dá uma definição. Escreveu ela:

> A educação é um conceito genérico, mais amplo, que supõe o desenvolvimento integral do ser humano, quer seja da sua capacidade física, intelectual e moral, visando não só a formação de habilidades, mas também do caráter e personalidade social.[1]

Este tem sido um conceito de educação quase que universalmente aceito; ou seja, a educação, pelo menos em tese, visa também a desenvolver o caráter do ser humano. Tendo isso em mente, podemos dizer que a Educação Cristã também se propõe a desenvolver o ser humano de maneira integral, em suas habilidades e caráter. No entanto, trata-se de um processo distinto daquela "educação", pois a Educação Cristã é assim adjetivada, em razão de ter seus fundamentos e princípios baseados nos ensinamentos das Escrituras Sagradas.

Algumas definições de Educação Cristã:

> Educação Cristã é um processo de educação e aprendizado sustentado pelo Espírito Santo e baseado nas Escrituras. Procura guiar indivíduos a todos os níveis de crescimento através de métodos do ensino em direção ao conhecimento e vivência do plano e propósito divinos mediante Cristo em todos os aspectos da vida. Também equipa as pessoas para o ministério efetivo com uma ênfase geral

[1] ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofia da Educação.* São Paulo: Ed. Moderna, 1989, p.49

em Cristo como Mestre Educador por excelência e seus mandamentos de fazer e treinar discípulos.[2]

A Educação Cristã é o processo Cristocêntrico, baseado na Bíblia e relacionado com o estudante, para comunicar a Palavra de Deus através do poder do Espírito Santo, com o propósito de levar outros a Cristo e edificá-los em Cristo.[3]

A Educação Cristã é o esforço divino-humano deliberado, sistemático e contínuo de comunicar ou apropriar-se do conhecimento, valores, atitudes, habilidades, sensibilidades e o comportamento que constituem ou são consistentes com a fé cristã. Apóia a transformação e a renovação de pessoas, grupos e estruturas pelo poder do Espírito Santo para conformar-se à vontade de Deus, tal como expressa do Velho e Novo Testamentos e preponderantemente na pessoa de Jesus Cristo.[4]

Educação Cristã é um processo que ocorre tanto informalmente como através de uma série de eventos planejada, sistemática e contínua, objetivando levar o crente à conformar-se à imagem de Cristo (maturidade), tendo como base autoritativa as Escrituras Sagradas e sustentada pelo Espírito Santo, visando a glória de Deus.[5]

Desdobrando esta última definição, temos *sete distintivos teológicos* importantes:

**1.1. Educação Cristã é um processo**

Devemos ver a Educação Cristã como um processo de desenvolvimento do ser humano. Por *"processo"* entendemos uma ação progressiva que ocorre através de uma série de atos e eventos que produzem mudanças, e não importa se são rápidas ou lentas,[6] desde que conduza a um progresso, a uma melhora.

[2] GRAENDORF, Werner. Apud PAZMINO in *Cuestiones Fundamentais de la educación Cristiana.* Miami: Editorial Caribe, 1995, p. 96
[3] PAZMINO, Roberto, *Op Cit*., p. 96
[4] Idem, Ibidem., p. 97
[5] REIS, Gildasio. *Apostila Fundamentos Teológicos e Filosóficos da Educação Cristã.* São Paulo: JMC, 2004. Não publicado.
[6] Hoekema, definindo a santificação progressiva, ensina que este processo de crescimento varia de pessoa para pessoa e em graus diferentes (veja o capítulo 12 do livro *Salvos pela Graça.* São Paulo: Cultura Cristã, 1997, pp. 199-239)

Jésus também vê a Educação Cristã como um processo. Ele afirma que a educação é

> o processo através do qual a comunidade de fé se conscientiza e se transforma, à luz de sua relação com Deus em Jesus como o Cristo, que o chama a viver em amor, paz e justiça consigo mesmo, com seu próximo e com o mundo, em obediência ao Reino de Deus.[7]

Ele continua explicando a razão em se ver Educação Cristã como um processo, usando a natureza como ilustração:

> Uma forma de entender isto é observar os processos da natureza, como, por exemplo, uma semente. A semente tem a potencialidade de se transformar em uma árvore de onde se colha os frutos, porém, isto não ocorre instantaneamente. Ela requer que a semente seja plantada em um lugar onde há terra e água. Através do tempo e das diferentes mudanças que vão ocorrendo nela, germinará e começará seu processo de crescimento e em um dia nos dará os seus frutos. E tudo isso tomará tempo, em alguns casos mais do que outros.[8]

A Educação Cristã entendida como um processo vai nos ajudar a planejar uma série de passos sistemáticos para que, aplicados e à luz das Escrituras Sagradas, possamos promover mudanças e crescimento. E não devemos nos esquecer de que este processo é altamente pessoal e individualizado. Isto porque cada um de nós recebeu uma educação ou formação diferente das dos outros, e cada um também se encontra numa fase de desenvolvimento espiritual. Educação Cristã é um processo, e este não é igual para todos.

[7] JÉSUS, José Abraham. *En Busca de una Definición de educación Cristiana*, in http://www.receduc.com/educacioncristiana/defincn.html (capturado em 12/08/04)

[8] Idem

[9] Das 14 ocorrências do substantivo *tipos* no N.T., metade faz referência à exemplificação. Cf. "O Exemplo" por ZEMEK, George J. in *Redescobrindo o Ministério Pastoral*. Rio de Janeiro: CPAD, 1995, pp.294-313 (Cf. também em HOHLENBERGER III, John R., GOODRICK, Edward W., SWANSON, James A. *The Exhaustive Concordance To The Greek New Testament*, Michigan: Zondervan Publishing House, 1995)

**1.2. A Educação Cristã ocorre informalmente (piedade pessoal do educador)**

Educação informal é aquela realizada não intencionalmente (ou, pelo menos, sem a intenção de educar). Freqüentemente, o exemplo de um líder cristão é mais educacional do que os conteúdos que ele ensina, pois seus alunos podem aprender mais conteúdos valiosos em decorrência da observação de suas atitudes e de seu comportamento do que em conseqüência de seu ensino.

Um exemplo desta educação informal pode ser visto quando pais freqüentemente procuram educar seus filhos e, em grande parte das vezes, tentam fazê-lo através do ensino (via de regra, verbal). As atitudes e o comportamento dos pais podem ensejar a aprendizagem e a compreensão de conteúdos bíblicos, sem que os pais tenham a intenção de que seus filhos aprendam alguma coisa em decorrência da maneira pela qual se comportam.

Para Timóteo não ser desprezado em seu trabalho na Igreja de Éfeso, Paulo orienta-o a ser um modelo, no grego *tipos* (τυπō),[9] para seus ouvintes. Entre outras coisas, Timóteo deveria ser padrão na conduta (cf. 1Tm 4.12). Ele já havia sido orientado a respeito da necessidade de os presbíteros e diáconos serem irrepreensíveis (cf. 1Tm 3.2,8). Mas uma conduta irrepreensível também era exigida dele. Não obstante Timóteo ser muito jovem, precisava conquistar o respeito de seus ouvintes através de um comportamento exemplar. Isto porque "a influência do testemunho do pregador sobre a aceitação do sermão requer que nossa vida esteja posta sob o domínio da Escritura".[10]

Entende-se por conduta o modo de vida, maneira de tratar as pessoas, nos costumes, hábitos, vida no trabalho, relacionamento familiar, modo de lidar com as finanças, etc.[11] Timóteo deveria demonstrar uma conduta educadora que manifestasse a vida de Cristo. Uma conduta que estivesse acima da reprovação. "A conduta é um reflexo do caráter, o qual é nutrido e alimentado

[10] CHAPELL, Bryan. *Pregação Cristocêntrica.* São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 29.
[11] HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento: 1 Timóteo, 2 Timóteo e Tito.* São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 199.

num relacionamento crescente, submisso e comprometido com Cristo".[12]

O educador cristão vai ensinar muito com sua vida, desde que ela esteja em harmonia com as Escrituras.

Paulo, em duas passagens em sua carta aos Filipenses, nos convida a olhar para a sua vida e imitar o seu comportamento: "Irmãos, sede imitadores meus e observai os que andam segundo o modelo que tendes em nós" (Fl 3.17) e "O que também aprendestes, e recebestes e vistes em mim, isso praticai" (Fl 4.9). Perry Dows chama isto de "aprendizado por observação" e afirma que a "imitação dos modelos é um conceito bíblico para conduzir o povo à maturidade".[13]

### 1.3. Educação Cristã é um processo planejado, sistemático e contínuo

A educação formal é aquela realizada e organizada com o objetivo de educar. Exige-se um planejamento de temas, com horários determinados e uma série de eventos e atividades de ensino elaboradas sistematicamente com a intenção clara de educar. Os alunos sabem exatamente quando a educação começa e quando termina.

Muitas igrejas possuem um departamento educacional interno denominado de *Comissão de Educação Cristã* ou *Religiosa.* Seu objetivo é formular um programa unificado de educação, onde objetivos são fixados e uma série de esforços são programados e organizados para a eficácia do ensino. A educação sistemática e contínua exige, portanto, um bom programa de Educação Cristã, e este normalmente apresenta os seguintes aspectos:

a) Um estudo cuidadoso das necessidades da igreja local, quais os pontos fortes e fracos, qual área necessita de um investimento mais emergente;

[12] STOWELL, Joseph M. *Pastoreando a Igreja.* São Paulo: Vida, 2000, p. 174.
[13] DOWS, Perry G. *Introdução à Educação Cristã: Ensino e Crescimento.* São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 194.

b) O conteúdo bíblico a ser estudado, adequado às atuais necessidades. Além de o estudo ser bíblico, o tema adotado deve ser relevante para a vida da igreja;
c) Tem objetivos claramente fixados, ou seja, sabe-se onde se pretende chegar;
d) Tem um programa de recrutamento, treinamento e capacitação de líderes e professores;
e) Reuniões periódicas para avaliação do que foi realizado até então, com possibilidade de remanejamento.

**1.4. A Educação Cristã tem como objetivo levar o crente à maturidade**

Paulo, em Colossenses 1.28, diz: "o qual nós anunciamos, advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo".

Note bem que Paulo diz que ensinava com uma finalidade: "apresentar todo homem perfeito em Cristo". Obviamente que perfeito aqui não significa ausência de pecados, mas maturidade espiritual. O que queremos dizer por maturidade cristã é o processo de santificação, o caminho progressivo para a conformidade à imagem de Cristo no crente. A imagem original, desfigurada com a Queda (Gn 1.26,27), porém agora renovada em Cristo quando da conversão (Cl 1.15; Rm 8.29; 1Jo 3.2, 2Co 9.18).

Sabemos que a conversão apenas dá início a uma nova vida; mas, ao nascer, o novo crente inicia uma longa caminhada na espiritualidade, a qual necessitará de uma educação que seja cristã, a fim de proporcionar-lhe crescimento na fé e, assim, torná-lo "perfeito" em Cristo, ou seja, um crente maduro.

Esta maturidade cristã (santificação progressiva) pode ser vista em passagens como Colossenses 3.9,10, onde o apóstolo Paulo lembra a seus ouvintes de que eles se despiram do velho homem e se revestiram do novo. Este novo homem é descrito como aquele "que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou" (v.10).

A palavra grega αἠνακαινου,μενον (*anakainoumenon*), traduzida por "que se refaz" ou "que está sendo refeito", é um particípio e

encontra-se no tempo presente. Com isto, o significado pretendido pelo autor é uma renovação que perdura por toda a vida do crente.[14]

Um crente maduro é aquele que está crescendo progressiva e continuamente, sendo transformado à imagem de Cristo e, sob a obra graciosa do Espírito Santo, ele prossegue mortificando as práticas pecaminosas a que era inclinado (cf. 2Co 3.18; Cl 3.3; Rm 6.6; 8.13; Ef 4.22-24)[15]

**1.5. A Educação Cristã deve se fundamentar nas Escrituras Sagradas**

Calvino dizia que para alguém chegar a Deus, o Criador, é necessário que tenha a Escritura por guia e mestra.[16] O verdadeiro conhecimento de Deus está na Bíblia. Isto porque a Escritura é a única regra inerrante de fé e prática da vida da igreja.

Devemos proclamar a Palavra como medida única daquilo que é justo e verdadeiro, e o evangelho como a única proclamação da verdade salvadora. A verdade bíblica é indispensável para a Educação Cristã na igreja. Aliás, sem a Escritura não existe Educação Cristã. Todo o processo educativo da igreja deve estar fundamentado na Palavra, e só quando ela estiver sendo estudada e crida como nosso guia e mestra, é que cresceremos em direção à estatura de Cristo. Creio que uma educação que nos leva em direção à maturidade espiritual não pode prescindir do conhecimento das Escrituras.

Argumentando sobre a importância da Palavra na Educação Cristã, Perry Dows faz a seguinte observação:

> Porque é a verdade que santifica e liberta, e porque a Palavra de Deus é a verdade, uma educação eficaz deve ensinar a Palavra de Deus. A interação com a Escritura é essencial para a saúde espiritual da congregação e sem ela o crescimento espiritual é impossível[17]

[14] ROBERTSON, Archibald Thomas. *Word Pictures In The New Testament.* Michigan: Baker Book House, 1931.
[15] HOEKEMA, Anthony. *Salvos Pela Graça.* São Paulo: Cultura Cristã, 1997, p. 214.
[16] CALVINO, João. *Institución de la Religión Cristiana.* Apartado. Paises Bajos: Felire, 1986, I.6.
[17] DOWNS, *Op. Cit*., p. 164.

É fato que vivemos dias confusos, e uma significativa parcela do evangelicalismo moderno está vivenciando uma crise doutrinária e teológica. Num cenário em que tantas opiniões pessoais querem ter a primazia, é preciso reportar-se às Escrituras, que sempre têm a palavra final em qualquer questão. A Confissão de Fé de Westminster assim se expressa:

> O Juiz Supremo, pelo qual todas as controvérsias religiosas têm de ser determinadas e por quem serão examinados todos os decretos de concílios, todas as opiniões dos antigos escritores, todas as doutrinas de homens e opiniões particulares; o Juiz Supremo, em cuja sentença nos devemos firmar, não pode ser outro senão o Espírito Santo falando na Escritura.[18]

Um dos pressupostos da hermenêutica reformada é a crença na inspiração e autoridade das Escrituras. Paulo afirma que toda a Escritura é inspirada por Deus (2Tm 3.16,17). Toda a Escritura, portanto, é o sopro de Deus; é a própria vida e Palavra de Deus. Isto significa dizer que as Escrituras, por serem divinamente inspiradas, não contêm erros; sendo absolutamente inerrantes, verídicas em todas as suas afirmativas e, portanto, autoritativas quanto a todos os assuntos sobre os quais faz seguras afirmações. Esta verdade permanece inabalável em tudo o que ela diz sobre a salvação, valores éticos e morais, bem como tudo aquilo que acontece na história e no mundo (cf. 2Pe 1.20,21; note também a atitude do salmista para com as Escrituras no Sl 119).

A Confissão de Fé de Westminster declara a autoridade da Escritura:

> A autoridade da Escritura Sagrada, razão pela qual deve ser crida e obedecida, não depende do testemunho de qualquer homem ou igreja, mas depende somente de Deus (a mesma verdade) que é o seu autor; tem, portanto, de ser recebida, porque é a palavra de Deus. (*Ref. 2*Tm 3.16; 1Jo 5.9, 1Ts 2.13.) [19]

[18] *Confissão de Fé de Westminster*, Cap. I, parágrafo X
[19] Idem, ibidem, parágrafo IV

Uma Educação Cristã reformada prima pela relevância e indispensabilidade da Palavra de Deus. Em dias confusos como os nossos, temos que nos voltar para o Sola Scriptura e resgatar nossa confiança no seu ensino, o único que, mediante o seu poder, é capaz de transformar vidas.

**1.6. A Educação Cristã é sustentada pelo Espírito Santo**

Falando da inspiração das Escrituras, Pedro afirma que "homens santos falaram ao serem movidos pelo Espírito Santo" (2Pe 1.21). Assim, cremos que as Escrituras são o produto do Espírito Santo, que não apenas no-las dá, mas também nos capacita a entendê-las, iluminando as nossas mentes e aplicando a verdade de Deus no coração da Igreja (2Tm 3.15-17; cf. 1Tm 4.13).

Vemos a importância do Espírito Santo na educação no seguinte texto da nossa Confissão de Fé:

> Pelo testemunho da Igreja podemos ser movidos e incitados a um alto e reverente apreço pela Escritura Sagrada; a suprema excelência do seu conteúdo, a eficácia da sua doutrina, a majestade do seu estilo, a harmonia de todas as suas partes, o escopo do seu todo (que é dar a Deus toda a glória), a plena revelação que faz do único meio de salvar-se o homem, as suas muitas outras excelências incomparáveis e completa perfeição são argumentos pelos quais abundantemente se evidencia ser ela a Palavra de Deus; contudo, a nossa plena persuasão e certeza da sua infalível verdade e divina autoridade *provém da operação interna do Espírito Santo que, pela Palavra e com a Palavra, testifica em nossos corações*.[20]

Cremos que Deus é o autor supremo das Escrituras, e estas nos foram dadas para nos guiar e nos fazer ver a vontade de Deus para as nossas vidas. Cremos também que apenas o Espírito Santo pode nos fazer compreender a mente de Deus nas Escrituras. Portanto, devemos ter como pressuposto que ninguém pode prescindir do

[20] Idem., cap. I, parágrafo V (grifo nosso)

Espírito de Deus, caso contrário, seremos incapazes de conhecer o que Deus quer para nós.[21]

Em círculos reformados, há uma ação tríplice do Espírito em relação à Escritura. Primeiramente, ele inspirou os autores sagrados, colocando em seus corações aquilo que deveria ser registrado; em segundo lugar, tem preservado[22] de distorções a sua Palavra pura através dos séculos; e, em terceiro lugar, ele age sobre os ministros e ouvintes, iluminando suas mentes para que compreendam corretamente o significado dos textos e sua aplicação para a edificação do povo de Deus.

A Confissão de Fé fala sobre o testemunho interno do Espírito Santo, e sobre isso B. B. Warfield afirma:

> O testemunho interno do Espírito Santo é um ato sobrenatural do Espírito por meio da Palavra de Deus atentamente lida e ouvida, pela qual o coração do homem é movido, aberto, iluminado, voltado para a obediência da fé, de tal forma que o homem iluminado, verdadeiramente percebe a Palavra que é proposta a ele, como tendo procedido de Deus, e dá a ela, portanto, uma aprovação inabalável.[23]

Como educadores reformados, devemos ensinar a necessidade deste testemunho interno do Espírito, mesmo porque sabemos que a razão não é suficiente para nos convencer de que a Bíblia é a Palavra de Deus, em razão de nosso intelecto ter sido afetado pela Queda, e é por isso que Calvino diz que "o testemunho do Espírito é mais excelente do que toda a razão".[24]

Nas Institutas, Calvino assevera que

[21] SILVA, Moisés. *A Função do Espírito Santo na Interpretação da Bíblia.* in Fides Reformata, vol. II - Número 2 (Julho-Dezembro 1997), p.91.

[22] Falando sobre a preservação das Escrituras, Paulo ANGLADA a define da seguinte forma: "O texto bíblico, revelado e inspirado por Deus para garantir seu fiel registro nas Escrituras, foi cuidadosamente preservado por Ele no decorrer dos séculos, de modo a garantir que aquilo que foi revelado e inspirado continue disponível a todas as gerações subseqüentes" cf. *Sola Scriptura: A Doutrina Reformada das Escrituras*. São Paulo: Puritanos, p. 163,164.

[23] Citado por WARFIELD Benjamim, *Calvin and Calvinism*, p. 77.

[24] CALVINO, João. *Institución de la Religión Cristiana,* Livro I, VII. 6.

> Aqueles a quem o Espírito Santo tem ensinado interiormente verdadeiramente descansam sobre a Escritura, e que a Escritura é de fato auto-autenticada. Portanto, não é correto sujeitá-la à prova do raciocínio. E a certeza de que ela merece confiança vem do Espírito Santo. Mesmo que ela ganhe reverência por si mesma, pela sua própria majestade, ela nos afeta seriamente somente através do Espírito Santo.[25]

O que Calvino está afirmando é que a Palavra só será crida e obedecida como Palavra de Deus, quando confirmada pelo testemunho interno operado pelo Espírito (cf. 1Co 2.14 ; At 16.14 ; 2Co 4.3,4,6). Paulo diz que o homem natural, não regenerado, não tem condições de compreender a Bíblia. Ele não tem capacidade para isto e necessita, portanto, de que o Espírito Santo lhe abra os olhos para que ele venha deslumbrar as maravilhas da Lei do Senhor: "Desvenda os meus olhos para que eu veja as maravilhas da tua Lei" (Sl 119.18).

Desta forma, o educador cristão deve insistir que a iluminação do Espírito Santo é necessária na interpretação, compreensão e aplicação das Escrituras.

**1.7. A Educação Cristã visa a glória de Deus.**

Quais são os objetivos finais do processo de Educação Cristã? Qual é o ponto principal do ensino bíblico? Por que nós gastamos tempo, esforços e energia no processo educacional dentro da igreja?

O Catecismo Maior de Westminster, em resposta à pergunta nº1, diz o seguinte: "*O fim supremo e principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo plena e eternamente*"[26]. Existem muitas passagens bíblicas que sustentam esta proposição[27]. Se concordarmos que este é nosso objetivo último na Educação Cristã, então isso irá mudar a forma como ensinamos as Escrituras. Iremos ensinar não apenas para que os membros em nossas igrejas aprendam o conteúdo bíblico, mas também para que eles venham a ter uma relação com o autor da

[25] CALVINO, João. *Op. Cit*., I, VII.5.
[26] *Catecismo Maior de Westminster*. São Paulo: Cultura Cristã.
[27] Apenas para citar algumas: Rm 11.36; 1Co 10.31; Sl 73.24-26; Jo 17.22-24.

Bíblia. Nós não iremos apenas ensinar para que aprendam mais sobre Deus, mas para crescerem em sua relação com Deus.

Jesus Cristo disse a seu Pai na oração sacerdotal: "Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer" (Jo 17.4). Nós glorificamos a Deus com a Educação Cristã, fazendo aquilo que ele nos confiou para fazer: levar os crentes à maturidade em Jesus Cristo. Isto glorifica a Deus. Entendemos que o fim último da Educação Cristã é atender ao chamado de Deus para sermos educadores e, assim, colaborar em seu projeto que é o de transformar os homens, renovando-os à imagem de Cristo. A educação da alma é a alma da educação.

Portanto, o processo de educar (edu cere = trazer para fora) o povo de Deus, fazendo-o crescer no "conhecimento e na graça do Senhor Jesus", é, com toda certeza, algo que glorifica a Deus.[28]

## 2. Distintivos teológicos da Educação Cristã reformada

Os educadores reformados pressupõem quatro distintivos teológicos que orientam sua visão educativa. Afirmamos que a filosofia educacional da igreja é transformar o Corpo de Cristo através de uma formação que seja bíblica, confessional, eclesial e contextual.

### 2.1. Bíblica

Entendemos que as Escrituras Sagradas constituem o alicerce que deve nortear todas as nossas atividades. A Bíblia é o manual, o livro texto do professor cristão e, sem a Escritura, não haverá crescimento espiritual. De acordo com Paulo, "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra" (2Tm 3.16).

### 2.2. Confessional

Valorizamos a historicidade da nossa fé. Entendemos que os Catecismos e a Confissão de Fé de Westminster são importantes

[28] KISTEMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento: I Coríntios*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 498.

para nós que vivemos no terceiro milênio. Isto porque "não somos essencialmente diferentes dos crentes que viveram nos primeiros séculos da era cristã".[29] A importância destes símbolos é que eles nos ajudam, dando o alicerce para uma teologia sadia. A nossa fé também tem raízes históricas e esta é a razão porque julgamos serem tão importantes estes documentos para os nossos dias tão cheios de confusão teológica (cf. Sl 44.1,2).

**2.3. Eclesial**

Os membros de nossas igrejas, alunos em nossos seminários e institutos bíblicos, foram dotados de dons para o serviço, os quais precisam ser descobertos e desenvolvidos para o fortalecimento e para o bem de toda a igreja. Note que Paulo, em Efésios 4.12, descreve o resultado da educação. Diz ele que os pastores e mestres foram dados à igreja com "vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho de seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo".

Hendriksen, ao comentar esta passagem, diz:

> A idéia resultante é que Cristo deu alguns homens na qualidade de (...) mestres, com o propósito de "aperfeiçoar" (cf. 1Ts 3.10; Hb 13.21; 1Pe 5.10) ou prover o equipamento necessário para todos os santos com vistas à obra de ministrar uns aos outros bem como edificar o corpo de Cristo.[30]

Sabemos que uma Educação Cristã não será adequada se não atentar para o fato que é no desenvolvimento de relacionamentos e num contexto de amor, serviço, paciência, apoio, correção, disciplina, perdão e aceitação que a fé cresce e amadurece.

**2.4. Contextual**

Estamos inseridos em uma sociedade, em uma cultura, e é obrigação nossa como cristãos vivermos nesta sociedade ativamente,

[29] CAMPOS, Héber Carlos. *A Relevância dos Credos e Confissões.* in Fides Reformata, Vol. II – Número 2 (Julho-Dezembro 1997), p. 98.
[30] HENDRIKSEN, William. *Efésios: Comentário do Novo Testamento.* São Paulo: Cultura Cristã, 1992, p. 246.

de modo a sermos sal e luz, promovendo uma transformação. É tarefa educacional da igreja ajudar as pessoas a terem uma cultura cristã em que elas usem a teologia, interagindo com tudo o que há na vida (vd. Mt 9.35-38). Devemos expressar a glória de Deus em todas as áreas da vida: na família, na sociedade, na igreja. A educação reformada, em sua melhor expressão, visa capacitar as pessoas a lidarem com as implicações de uma visão cristã para toda a vida.[31]

Sabemos da importância de Calvino também na educação.[32] Ele foi um grande educador e, nesta qualidade, tinha como objetivo formar pessoas não apenas para o ministério, mas também para servirem na sociedade.[33]

Wilson Castro Ferreira, ao descrever um pouco da influência que Calvino exerceu em Genebra com a sua Academia, afirma:

> Calvino quis fazer da educação um instrumento hábil para produzir indivíduos capazes de servir na vida pública ou qualquer outra função, com a consciência do dever e sentido de vocação, tudo para a mais alta finalidade – a glória de Deus.[34]

## 3. Que objetivos educacionais a Educação Cristã deve procurar desenvolver?

Quando falamos em objetivos educacionais, temos em mente um certo desempenho esperado daqueles a quem ensinamos. Dito em outras palavras, onde queremos chegar? O que desejamos que nossos alunos sejam no futuro como fruto de nosso ensino?

Para responder a esta questão, formulamos nossos objetivos em termos comportamentais, considerando a já conhecida tríade expressa nos três aspectos humanos: conhecer-ser-fazer.

[31] VAN TIL, Cornelius. *Essays On Christian Education.* Nueva Jersey: Presbyterian & Reformed, 1977, pp. 78-80.

[32] Indico a leitura do artigo do Dr. Héber Carlos de Campos intitulado "*A Filosofia Educacional de Calvino e a Fundação da Academia de Genebra",* publicado na Revista Fides Reformata 5/1 de 2000.

[33] MOORE, T. M. *Some Observations Concerning The Educational Philosophy Of John Calvin. in* Westminster Theological Journal 46 – 1984, p. 140

[34] FERREIRA, Wilson Castro. *Calvino: Vida, Influência e Teologia.* Campinas: Luz Para o Caminho, 1990, p.189.

### 3.1. Conhecer

Este aspecto intelectual (*notitia*) ou cognitivo se refere a como as pessoas reconhecem as coisas e pensam sobre elas. Jesus disse: "*Amarás* o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o *teu entendimento...*" (Mt 22.37).

A Bíblia deixa bem explícito que há uma relação direta entre como pensamos e como agimos. Paulo descreve os inimigos da cruz de Cristo como aqueles que "só se preocupam com as coisas terrenas" (Fp 3.19), em oposição aos crentes, os quais devem pensar 'nas coisas lá do alto, e não nas que são daqui da terra" (Cl 3.2).

Podemos ver também esta relação feita pelo apóstolo, em Romanos 12.2: "E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela *renovação da vossa mente*, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus".

Observe bem a relação feita por Paulo. Escreveu ele: renove a mente, pois ela moldará o comportamento, fazendo-o experimentar a vontade de Deus. Portanto, se a maturidade cristã é moldada pela maneira como pensamos, deve ser um de nossos objetivos educacionais levar nossos ouvintes a conhecerem corretamente a Deus e a maneira como ele quer que nos comportemos.

Precisamos trabalhar para o crescimento intelectual (cognitivo) de nossos alunos. Precisamos ensiná-los a pensar teologicamente, conhecer as verdades bíblicas e refletir nos conceitos (categorias) bíblicos e teológicos.

Conhecer a verdade é conhecer o alicerce sobre o qual se erguerá o edifício da fé cristã. Sem um bom alicerce, o edifício será frágil. Sem um bom conhecimento bíblico, teremos um crente frágil.

> Se é verdade que a mente molda o coração e a vontade, então é imperativo que os cristãos aprendam a pensar sobre a verdade. Uma Educação Cristã eficaz molda os alunos a conhecerem a verdade e a pensarem com a verdade, para que seus comportamentos sejam moldados pela verdade.[35]

[35] DOWS, Perry G. *Op. Cit.*, p. 222.

Em Cristo, o homem, antes rebelde, encontra sua plena satisfação em Deus.[36] A Educação Cristã deve ser cristocêntrica, procurando capacitar as pessoas a conhecer, através da Palavra, a pessoa de Cristo e a crescer nele. Por isso, o educador cristão tem a responsabilidade de ajudar as pessoas a lidar pessoal e corporativamente com as implicações do senhorio de Jesus.

### 3.2. Fazer

É tarefa da Educação Cristã ajudar as pessoas a pensarem corretamente sobre Deus, contudo, não queremos que nossos ouvintes, alunos ou ovelhas tenham uma fé meramente intelectual. Fazendo menção de Lucas 6.46, onde Jesus disse: "Por que me chamais Senhor, Senhor, se não fazeis o que vos mando?" Observe que Jesus critica uma fé que se limita ao aspecto cognitivo.

A teologia, ou seja, aquilo que conhecemos a respeito de Deus, não pode estar divorciada das nossas experiências de vida. Não é suficiente conhecer o conteúdo da verdade, precisamos aplicar este conteúdo em nosso dia-a-dia. Jesus, em João 13.17, afirmou: "Se sabeis [conhecer] estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes [fazer]". Saber e fazer, um binômio inseparável.

Esta é uma excelência educacional que devemos almejar alcançar. Devemos ter como objetivo promover uma educação que leve ao aprendizado prático da verdade conhecida.

Maturidade cristã significa viver a verdade nas diversas situações da vida. Tiago nos exorta dizendo que a fé (conhecer) sem obras (fazer) é morta. Não resta dúvida de que a Educação Cristã é um processo de aprender a viver. Sem prática, não há aprendizagem. E se não há aprendizagem, não há educação. "Detesto qualquer informação que é dada, que aumenta minha instrução, mas não muda minha atividade".[37]

[36] PIPER, John. *Teologia da Alegria: A Plenitude da Satisfação em Deus.* São Paulo: Shedd, 2001, p. 9.
[37] GOETHE in DIMENSTEIN, Gilberto. *Fomos Maus Alunos.* São Paulo: Papirus, 2003, p. 33.

### 3.3. Ser

Afirmamos que o conhecer não pode estar divorciado do fazer, senão o saber se transforma numa ortodoxia morta. Mas é verdade também que o fazer sem o conhecer pode se transformar numa mera religiosidade vazia, pois sabemos ser possível fazer a coisa certa sem ter qualquer relacionamento com Deus. Daí a necessidade de uma terceira excelência a ser buscada.

Para uma Educação Cristã eficaz é imprescindível educar o aluno a ser. Nosso desejo e desafio é conduzir as pessoas à maturidade cristã, e esta é produto de uma experiência prática que tem como conteúdo a Palavra de Deus. Contudo, o fazer não deve ser uma mera repetição do conhecimento adquirido, mas fruto de uma transformação do coração. Faço (fazer), não apenas porque sei (conhecer), mas porque sou (ser) assim.

Mais uma vez o texto de Mateus 22.37 nos é útil: Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração [ser], de toda a tua alma [fazer] e de todo o teu entendimento [conhecer].

Quando falamos em educar o aluno para ele *ser*, estamos fazendo referência ao conceito bíblico de coração. Conforme o ensino das Escrituras, o coração é o órgão central da personalidade humana (Pv 27.19), de onde emanam todas as coisas (Mt 15.19). O profeta Jeremias disse que o coração é desesperadamente corrupto (17.9). O coração do homem entregue a si mesmo sempre estará produzindo afeições, emoções e ações desordenadas. As nossas ações são resultado daquilo que somos (Pv 4.23). Em razão disso, é que, em nossa teologia e filosofia educacional, primamos pela educação do ser, ou melhor, do coração.

"Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus... prega a Palavra, insta, quer seja oportuno quer não, corrige, repreende, exorta com toda longanimidade e doutrina. Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário cercar-se-ão de mestres segundo suas próprias cobiças... e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fabulas" (2Tm 4.1-4).

# O confronto de Elias e Acabe: Uma análise bíblico-teológica de 1 Reis 17-18

Rev. Dario de Araújo Cardoso

Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição

Mestrando em Antigo Testamento pelo Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper

Pastor da Igreja Presbiteriana da Casa Verde

# O confronto de Elias e Acabe
# Uma análise bíblico-teológica de 1 Reis 17-18


## RESUMO

Tomando como *Mitte* (centro unificador) o Reino, o Pacto e o Mediador, o autor faz uma análise bíblico-teológica do confronto entre o profeta Elias e o rei Acabe. Rev. Dario mostra como Acabe, usado por Satanás, afrontou deliberadamente a Yahweh e afastou o povo de Deus das estipulações da Aliança. Mostra também como o profeta Elias, mensageiro do Senhor, desafiou o reino parasita, confrontando Acabe e reprovando seus atos pecaminosos.



## PALAVRAS-CHAVE

Teologia Bíblica; *Mitte*; Reino Parasita; História de Israel; Acabe; Elias.



## ABSTRACT

The author analyses the Elijah and Ahab confront from a biblical and theological approach, which has as unifying center the concept of the Kingdom, the Covenant and the Mediator. Rev. Dario shows how Ahab, used by Satan, defied Yahweh and put the people of God apart of the Covenant determinations. He also shows how the prophet Elijah, messenger of God, defied the parasite kingdom by defying Ahab and rebuking his sinful deeds.



## KEYWORDS

Biblical Theology, *Mitte*, Parasite Kingdom, Israel History, Ahab, Elijah.

## INTRODUÇÃO

Faremos aqui uma análise bíblico-teológica do confronto entre o profeta Elias e o rei Acabe de Israel (do Norte) registrado nos capítulos 17 e 18 de 1 Reis. Esses capítulos registram dois célebres eventos bíblicos que marcaram esse confronto. O primeiro, que delimita a narrativa, é a seca de cerca de 3 anos, iniciada e terminada sob a mediação do profeta. O segundo, que marca o clímax do confronto, a descida de fogo sobre o altar construído no monte Carmelo.

Procuraremos observar a relação dos eventos relatados entre si e a reflexão teológica que surge a partir deles, verificando, em especial, a presença do *mitte* (tema unificador das Escrituras) proposto por Gehard Van Groningen em seu livro "Criação e Consumação": o reino, o pacto e o mediador.

Para isso, é necessário começar nossa pesquisa um pouco antes do texto bíblico proposto, em 1 Reis 16.29-34, para entender como foi o reinado de Acabe e quais as questões que geraram o confronto com o profeta Elias. Precisaremos compreender o que era e quais as implicações teológicas da adoração a Baal, que Acabe oficialmente instituíra em Israel.

Depois trataremos do confronto em si e como ele se deu. Observaremos, além da história, implicações que os diversos momentos e movimentos produzem. Por força de nosso propósito, faremos menção de outros personagens somente quando for necessário ao entendimento do relato.

Na terceira parte, que servirá também como conclusão, verificaremos a presença do tema unificador (*mitte*) no relato, bem como as contribuições desse relato para a mensagem das Escrituras.

## 1. Reinado de Acabe, um desafio ao reinado de Yahweh

### 1.1. Quem foi Acabe?

Acabe, filho de Onri, foi o sétimo a reinar sobre Israel após a divisão do reino nos dias de Roboão. Reinou sobre Israel de 874 a 853 a.C., 22 anos, conforme o registro bíblico. O livro de Reis registra duas descrições de Acabe e seu reino. A primeira em nosso

texto (17.29-34), feita pelo narrador e a segunda em 21.25-26, por boca de Elias.

Em nosso texto, encontramos a seguinte descrição feita pelo narrador:

Fez o que era mau perante o Senhor,
mais do que todos antes dele
não bastando andar nos caminhos de Jeroboão
casou com Jezabel – filha de Etbaal – rei dos sidônios
serviu a Baal e o adorou
levantou um altar a Baal
construiu uma casa para Baal
também fez um poste ídolo
fez mais para irritar ao Senhor, Deus de Israel
do que todos os reis antes dele.

Podemos observar a nota extremamente negativa que nos é fornecida sobre o reinado de Acabe. Ele fez mais para irritar ao Senhor do que todos os reis antes dele. Seus atos são descritos como uma afronta a Yahweh, Deus de Israel. "A lealdade de Israel a seu Deus alcança o ponto baixo no rei Acabe (16.30-33) (...) o narrador cita Acabe como o pior rei do Reino do Norte".[1]

Devemos notar que o texto o descreve como indo além dos pecados de Jeroboão. Jeroboão foi quem afastou Israel da adoração em Jerusalém, construindo bezerros de ouro e ordenando ao povo que os adorasse (1Rs 12.26-29). É importante lembrar que os bezerros de ouro estão ligados à saída de Israel do Egito. São tomados por Yahweh, como se eles tivessem libertado Israel (Ex 32.4,5).[2] São, portanto, uma falsa adoração a Yahweh; certamente, um grande pecado.

Mas Acabe foi além e propôs abertamente o abandono total de Yahweh e instituiu a adoração a um outro deus, Baal.[3] Ele quer

[1] NELSON, Richard. D. *First and Second Kings* in *Interpretation – A Bible Commentary for Teaching and Preaching.* Louisville: John Knox Press, 1987, p. 101.
[2] cf. HOUSE, Paul R. *1, 2 Kings – The New American Commentary.* vol. 8. Broadman & Holman Publishers, 1995, p. 184.
[3] cf. RICE, Gene. *Nations Under God: A Commentary on the Book of 1 Kings – International Theological Commentary.* Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co, 1990, p. 137.

irritar Yahweh. Quer confrontar o seu domínio. Uma clara e decidida quebra do mandato espiritual.[4] "Aqui a adoração de Baal, específica de Tiro, é introduzida na estrutura de adoração pública do Reino do Norte, trazendo com ela um panteão completo de deidades fenícias e o ritual para adorá-las".[5]

A atitude de rebeldia de Acabe para com Yahweh foi imediatamente vista na forma como ele rompeu o mandato social[6] casando-se com Jezabel, uma estrangeira, filha do rei de Sidom, e ardorosa adoradora de Baal. Em princípio, parece que Jezabel não tem maior participação nos pecados de Acabe, mas recebemos uma preciosa informação sobre o casamento de Acabe e Jezabel e sua influência sobre Acabe no incidente da vinha de Nabote (21.1-16), onde se vê Acabe quebrando o mandato cultural.[7] Elias nos esclareceu essa ligação quando disse:

Ninguém houve, pois, como Acabe
que se vendeu para fazer o que era mau perante o Senhor
porque Jezabel, sua mulher, o instigava
que fez grandes abominações
seguindo os ídolos
segundo tudo o que fizeram os amorreus
os quais o Senhor lançou de diante dos filhos de Israel

DeVries diz que o escritor "é explícito, acusando Acabe de quatro, até aquele momento, impensáveis pecados: (1) casar com uma baalista filha de um rei baalista; (2) adorar Baal e prostrar-se diante dele; (3) construir um templo de Baal em Samaria e (4) fazer uma imagem da Mãe Terra, Aserá".[8]

O casamento de Acabe tinha total relação com seus pecados e com sua afronta a Yahweh. Ela o instigava e o fez tornar-se semelhante aos

[4] Mandato espiritual: estipulações de Deus para o relacionamento dos homens com ele.
[5] DEVRIES, Simon J. *1 Kings* in *Word Biblical Commentary, vol. 12.* Waco: Word Books Publisher, 1985, p. 204; cf. COOK, F. C. (ed.). *Barnes' Notes – The Bible Commentary, I Samuel to Ester.* Grand Rapids: Baker Books, 1998 reimp., p. 199.
[6] Mandato social: estipulações de Deus para o relacionamento do homem em família.
[7] Mandato cultural: estipulações de Deus para o relacionamento do homem com a sociedade e a natureza.
[8] DEVRIES, *ibid*., p. 204.

amorreus que, por seu pecado, foram destruídos na conquista de Canaã. Foi Jezabel quem, durante o período de seca, exterminou os profetas de Yahweh (18.4) e os teria matado todos se não fosse a piedade de Obadias, o mordomo do rei, que escondeu e alimentou 100 profetas. Ela fez isso, certamente, no intuito de enfraquecer a adoração de Yahweh e, assim, o seu poder, para que Baal pudesse retomar o domínio da situação.[9] Jezabel também sustentava, sob os auspícios palacianos, os profetas de Baal e do poste-ídolo (um total de 950 profetas), alimentando-os em sua própria mesa (18.19).[10]

Jezabel era o laço que prendia Acabe e o instigava a desafiar Yahweh, não cumprindo o seu dever de vice-gerente real e submetendo Israel ao domínio do reino parasita. "Com o rei adotando a religião canaanita e a rainha agressivamente promovendo-a (cap. 18), que chance tinha a autêntica fé de Israel sobreviver?".[11]

A questão era: quem é o Deus de Israel?[12] A quem pertence o domínio? Quem governa sobre Israel (21.7)? Acabe respondia: Baal é deus e eu sou o rei.

### 1.2. Baal, senhor dos sidônios

Segundo a International Standard Bible Encyclopedia, o vocábulo בעל significa "possuidor". Supõe-se que tenha originalmente significado, quando usado em sentido religioso, o deus de um particular pedaço de terra. Talvez daí tenha sido derivado o sentido de "senhor". "O escritor fenício Sanchuniathon (*Philo Byblius*, Fragmento II) diz que as crianças da primeira geração da humanidade 'no tempo de seca estenderam suas mãos para o céu em direção ao sol; pois elas o reconheciam como o único senhor do céu, e chamaram-no Beel-samen, que significa 'Senhor do Céu', na linguagem fenícia, e é equivalente a Zeus em grego'. Baal-Shemaim tinha um templo em Umm el-Awamid entre Acre e Tiro...".[13] Como deus-

[9] cf. HENRY, Matthew. *Commentary on the Whole Bible, 1 Kings 18.1,* disponível em: MEYERS, Rick. E-sword, versão 7.1.0 <www.e-sword.net> acessado em 6/7/2004.
[10] cf. NELSON, *ibid*., p. 100.
[11] RICE, *ibid*., p. 139.
[12] cf. NELSON, *ibid*., p. 112.
[13] International Standard Bible Encyclopedia, "*Baal*", disponível em: MEYERS, ibid.

sol, ou deus de fogo,[14] Baal poderia dar luz e calor a seus adoradores, bem como impingir secas para destruir a vegetação que ele mesmo trouxera à vida.

Por outro lado, a maioria dos dicionários e comentários consultados apontam Baal como um deus da tempestade.[15] Ele é descrito como tendo um raio na mão esquerda,[16] assim o deus do trovão.[17] "O texto Râs Shamrah louva Baal como o deus que tem o poder sobre a chuva, vento, nuvens e, portanto, sobre a fertilidade".[18] Wallace o apresenta como deus da chuva.[19]

Baal é tido como o mantenedor da vida vegetal, o deus que concede aos seus adoradores boas colheitas. "Ele está acima dos deuses da tempestade que dão a chuva suave que faz renascer a vegetação. Anos de seca são atribuídos a seu temporário cativeiro e mesmo morte. No entanto, em sua revivificação, campos, rebanhos e famílias se tornavam produtivos".[20]

"Naquelas regiões semi-áridas, toda a vida era dependente de uma quantidade suficiente de chuva. Portanto, Baal é o "todo-poderoso", o "exaltado", o "soberano senhor da terra", o rei acima de quem nenhum outro pode estar, o único que dá substância a todas as criaturas vivas".[21]

Tal atribuição é uma clara afronta a Yahweh, o criador e mantenedor de todas as coisas. Uma negação do senhorio de Yahweh sobre o céu e a terra. Foi Yahweh quem, no quarto dia da criação, estabeleceu, no pacto da Criação, o sol para governar o dia e para

[14] cf. DEVRIES, ibid., 231; PINK, Arthur W. *La Vida de Elias*. Edinburgh: El Estandarte de la Verdade, 1992, 3 ed., p. 152.
[15] BROMILEY, Geoffrey W. (ed.). *The International Standard Bible Encyclopedia.* Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1979, p. I.377; BOTTERWECK, G. Johannes e RINGGREN, Helmer (ed.) *Theological Dictionary of the Old Testament.* Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1985 reimp., p. II.183, 185; HARRIS, R. Laird (ed.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento.* São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 262; HOUSE, *ibid*., p. 210.
[16] cf. BROMILEY, p. I.377; WALSH, Jerome T. *1 Kings – Berit Olam – Studies in Hebrew Narrative & Poetry.* Collegeville: The Litugical Press, 1996, p. 261.
[17] cf. BOTTERWECK. *ibid*., p. II.186.
[18] BROMILEY. *ibid*., I.378. vd. BOTTERWECK. *ibid*., II.187; RICE, *ibid*., p. 132.
[19] WALLACE, Ronald S. *Readings in 1 Kings.* Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1995, p. 108.
[20] HARRIS, *ibid*., p. 262.
[21] BOTTERWECK, *ibid*., II. 187-188.

ser sinal para estações, dias e anos (Gn 1.14-18). Foi ele quem no terceiro dia ordenou o crescimento da vegetação e das árvores e quem as deu por alimento aos homens e aos animais (Gn 1.11-12, 29,30). Foi ele quem, após o dilúvio, prometeu manter o pacto criacional de modo a não faltar sementeira e ceifa, frio e calor, verão e inverno, dia e noite. O salmista canta ao Deus criador e assim descreve suas obras:

> "Do alto da tua morada, regas os montes, fazes crescer a relva para os animais e as plantas, para o serviço do homem, de sorte que da terra tire o seu pão, o vinho, que alegra o coração do homem, o azeite, que lhe dá brilho ao rosto, e o alimento que lhe sustém as forças ... Fez a lua para marcar o tempo e o sol conhece a hora de seu ocaso" (Sl 104.13-15; 19).

Já nos dias de Samuel, a adoração a Baal estivera presente no meio de Israel (1Sm 7.4); mas, agora, o reino parasita se insurge para apoderar-se da nação eleita através de seu rei, o agente pactual. Sob o comando de Acabe, rei de Israel, Satanás afronta Yahweh e afasta o povo pactual de seu Deus.[22]

O ambiente é pior que o dos dias dos juízes. Juízes 17.6 registra que "Naqueles dias não havia rei em Israel; cada qual fazia o que achava mais reto". Agora, mesmo havendo rei em Israel, as prescrições do Senhor são postas de lado. Que a *Torah* fora abandonada se vê na profusa quebra dos mandatos e na adoração quase toda abrangente de Baal (1Rs 19.10 – os filhos de Israel deixaram a tua aliança ... e eu fiquei só...).

Além disso, uma nota interessante ilustra o desprezo por Yahweh.[23] Um homem chamado Hiel (que quer dizer "Deus vive"), natural de Betel (um lugar marcante do relacionamento de Jacó/Israel com Deus – Gn 28.10-22; 35.1-15), afronta uma antiga maldição quanto à reconstrução de Jericó (Js 6.26). Josué fizera o povo jurar que Yahweh puniria com morte o primogênito e o caçula da-

[22] cf. DEVRIES, *ibid*., 204.
[23] cf. idem., p. 204, 205.

quele que se dispusesse a reconstruir Jericó. Hiel não recuou de seu propósito, mesmo perdendo seus filhos.[24] Talvez, para ele, Yahweh estivesse morto ou não teria mais autoridade sobre Israel;[25] estava, como se viu, enganado.

O fato é que o reino parasita tinha se fixado em Israel e o relacionamento pactual entre Yahweh e seu povo parecia estar chegando ao fim.

## 2. Elias e seu desafio ao reino parasita

### 2.1. Quem é Elias para repreender o rei?

É neste tenebroso contexto que surge repentinamente Elias. A descrição deste homem é suscinta e bastante genérica: "Elias, o tesbita, dos moradores de Gileade". Elias não é apresentado como profeta.[26] Aliás, ele se apresenta assim apenas duas vezes e no mesmo contexto (1Rs 18.22 e 36).

Normalmente, ele é apresentado como "o tesbita" (17.1; 21.17, 28; 2Rs 1.3,8; 9.36). Não se sabe se esta designação se refere a uma desconhecida cidade de Tisbe ou simplesmente à caracterização de Elias como um "andarilho" das distantes, inóspitas e rudes terras de Gileade.[27] De qualquer maneira, nada expressivo está sendo relatado. Nenhuma credencial ou *status* está sendo apresentado.

Um outro aspecto que aponta para a falta de expressividade de Elias é a frase "dos moradores de Gileade". Gileade era uma região montanhosa a leste do Jordão, portanto, bem afastada do centro social e político de Israel. Ali viviam pessoas simples e rústicas, certamente desprovidas de todo o aparato e pompa da corte samaritana.[28]

[24] Há alguns que sugerem que o próprio Hiel, influenciado pela religião canaanita, ofereceu seus filhos em sacrifício (WALLACE, *ibid*., 106). Vd. DEVRIES, p. 205; HOUSE, *ibid*., p. 204.
[25] cf. PINK, *ibid*., p. 14-15.
[26] HOUSE, *ibid*., p. 209.
[27] cf. DEVRIES, *ibid*., p. 216; HENRY, Matthew, *ibid*., 1 Kings 17.1; KEIL & DELITISCH. *Commentary on the Old Testament*, 1 Kings 17.1, disponível em: MEYERS, *ibid*.; COOK, *ibid*., p. 200; WALSH, *ibid*., p. 225-226.
[28] cf. GARDNER, Paul D. (ed). *Who's Who in the Bible.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1995, p. 151; PINK, *ibid*., p. 17.

Em suma, Elias era um ilustre desconhecido, não tinha berço, raízes ou seguidores. Era um homem simples, comum, como qualquer um de nós (Tg 5.17). Mas isso não é tudo o que se pode dizer sobre Elias. O capítulo 17 de 1 Reis se dedica a nos informar melhor sobre esse homem subitamente aparecido.

### 2.1.1. Elias é um servo de Yahweh

A expressão לְפָנָיו (contida na expressão "perante cuja face") é clássica na descrição do relacionamento pactual.

Em Gênesis 3.8, ela é usada para mostrar que Adão e sua mulher não mantinham mais um relacionamento franco com Deus. O mesmo quanto a Caim após assassinar seu irmão (Gn 4.16).

De um modo positivo, ela é usada em Gênesis 17.1 como proposição do Senhor para Abrão, antes de fornecer as estipulações da circuncisão para a formalização da aliança já prometida e inaugurada. É com essa expressão que Abraão se descreve em relação pactual com Yahweh (Gn 24.40) e Jacó descreve seus pais em Gênesis 48.15.

No primeiro mandamento, Yahweh proíbe ter outros deuses "em minha face" (Êx 20.2).

Elias é alguém que está e que vive diante da face do Senhor. É um servo de Yahweh.[29] Seu nome significa: Yahweh é o meu Deus.[30]

### 2.1.2. Elias é obediente a Yahweh

Não há registro de que Deus tenha ordenado a Elias que confrontasse Acabe. Mas, a partir de 17.2, somos colocados diante de um Elias que obedece prontamente a todos os comandos de Yahweh.[31] Os comandos improváveis como ir até Querite para ser regiamente sustentado por corvos (17.3-5).[32] Os comandos mais perigosos como ir até Sidom, terra de Jezabel, para ali ser sustentado por uma viúva à beira da inanição (17.9-13).[33] Em todo o tempo, Elias se mostra submisso e confiante em Yahweh. Ele é um

[29] cf. HENRY, *ibid*.; WALLACE, *ibid*., p. 108.; DEVRIES, *ibid*., p. 218; WALSH, *ibid*., p. 226.
[30] cf. GARDNER, *ibid*., p. 149; HENRY, *ibid*.
[31] cf. WALSH, *ibid*., p. 234.
[32] cf. NELSON, *ibid*., p. 109.
[33] cf. *ibidem*, p. 110.

cumpridor do pacto, alguém em perfeita comunhão com o seu Senhor pactual.

### 2.1.3. A palavra de Yahweh está em sua boca

No confronto com Acabe, Elias afirma que não choverá sobre Israel segundo a palavra dele. A palavra é identificada como sendo do próprio Elias.[34] Ele, provavelmente, se baseava em Deuteronômio 11.16-17:[35] "Guardai-vos não suceda que o vosso coração se engane, e vos desvieis, e sirvais a outros deuses, e vos prostreis perante eles; que a ira do Senhor se acenda contra vós outros, e feche eles os céus, e não haja chuva, e a terra não dê a sua messe, e cedo sejais eliminados da boa terra que o Senhor vos dá".

Mas será que Yahweh confirmaria essa palavra? A resposta é sim.[36] Primeiramente isso é afirmado pelo narrador quando diz que "da panela o azeite não se acabou, e da botija o azeite não faltou, segundo a palavra do Senhor, por intermédio de Elias" (17.16).[37] Ou seja, Yahweh fala por intermédio de Elias. Depois, a viúva sidônia o confirma com seu testemunho: "Nisto conheço agora que tu és homem de Deus e que a palavra do Senhor na tua boca é verdade" (17.24).[38]

### 2.1.4. Elias é o vice-gerente de Yahweh

São sintomáticas as conversas de Acabe com Elias:

> "Vendo-o disse-lhe: És tu, ó perturbador de Israel? Respondeu Elias: Eu não tenho perturbado Israel, mas tu e a casa de teu pai, porque deixastes os mandamentos do Senhor e seguistes os baalins" (18.17,18). "Perguntou Acabe a Elias: Já me achaste, inimigo meu? Respondeu ele: Achei-te, porquanto já te vendeste para fazer o que é mau perante o Senhor" (21.20).

[34] cf. OLLEY, John. W., *YHWH and His Zealous Prophet: The Presentation of Elijah in 1 and 2 King* in *Journal for the Study of the Old Testament* nº. 80 S 1998, p. 27-28.
[35] cf. COOK, *ibid*., p. 201; CLARK, Adam. *Clark's Commentary OT* in The Ages Digital Library Commentary. Albany: Ages Software, 1997, versão 5.0. CD-ROM, p. II.813.
[36] cf. HENRY, *ibid*.; WALSH, *ibid.* p. 227ss.
[37] cf. WALSH, *ibid*., p. 230; PINK, *ibid*., p. 89.
[38] cf. NELSON, *ibid*., p. 108; WALSH, *ibid*., p. 232; PINK, *ibid*., p. 109.

Elias é um mensageiro de Deus para confrontar Acabe e reprovar os pecados que o rei cometia contra Yahweh.[39] Assumia assim o papel de administrador pactual, declarando as maldições do pacto sobre aquele que o estava violando.

Agora Elias é o vice-gerente, por representar Yahweh,[40] o desconhecido Elias se torna mais importante do que o rei de Israel e se atreve a desafiá-lo.[41] "Elias, portanto, descreve a si mesmo como alguém a quem o poder do Deus de Israel tem dado o rei idólatra e o seu povo".[42]

### 2.2. O desafio de Yahweh a Baal

O mensageiro de Yahweh anunciou que não haveria chuva ou orvalho sobre a terra, porque Yahweh estava vivo, ele era o Deus de Israel. Baal não era deus de Israel, muito menos deus da criação. Não tinha poder para mandar ou para retirar a seca[43]. O passar do tempo confirmaria a palavra de Elias e ficaria manifesta a nulidade do poder de Baal.[44]

DeVries coloca a questão da seguinte forma: "Isto soava como um desafio de Yahweh a Baal, representado por Acabe. Se Yahweh retivesse a chuva, então, Baal não seria capaz de fazer nada a esse respeito, e então, ao trazê-la pela palavra de Elias, ele provará a si mesmo como sendo o único Deus verdadeiro".[45]

1 Reis 18.1 registra que muito tempo depois, cerca de três anos, Yahweh se dirigiu novamente a seu administrador. Por sua livre misericórdia, tornaria a trazer chuva sobre a terra e Elias seria o agente para isso.[46]

A fome em Samaria era extrema. Acabe e seu servo Obadias se dividiram para procurar na terra alguma erva com o intuito de não

[39] cf. WALSH, *ibid*., p. 243.
[40] cf. *ibidem*., p. 234, 235.
[41] cf. RICE, *ibid*., p. 140-141.
[42] cf. KEIL, *ibid*.
[43] cf. HOUSE, *ibid*., p. 213.
[44] cf. NELSON, *ibid*. p. 109; BAHR, Karl Chr. W. F. *The First Book of the Kings* in LANGE, John Peter. *A Commentary on the Holy Scriptures.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1960, p. 179; RICE, *ibid*., p. 141.
[45] DEVRIES, *ibid*., p. 216, vd. p. 218
[46] cf. JAMIESON, FAUSSET and BROWN. *Commentary*, 1 Kings 18.1, disponível em: MEYERS, *ibid*.

perder todos os animais. Certamente, Deus se compadeceu de sua criação, que estava à beira da morte, em decorrência do pecado. Também se lembrou da administração do pacto com Noé, quando se comprometeu a dar à sua criação sementeira e ceifa (Gn 8.22).

O pecado ainda grassava em Israel. Jezabel mandara matar todos os profetas do Senhor.[47] E assim teria acontecido se Obadias não tivesse escondido e alimentado cem deles. Mas a misericórdia do Senhor se sobrepôs a tudo isso: reaproximaria de si o povo e a chuva seria concedida novamente a Israel.[48]

Assim, Elias deveria voltar a Israel e comparecer perante Acabe. Um confronto mais direto a Baal ainda precisava ser feito e isso diante de todo o povo. Por isso, Elias ordenou a Acabe que convocasse todo o Israel, os quatrocentos e cinqüenta profetas de Baal e os quatrocentos profetas do poste ídolo para se encontrarem com ele no monte Carmelo. Apesar de toda a tensão existente e do ódio de Acabe para com Elias, mostra-se a autoridade real de Elias, pois Acabe prontamente o obedeceu.[49]

Reunido o povo, Elias o repreendeu duramente (é somente neste contexto que Elias é descrito como profeta): "Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, segui-o; se é Baal, segui-o" (18.21). Não houve resposta. Após três anos de seca, a devoção a Baal se enfraquecera, mas o povo ainda não tinha se voltado para Yahweh.[50]

O desafio do fogo sobre o sacrifício é dos mais celebres nas Escrituras: "Então, invocai o nome do vosso deus, e eu invocarei o nome do Senhor; há de ser que o deus que responder por fogo esse é que é Deus" (18.24). Baal é desafiado em seu "próprio território". Muitos argumentos devem ter sido formulados para explicar porque Baal não podia mandar a chuva. Isso deve ter justificado a morte dos profetas de Yahweh. Mortos os seus profetas, Yahweh perderia sua força. Mas agora não havia como recuar, apenas um

[47] cf. HENRY, *ibid*. 1 Kings 18.1-16; PINK, *ibid*., p. 124.
[48] cf. WALSH, *ibid*., p. 286.
[49] cf. WALLACE, *ibid*., p. 120; PINK, *ibid*., 139.
[50] cf. WALSH, *ibid*., p. 245.

profeta de Yahweh desafiava quatrocentos e cinqüenta de Baal,[51] o qual simplesmente teria que exercer o seu poder sobre o fogo e/ou o raio.[52]

Passou-se todo o dia e Baal, o deus trovão, não manifestou poder algum, a despeito da insistência e auto-flagelação de seus profetas. A adoração a Baal era um fiasco.[53] Somente um tolo se prostraria diante de um ídolo morto.[54]

Agora era a vez de Elias. Um antigo altar de Yahweh foi restaurado com doze pedras que lembravam as tribos de Israel e a aliança de Yahweh com Jacó[55]. Elias ordenou ao povo que jogasse quatro cântaros de água (um produto precioso àquela altura[56]) por três vezes sobre o sacrifício, como que dizendo: Israel tem dificultado o culto a Yahweh.[57]

Ao mesmo tempo, notamos que a oferta de manjares era aquela em que o povo deveria agradecer a Deus pela provisão do sustento diário, daí a água, mesmo sendo um empecilho para o fogo, era o produto oferecido e previamente agradecido a Yahweh.[58]

Em sua oração, registrada em 18.36-37, Elias reafirma o senhorio de Yahweh sobre Israel e seu total controle sobre os atos de Elias, o coração do povo e, enfim, os elementos da criação.[59] Naturalmente, Yahweh respondeu, afirmando suas prerrogativas reais sobre a criação e sobre Israel, mandando fogo que consumiu o holocausto, a lenha, as pedras, a terra e toda a água, e obrigou o povo a, prostrado, exclamar: "O Senhor é Deus, o Senhor é Deus" e a matar todos os profetas de Baal.

[51] cf. HENRY, 1 Kings 18.21-40.
[52] cf. PINK, *ibid*., p. 152; DEVRIES, *ibid*., p. 231; HOUSE, *ibid*., p. 219; NELSON, *ibid*., p. 117; COOK, *ibid*., p. 205.
[53] cf. NELSON, *ibid*., p. 118; WALSH, *ibid*., p. 248, 249.
[54] cf. PINK, *ibid*., p. 158.
[55] cf. NELSON, *ibid*.. p. 118; WALSH, *ibid*., p. 250.
[56] cf. WALSH, *ibid*., p. 259, 286. HENRY sugere que, devido à seca e à proximidade do mar, a água usada tenha sido água do mar, cf. HENRY, 1 Kings 18.21-40. Entretanto, RICE sugere que ela tenha vindo de uma fonte nas proximidades, el-Muhraqah, cf. RICE, *ibid*., p. 152.
[57] cf. WALSH, *ibid*., p. 252.
[58] vd. *ibidem*., p. 256, 259, 286; RICE, *ibid*., p. 152; NELSON, *ibid*., p. 112.
[59] cf. NELSON, *ibid*., p. 117.

Estava formalmente declarada e manifesta a soberania de Yahweh sobre o seu povo e sobre a criação.[60] Elias era o seu representante pactual. O reino parasita sofreu fragorosa derrota.[61]

DeVries faz o seguinte registro:

> Devemos estar certos de que Yahweh manda fogo não para subjugar Baal e refutar os baalistas, mas para confirmar seu profeta e convencer seu povo. A história, acima de tudo, é sobre eles, pois são os únicos a respeito de quem tem havido alguma dúvida. A solução do enredo não vem quando Baal falha, ou mesmo quando Yahweh prevalece, mas quando o povo que estava coxeando entre duas opiniões adora e confessa "Yahweh, ele é Deus! Yahweh, ele é Deus!"[62]

Em um novo ato de misericórdia pactual, Acabe é convidado a participar da celebração de Yahweh e a comer da oferta de manjares enquanto a chuva não chega.[63] Acabe não estava sendo rejeitado em seu papel pactual. Estava sendo convidado a entrar novamente em aliança com Yahweh e a exercer a vice-gerência em humilde submissão e comunhão com o Deus de Israel.[64]

Assim, no fim, o julgamento sobre Acabe tem a intenção de fazê-lo um melhor rei sobre o povo pactual. Ele está sendo disciplinado e instruído, não destruído. Se o arrependimento virá antes de uma punição final, é deixado em aberto. Acabe pode não se arrepender, mas agora ele certamente sabe quem é o verdadeiro Deus em Israel.[65]

Enquanto Acabe sobe para a celebração, Elias vai para o cimo do monte. Vai exercer sua função pactual, administrando a criação, solicitando e trazendo chuva sobre Israel e anunciando a sua chegada.[66]

[60] cf. HOUSE, *ibid*., p. 221; RICE, *ibid*., p. 153; PINK, *ibid*., p. 196.
[61] cf. GAEBELIN, Frank E. (ed.). *Expositor's Bible Commentary – Old Testament.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1992, CD-ROM, 1 Kings 18.36-38; COOK, *ibid*., p. 207; RICE, *ibid*., p.156.
[62] DEVRIES, *ibid*., p. 231.
[63] cf. RICE, *ibid*., p. 154.
[64] cf. WALSH, *ibid*., p. 258, 286, 288; BAHR, *ibid*., p. 193.
[65] DEVRIES, *ibid*., p. 219.
[66] cf. NELSON, *ibid*., p. 119; DEVRIES, *ibid*., p. 219.

## 3. A presença do Cordão Tríplice – Conclusão

Daquilo que foi discutido, percebe-se claramente, no texto em questão, a presença do tema unificador das Escrituras. Passaremos em revista, então, a título de conclusão, os temas reino, pacto e mediador, para facilitar nossa compreensão bíblico-teológica.

### 3.1. Reino

#### 3.1.1. O reino de Israel.

A questão do reino é sobejamente evidente durante o reinado de Acabe. A bravata de Jezabel em 1 Reis 21.7 (Governas tu, com efeito, sobre Israel?) ilustra a tentativa de Acabe de reinar sem submeter-se ao Rei de Israel. Acabe queria reinar autonomamente. Ele, por instigação de sua esposa, considerava-se senhor de Israel. Não reconhecia, assim, que era Yahweh quem reinava sobre Israel e que ele deveria agir como vice-gerente, fazendo cumprir as ordens de Yahweh no meio de seu povo.

Sua insurreição custou-lhe caro. Teve que submeter-se a um andarilho desconhecido das terras dalém do Jordão a quem Deus estabeleceu como vice-gerente. Por não respeitar e obedecer a Yahweh, o rei de Israel teve que respeitar e obedecer a Elias, que foi estabelecido como autoridade de Yahweh sobre o rei Acabe.

O Reino de Israel pertencia a Yahweh e ele concedia a autoridade sobre este reino a quem ele mesmo quisesse. Acabe deveria sujeitar-se a Yahweh se quisesse governar sobre Israel, caso contrário este reino lhe seria tirado.

#### 3.1.2. O reino da Criação.

Mais importante do que afirmar o governo de Yahweh sobre Israel, o embate entre Elias e Acabe afirma o governo de Yahweh sobre o reino da Criação. Nem Baal nem Satanás tem domínio sobre as forças da natureza. Não podem abençoar ou amaldiçoar a terra. Só Yahweh pode fazer isso.

Acabe queria atribuir a Baal aquilo que somente Yahweh poderia fazer. Em sua tentativa de irritar Yahweh, tornou-se motivo de riso daquele que se assenta no céu (Sl 2.4).

Yahweh demonstrou seu reino sobre a Criação não mandando chuva ou orvalho sobre a terra, mantendo a seca por três anos e meio, ordenando a corvos que sustentassem Elias em Querite, mandando fogo do céu e fazendo vir chuva novamente sobre Israel. Seus poderes vão além dos aspectos naturais e dos limites de Israel. Isso foi demonstrado ao multiplicar a farinha e o azeite da viúva em Sidom durante três anos e ao ressuscitar seu filho morto. Vê-se, dessa forma, o senhorio absoluto de Yahweh sobre todos os aspectos da criação e em todos os lugares dela.[67]

Além disso, se vê que Yahweh é o único que possui esse domínio e que nenhum outro pode arrogar para si qualquer parte dele. Elias desafia Baal em seus supostos poderes e Baal não pode exercê-los, pois não tem poder nenhum.[68]

### 3.2. Pacto

Fica bem evidente a relação pactual existente em todo o texto. Israel é colocado diante de Yahweh para reconhecer o seu senhorio firmado em pacto desde Abraão (Gn 17.7). Yahweh era o Deus de Israel e não Baal. Não importava o que Acabe ou Jezabel fizessem, Yahweh ainda poderia requer e demonstrar suas prerrogativas pactuais sobre a nação eleita.

A tentativa de quebrar esse pacto foi punida com as maldições da aliança. Por diversas vezes, a partir de Deuteronômio 11.16, a falta de chuva é citada como a maldição de Yahweh sobre a terra em virtude da quebra da aliança. Elias está tão certo da relação pactual e de sua violação por parte de Israel que pode afirmar categoricamente a ausência de chuva sem que houvesse qualquer nova comunicação de Yahweh.

Além disso, todo o embate se dá no âmbito da criação e confirma o imutável pacto de Yahweh com toda a sua criação. É no contexto desse pacto que Yahweh pode demonstrar todo o seu poder e a total impotência de Baal.

[67] vd. DEVRIES, *ibid*., p. 218.
[68] cf. HOUSE, *ibid*., p. 220-221.

Ao mesmo tempo, Yahweh demonstra sua misericórdia pactual. Ele tudo faz para trazer Israel de volta a uma relação amorosa e vivencial consigo mesmo. O vínculo de amor e vida é visto tanto no enviar da seca quanto no enviar da chuva. Ele não quer punir Israel ou Acabe, quer quebrar a dureza de seus corações para que se voltem arrependidos a ele. Notamos que Acabe foi convidado a comer da oferta de manjares, a celebração de Yahweh no monte Carmelo.

A narrativa reflete uma variedade de intenções. Ela procura evocar a lealdade a Yahweh, o único Deus, engendra uma polêmica ridicularização dos outros deuses, demole qualquer tentativa de sincretismo, convence o leitor do poder da palavra de Deus para estruturar a história, providencia uma história exemplar que chama o infiel ao arrependimento.[69]

Yahweh se sujeita a ser confrontado com Baal para que Israel possa novamente se aproximar dele. Ele manda chuva quando sua criação corre o risco de perecer, ainda que os pecados que trouxeram a maldição não tivessem sido abandonados.

Aqueles que foram fiéis a Yahweh foram mantidos. Não só Elias, mas os cem profetas. Espiritualmente, Israel também fora mantido, embora Elias se considerasse só. Logo a frente, o texto nos informará que Deus havia deixado sete mil que não se curvaram diante de Baal (1Rs 19.14 e 19).

O pacto de Yahweh estava tão firme quanto no primeiro dia da criação. Tão confirmado como fora nos dias de Noé, Abraão, Moisés e Davi.

### 3.3. O mediador

Esta é a condição que Elias assume no texto. Sua atuação não é política ou visionária. Ele era o representante de Yahweh em Israel. "Elias é servo de Deus ([18] v. 15, 36) nesta narrativa, não um herói executor de maravilhas. Ele apresenta oração ([18] v. 36-37, 42) antes de uma performance de milagres".[70]

[69] NELSON, *ibid*. p. 120.
[70] *Ibidem*., p. 122. compare com DEVRIES, *ibid*., p. 219.

Ele falava em nome de Yahweh, pois a palavra de Yahweh estava em sua boca. Ele era quem administrava os aspectos da criação sob a autoridade concedida por Yahweh. Elias exerce as três funções mediatórias: profeta, sacerdote e rei.

Elias assume uma condição profética quando anuncia a Acabe e a Israel a Palavra de Yahweh, a vontade de Yahweh quanto a seu povo, a maldição de Yahweh sobre aqueles que quebraram a aliança e quando convida Acabe e o povo a retornarem ao seu relacionamento pactual com Yahweh.[71]

A função sacerdotal é vista na intercessão em favor do filho da viúva de Sarepta e na condução da oferta de manjares no monte Carmelo, quando também pede a Yahweh que aja de forma a restaurar no coração do povo o vínculo pactual e que mande chuva sobre Israel.

A função real é exercida quando Elias confronta Acabe e lhe dá ordens.[72] Um desconhecido pode afrontar o rei de Israel porque, em nome de Yahweh, exerce autoridade real sobre Acabe.

[71] cf. DEVRIES, *ibid*., p. 226; NELSON, *ibid*., p. 118.
[72] cf. RICE, *ibid*., p. 140; WALLACE, *ibid*., p. 120.

# Relatório pastoral do Rev. Ashbel Green Simonton

## Edição Diplomática

**Rev. Wilson Santana Silva**

Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição

Licenciado em Pedagogia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie

Bacharel em Filosofia pelas Faculdades Associadas Ipiranga (FAI)

Pós-graduação: Estudos Brasileiros pela Universidade Mackenzie

Pós-graduação: História do Brasil do Século 20 pelas Faculdades Associadas Ipiranga (FAI)

Mestre em História e Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo

Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo

Pastor da Igreja Presbiteriana do Jardim Marilene

# Relatório Pastoral do Rev. Ashbel Green Simonton

## Edição Diplomática


**RESUMO**

O relatório pastoral do Rev. Ashbel Green Simonton faz parte da "Coleção Carvalhosa", conjunto de documentos primários reunidos e compilados pelo engenhoso Rev. Modesto Perestrello Barros de Carvalhosa (1846-1917). Contribuição singular para a historiografia do protestantismo.

Seguindo o princípio de Walter Benjamin, a saber, "nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história", apresentamos o texto como uma contribuição ao estudo da micro-história, em que os eventos e as ocorrências são tão importantes quanto os protagonistas.

Neste primeiro número de nossa revista, oferecemos ao leitor a edição diplomática do relatório pastoral do Rev. Simonton, apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro em 10 de julho de 1866, manuscrito por Modesto Carvalhosa. A "Coleção Carvalhosa" encontra-se no Arquivo Histórico da IPB, a quem agradecemos a gentileza da cessão.



**PALAVRAS-CHAVE**

História da Igreja; História da Igreja Presbiteriana do Brasil; Coleção Carvalhosa; Rev. Modesto P. B. de Carvalhosa; Rev. Ashbel Green Simonton.



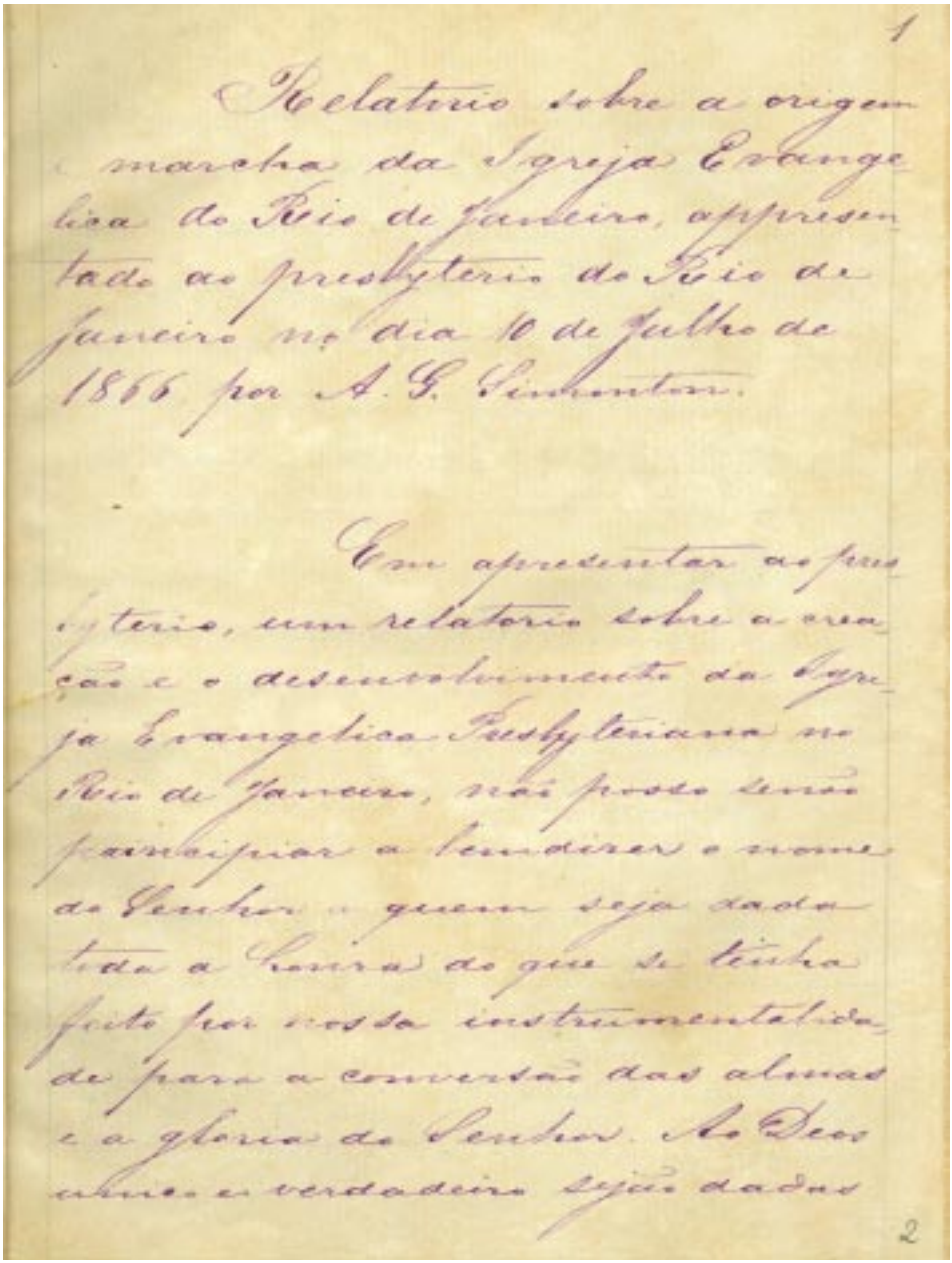
**ABSTRACT**

The Pastoral Report of Rev. Ashbel Green Simonton is a part of "Carvalhosa Collection", which is a couple of primary

documents gathered by the ingenious Rev. Modesto Perestrello Barros de Carvalhosa (1846-1917), a singular contribution to the Protestantism Historiography. Based upon Walter Benjamin's principles: "nothing that happened can be taken as lost to History", we present the text as a contribution to the study of micro-history in which the events and the facts are as important as the protagonists. In this first number of our publication we offer to the reader the diplomatic edition of The Pastoral Report of Rev. Ashbel Green Simonton, which was presented to the Presbytery of Rio de Janeiro on 10th of July 1886, handwriting by Modesto Carvalhosa. The "Carvalhosa Collection" is found in the Historic Archive of IPB, whom we thanks.

KEYWORDS

Church History, Brazilian Presbyterian Church History, Carvalhosa Collection, Rev. Modesto Perestrello Barros de Carvalhosa, Rev. Ashbel Green Simonton

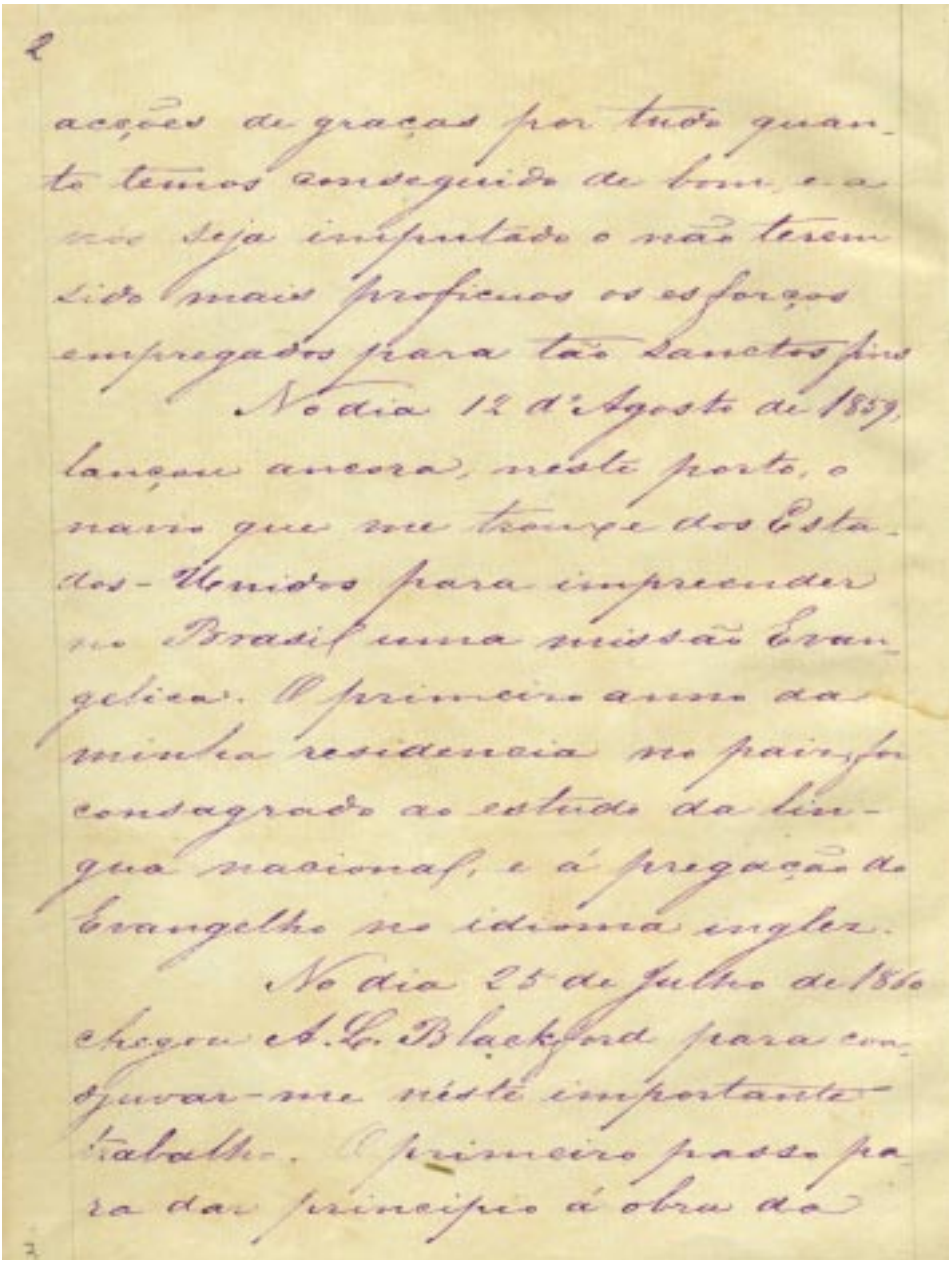

1

Relatorio sobre a origem
e marcha da Igreja Evange
lica do Rio de Janeiro, apprisen
tado ao presbyterio do Rio de
Janeiro no dia 10 de Julho de
1866 por A. G. Simonton.

Em apresentar ao pres
byterio, um relatorio sobre a crea
ção e o desenvolvimento da Egre
ja Evangelica Presbyteriana no
Rio de Janeiro, não posso senão
principiar a bendizer o nome
do Senhor a quem seja dada
toda a honra do que se tinha
feito por nossa instrumentalida
de para a conversão das almas
e a gloria do Senhor. Ao Deos
unico e verdadeiro sejão dadas
2

Relatorio sobre a origem e marcha da Igreja Evangelica do Rio de Janeiro, appresentado ao presbyterio do Rio de • [5] Janeiro no dia 10 de Julho de 1866, por A. G. Simonton.

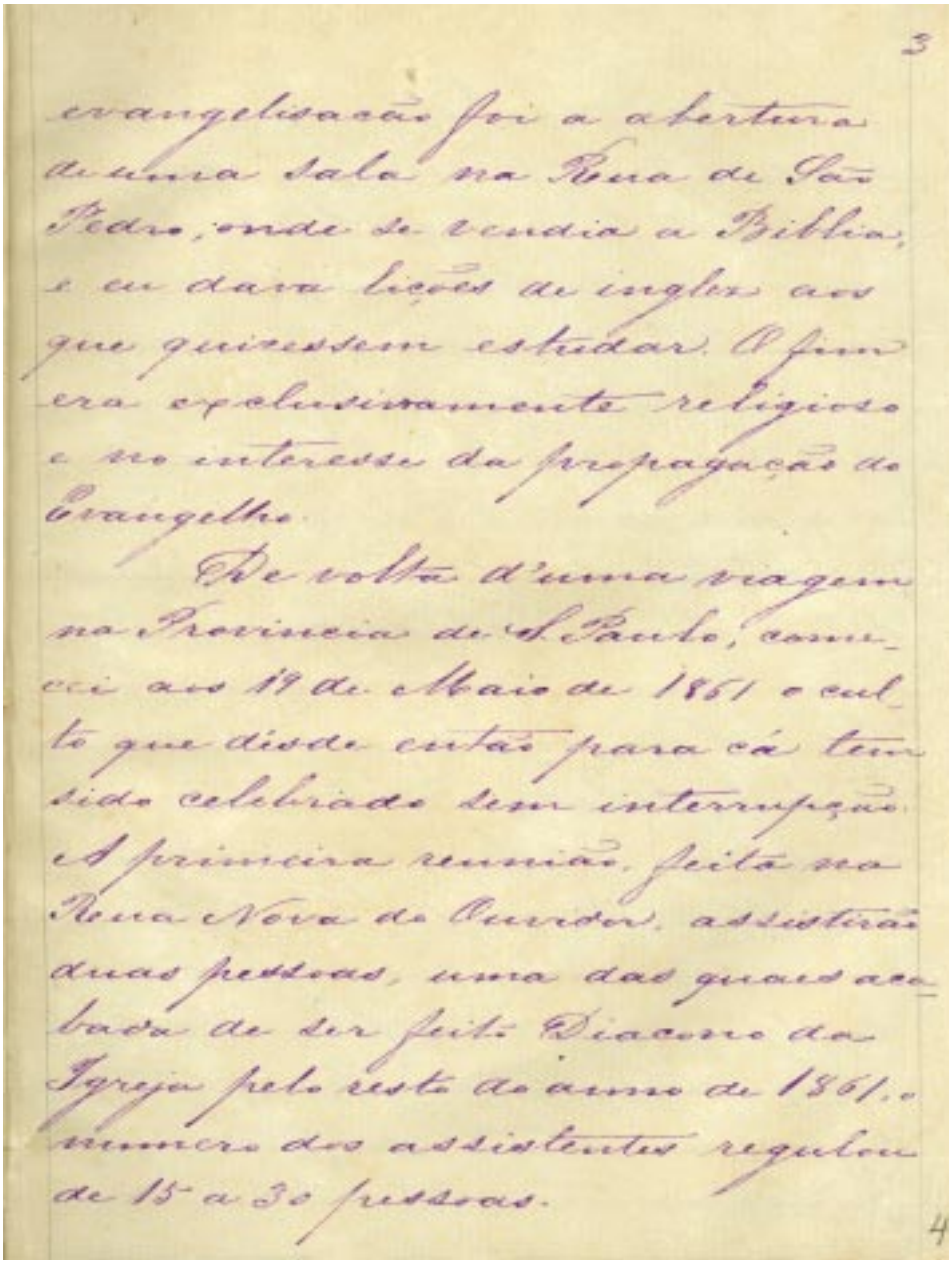
Em apresentar ao presbyterio, um relatorio sobre a creação e o desenvolvimento da Igre- • [10] ja Evangelica Presbyteriana no Rio de Janeiro, não posso senão principiar a bendizer o nome do Senhor a quem seja dada toda a honra do que se tinha • [15] feito por nossa instrumentalidade para a conversão das almas e a glória do Senhor. Ao Deus unico e verdadeiro sejão dadas



acções de graças por tudo quanto temos conseguido de bom, e a nós seja imputado o não terem sido mais proficuos os esforços • [5] empregados para tão sanctos fins.

No dia 12 de Agosto de 1859, lançou ancora, neste porto, o navio que me trouxe dos Estados-Unidos para impreender • [10] no Brasil uma missão Evangelica. O primeiro anno da minha residencia no paiz, foi consagrado ao estudo da lingua nacional, e á pregação do • [15] Evangelho no idioma inglez.

No dia 25 de Julho de 1860 chegou A. L. Blackford para coadjuvar-me neste importante trabalho. O primeiro passo pa- • [20] ra dar principio á obra da


3

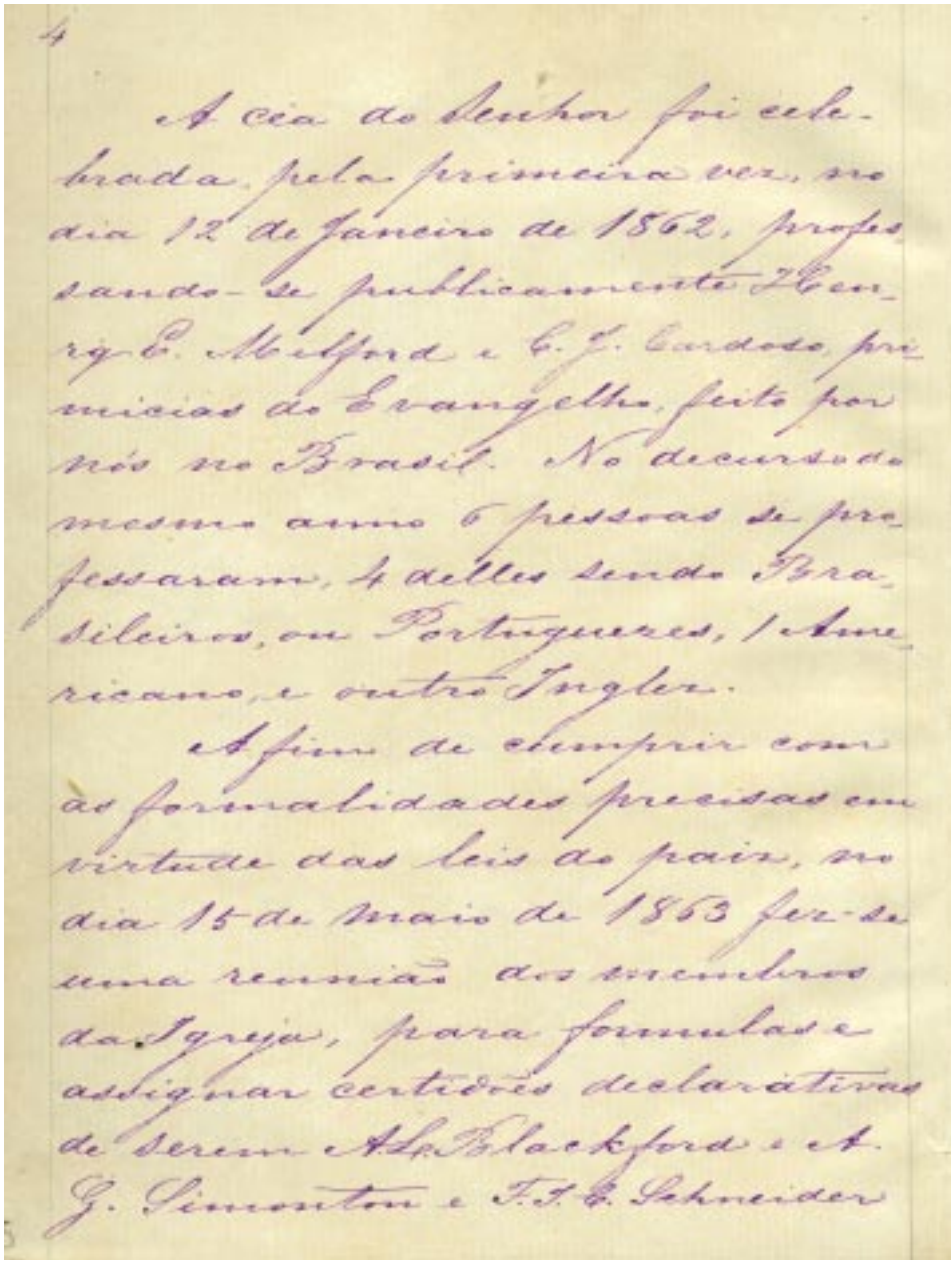
evangelisação foi a abertura
de uma sala na Rua de São
Pedro, onde se vendia a Bibllia,
e eu dava lições de inglez aos
que quizessem estudar. O fim
era exclusivamente religioso
e no interesse da propagação do
Evangelho.

De volta d'uma viagem
na Provincia de S. Paulo, comme-
cei aos 19 de Maio de 1861 o cul-
to que dêsde então para cá tem
sido celebrado sem interrupção.
A primeira reunião, feita na
Rua Nova do Ouvidor, assistirão
duas pessoas, uma das quaes acca-
bada de ser feito Diacono da
Igreja pelo resto do anno de 1861, o
numero dos assistentes regulou
de 15 a 30 pessoas.

4

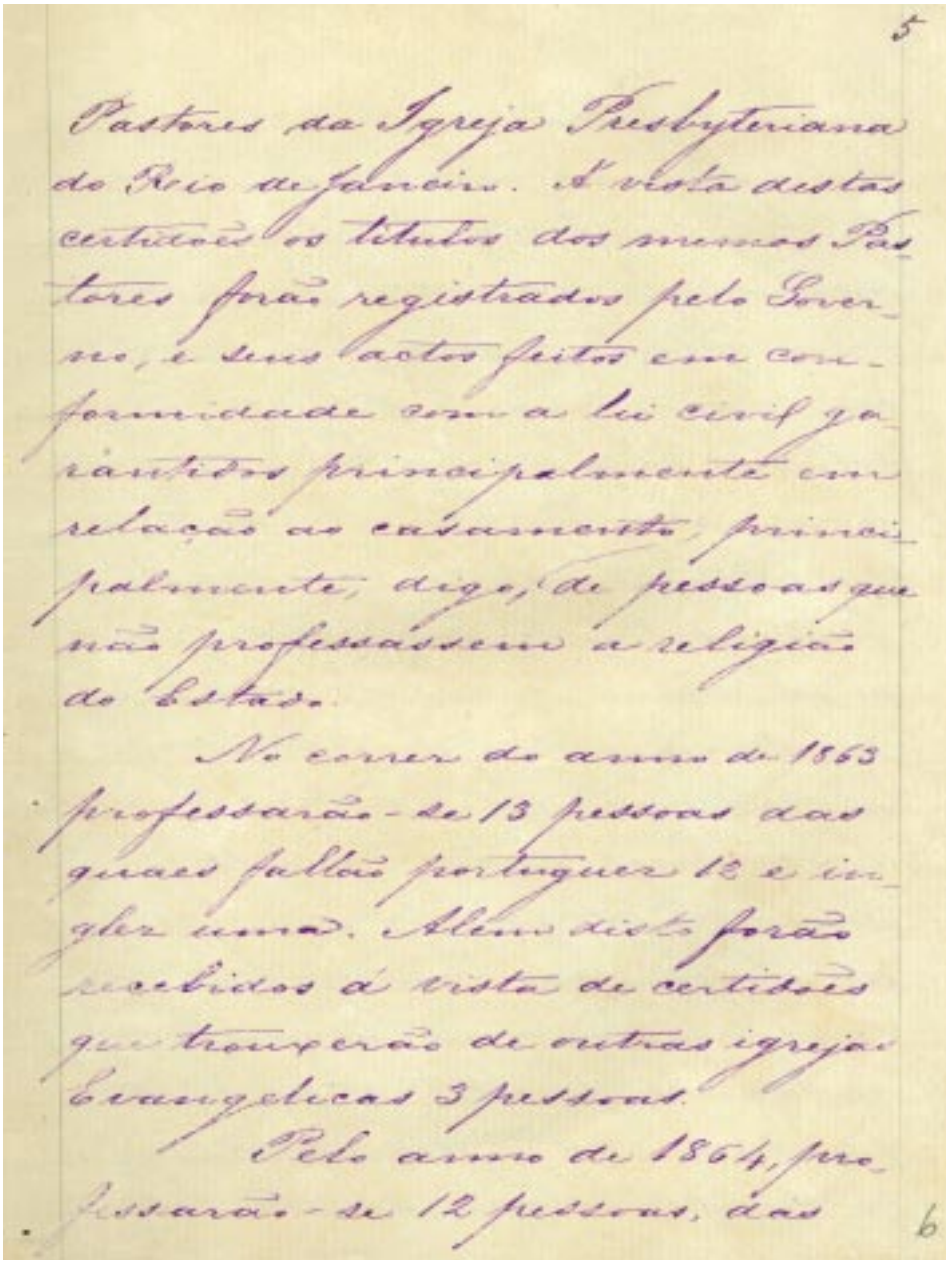
evangelisação foi a abertura de uma sala na Rua de São Pedro, onde se vendia a Biblia, e eu dava lições de inglez aos • [5] que quizessem estudar. O fim era exclusivamente religioso e no interesse da propagação do Evangelho.

De volta d'uma viagem • [10] na Provincia de S. Paulo, comecei aos 19 de Maio de 1861 o culto que désde então para cá tem sido celebrado sem interrupção. A primeira reunião, feita na [15]Rua Nova do Ouvidor, assistirão duas pessoas, uma das quaes acabada de ser feito Diacono da Igreja pelo resto do anno de 1861, o numero dos assistentes regulou [20]de 15 a 30 pessoas.



A cêa do Senhor foi celebrada, pela primeira vez, no dia 12 de Janeiro de 1862, professando-se publicamente Hen- • [5] riq E. Milford e C. J. Cardoso, primicias do Evangelho, feito por nós no Brasil. No decurso do mesmo anno 6 pessoas se professaram, 4 delles sendo Bra- • [10] sileiros, ou Portugueses, 1 Americano, e outro Inglez.

A fim de cumprir com as formalidades precisas em virtude das leis do paiz, no • [15] dia 15 de Maio de 1863 fez-se uma reunião dos membros da Igreja, para formular e assignar certidões declarativas de serem A. L. Blackford e A. • [20] G. Simonton e F. I. C. Schneider.


5

Pastores da Igreja Presbyteriana
do Rio de Janeiro. A vista destas
certidões os titulos dos memos Pas
tores forão registrados pelo Gover
no, e seus actos feitos em con
formidade com a lei civil ga
rantidos principalmente em
relação ao casamento, princi
palmente, digo, de pessoas que
não professassem a religião
do Estado.

No correr do anno de 1863
professarão-se 13 pessoas das
quaes fallão portuguez 12 e in
glez uma. Além disto forão
recebidos á vista de certidões
que trouxerão de outras igrejas
Evangelicas 3 pessoas.

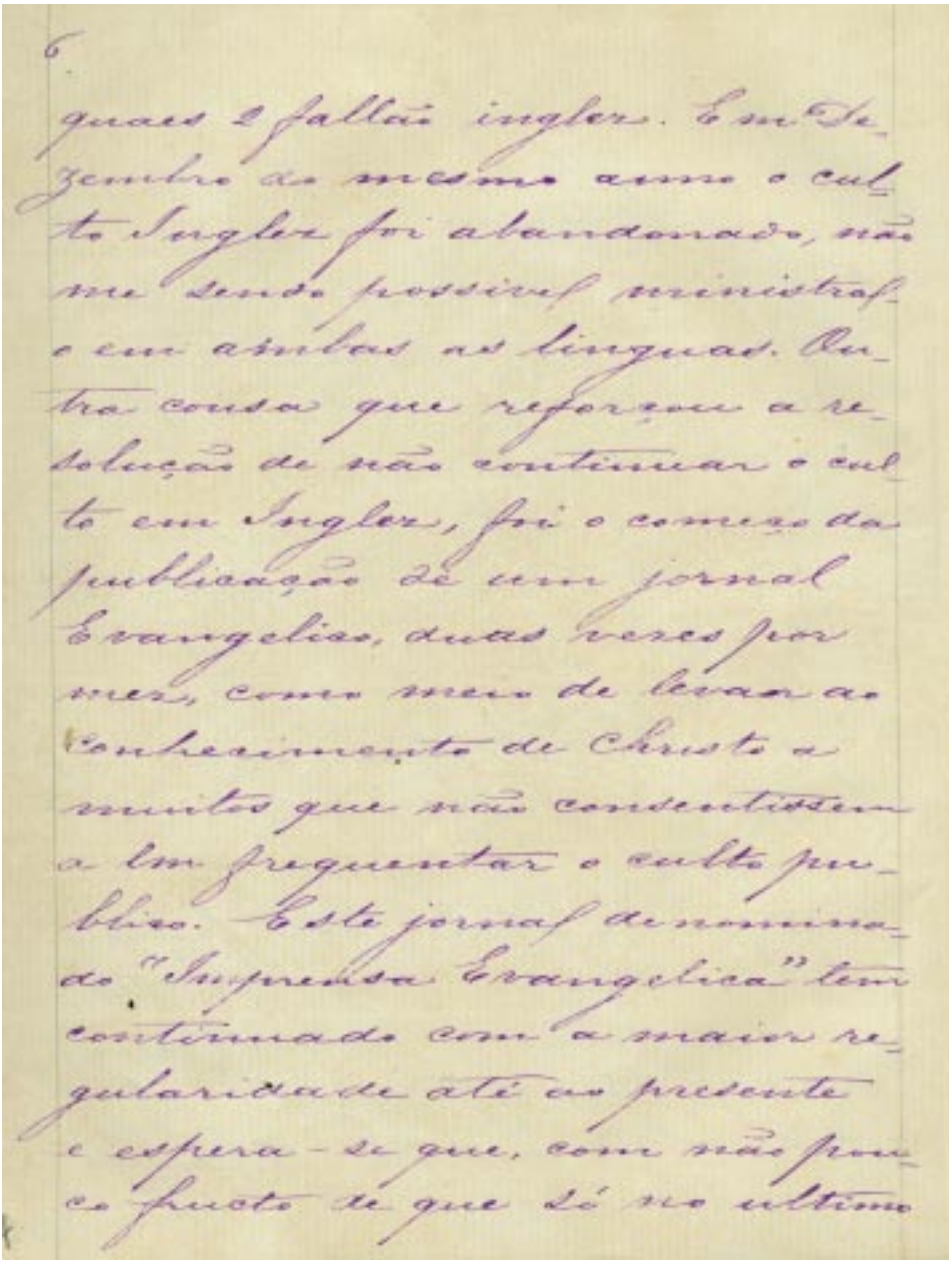
Pelo anno de 1864, pro
fessarão-se 12 pessoas, das

6

Pastores da Igreja Presbyteriana do Rio de Janeiro. Á vista destas certidões os titulos dos memos pastores forão registrados pelo Gover- • 5 no, e seus actos feitos em conformidade com a lei civil garantidos principalmente em relação ao casamento, principalmente, digo, [casamento] de pessoas que • 10 não professassem a religião do Estado.

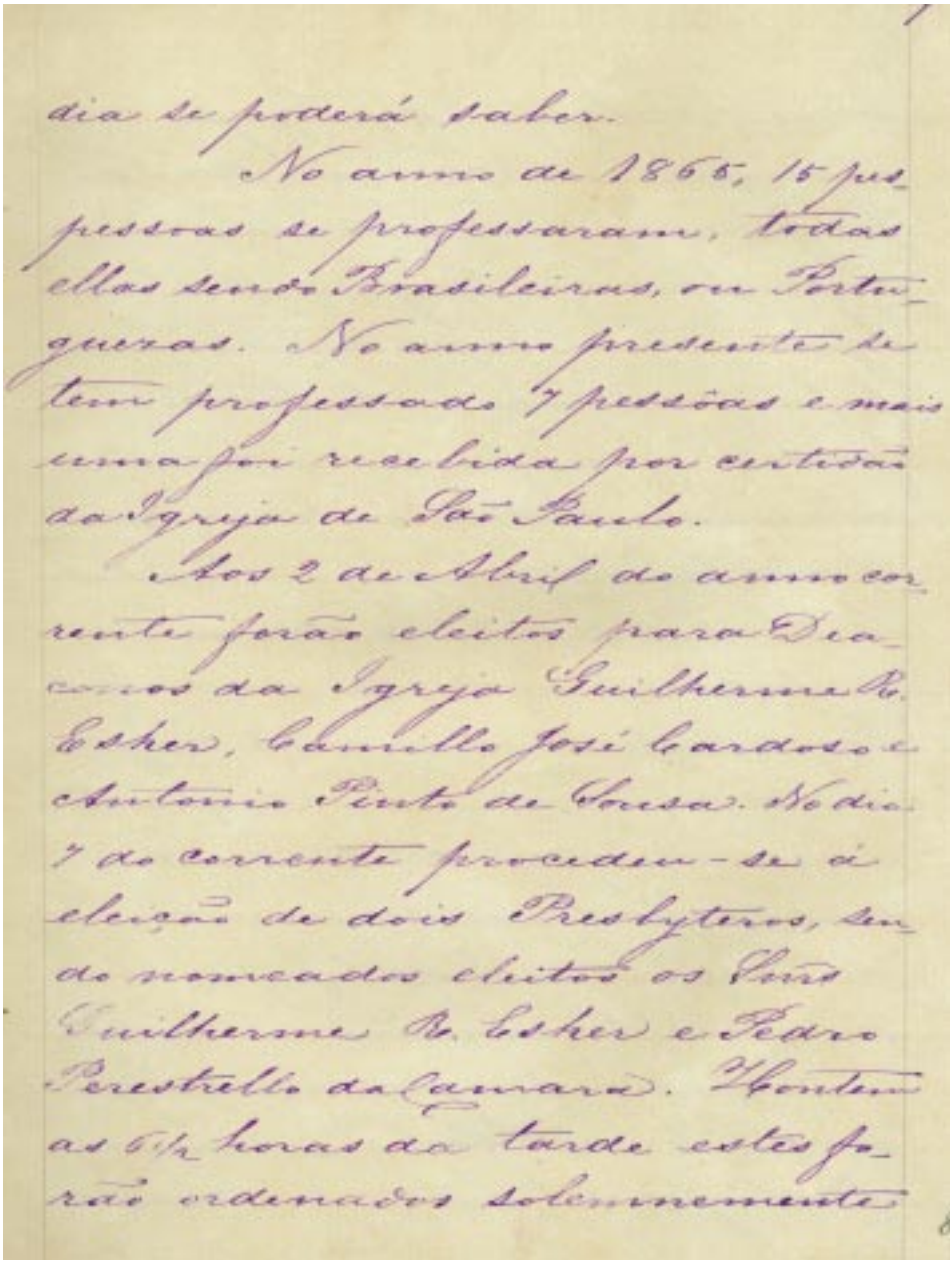
No correr do anno de 1863 professarão-se 13 pessoas das quaes fallão portuguez 12 e in- • 15 glez uma. Além disto forão recebidos á vista de certidões que trouxerão de outras igrejas Evangelicas 3 pessoas.

Pelo anno de 1864, pro- • 20 fessarão-se 12 pessoas, das



6

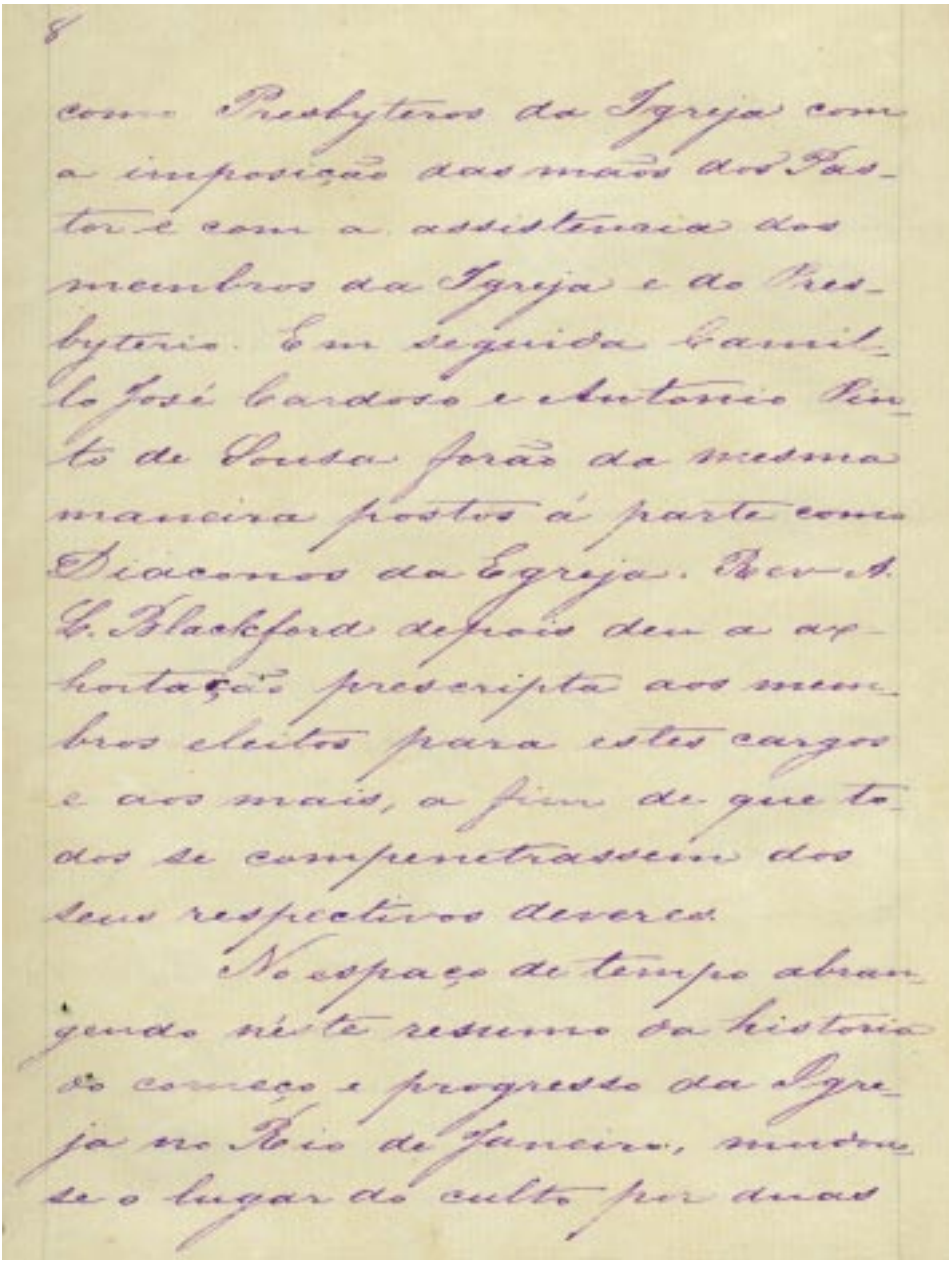
quaes 2 fallão inglez. Em Dezembro do mesmo anno o culto Inglez foi abandonado, não me sendo possivel ministral- • [5] o em ambas as linguas. Outra cousa que reforçou a resolução de não continuar o culto em Inglez, foi o começo da publicação de um jornal • [10] Evangelico, duas vezes por mez, como meio de levar ao conhecimento de Christo a muitos que não consentissem a em frequentar o culto pu- • [15] blico. Este jornal denominado "Imprensa Evangelica" tem continuado com a maior regularidade até ao presente e espera-se que, com não pou- • [20] co fructo de que só no ultimo



dia se poderá saber.

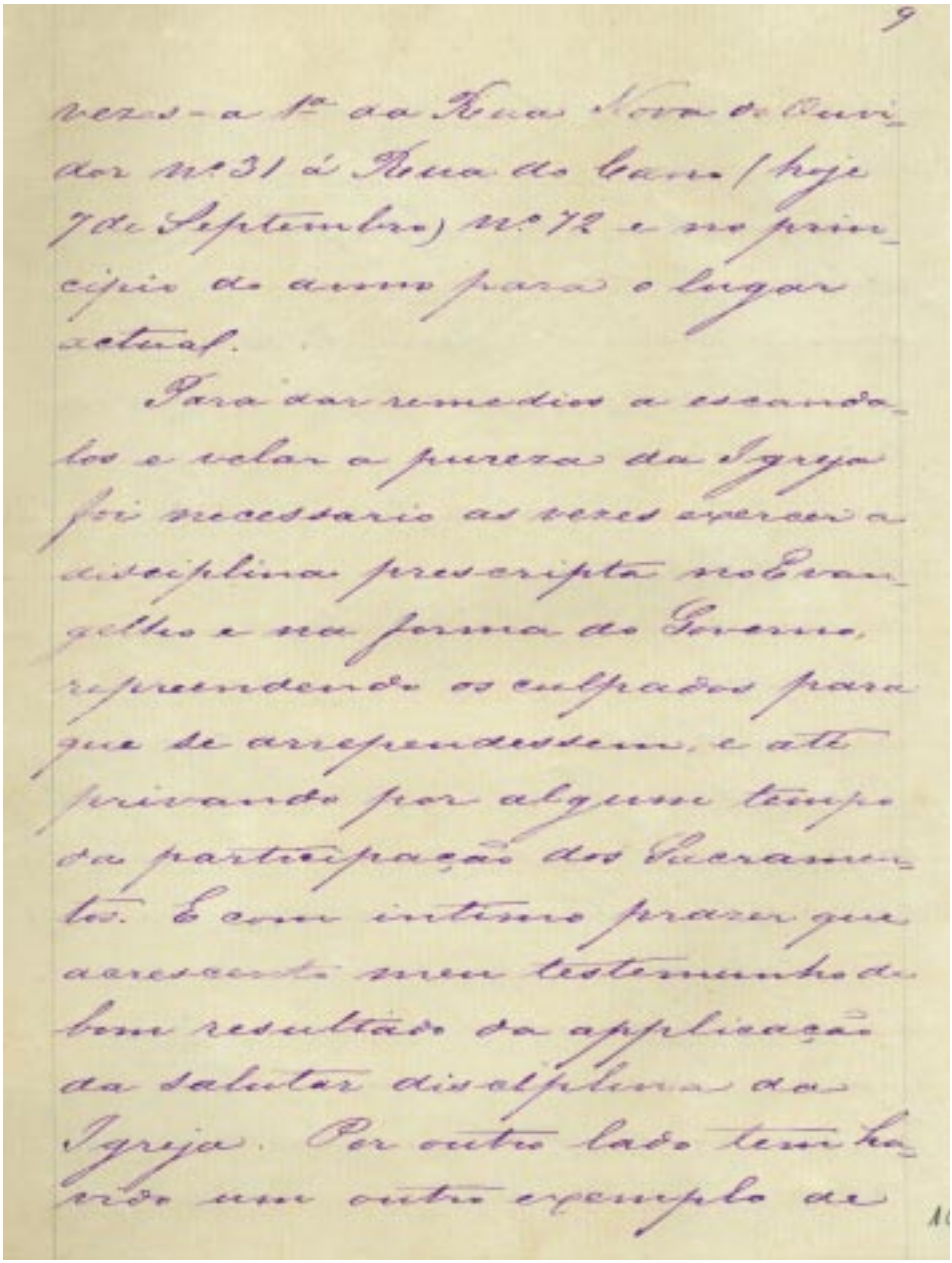
No anno de 1865, 15 pessoas se professaram, todas ellas sendo Brasileiras, ou Portu-
• [5] guezas. No anno presente se tem professado 7 pessôas e mais uma foi recebida por certidão da Igreja de São Paulo.

Aos 2 de Abril do anno cor- • [10] rente forão eleitos para Diaconos da Igreja Guilherme R. Esher, Camillo José Cardoso e Antonio Pinto de Sousa. No dia 7 do corrente procedeu-se á • [15] eleição de dois Presbyteros, sendo nomeados eleitos os Sñrs Guilherme R. Esher e Pedro Perestrello da Câmara. Hontem as 6 ½ hora da tarde estes fo- • [20] rão ordenados solemnemente



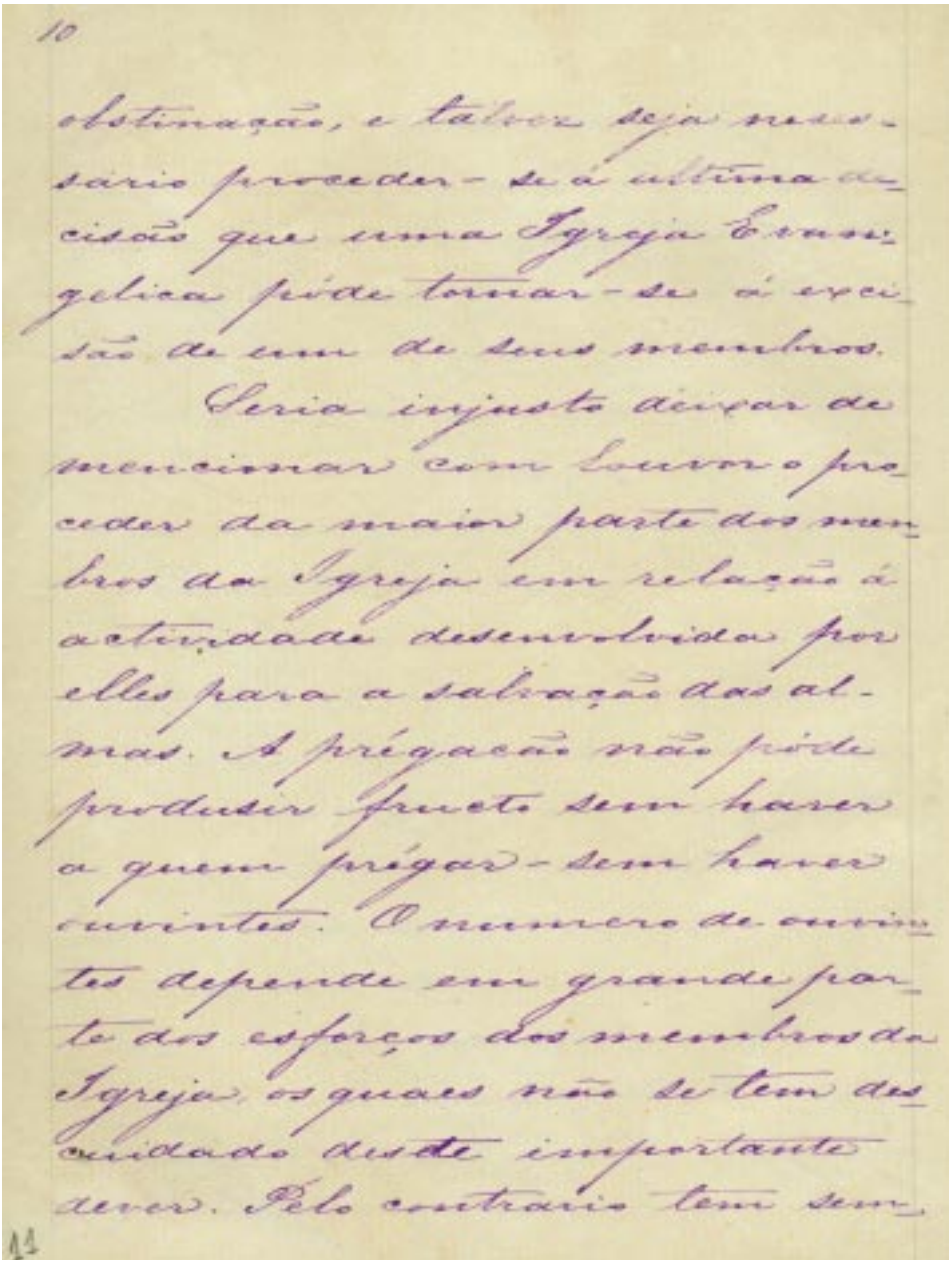
como Presbyteros da Igreja com a imposição das mãos dos Pastor e com a assistencia dos membros da Igreja e do Pres- • [5] byterio. Em seguida Camilo José Cardoso e Antonio Pinto de Sousa forão da mesma maneira postos á parte como Diaconos da Egreja. Rev A. • [10] L. Blackford deois deu a exhortação prescripta aos membros eleitos para estes cargos e aos mais, a fim de que todos se compenetrassem dos • [15] seus respectivos deveres.

No espaço de tempo abrangendo n'este resumo da historia do começo e progresso da Igreja no Rio de Janeiro, mudou- • [20] se o lugar do culto por duas



vezes – a 1ª da Rua Nova do Ouvidor nº 31 á Rua do Cano (hoje 7 de Septembro) nº 72 e no principio do anno para o lugar • [5] actual.

Para dar remedios a escandalos e velar a pureza da Igreja foi necessario as vezes exercer a disciplina prescripta no Evan- • [10] gelho e na forma do Governo, repreendendo os culpados para que se arrependessem, e até privando por algum tempo da participação dos Sacramen- • [15] tos. E com intimo prazer que acrescento meu testemunho do bom resultado da applicação da salutar disciplina da Igreja. Por outro lado tem ha- • [20] vido um outro exemplo de


10

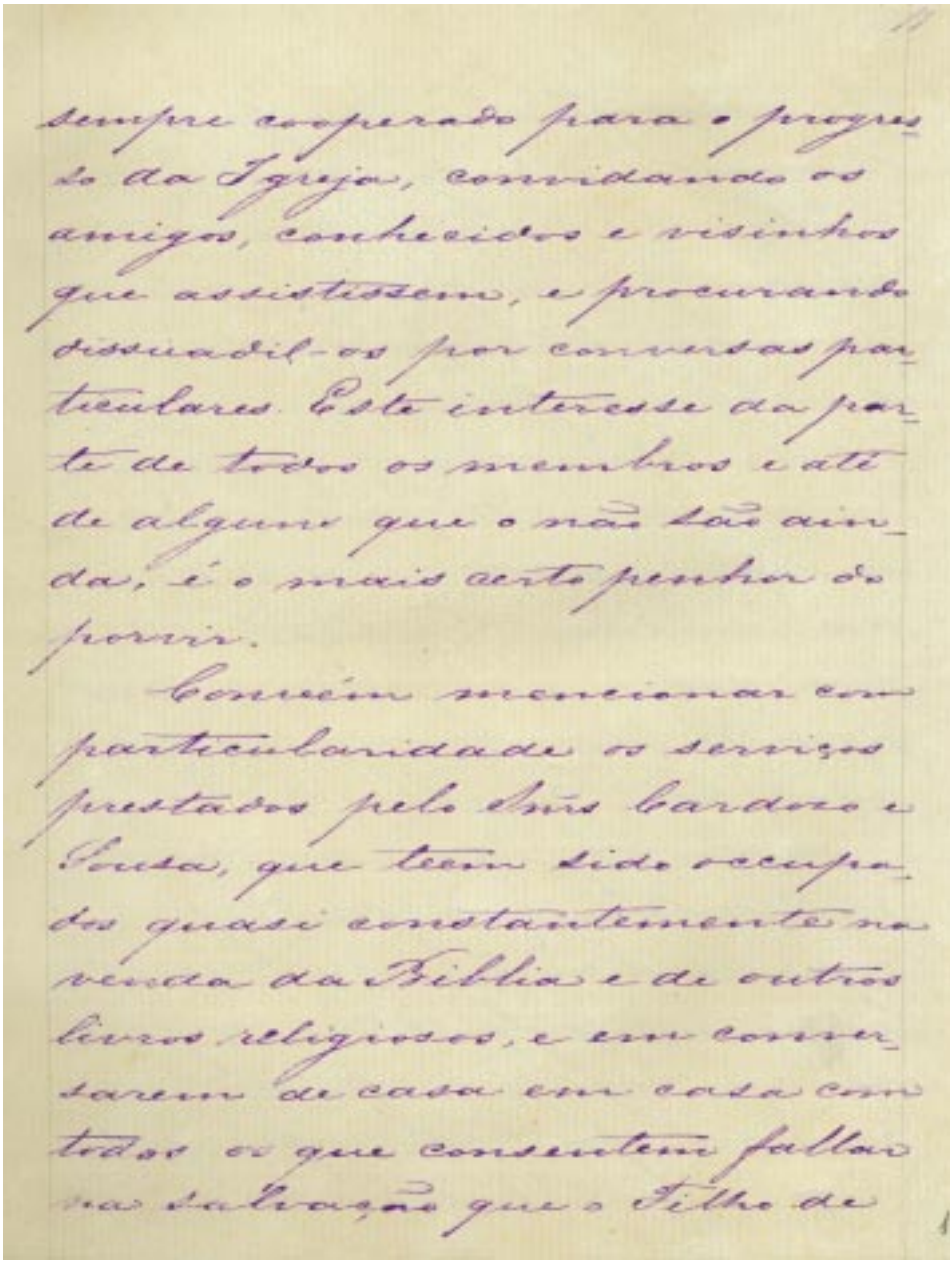
obstinação, e talvez seja neces-
sario proceder-se á ultima de-
cisão que uma Igreja Evange-
lica póde tornar-se á exci-
são de um de seus membros.

Seria injusto deixar de
mencionar com louvor o pro-
ceder da maior parte dos mem-
bros da Igreja em relação á
actividade desenvolvida por
elles para a salvação das al-
mas. A prégação não póde
produsir fructo sem haver
a quem prégar – sem haver
ouvintes. O numero de ouvin-
tes depende em grande par-
te dos esforços dos membros da
Igreja, os quaes não se tem des-
cuidado deste importante
dever. Pelo contrario tem sem-

11

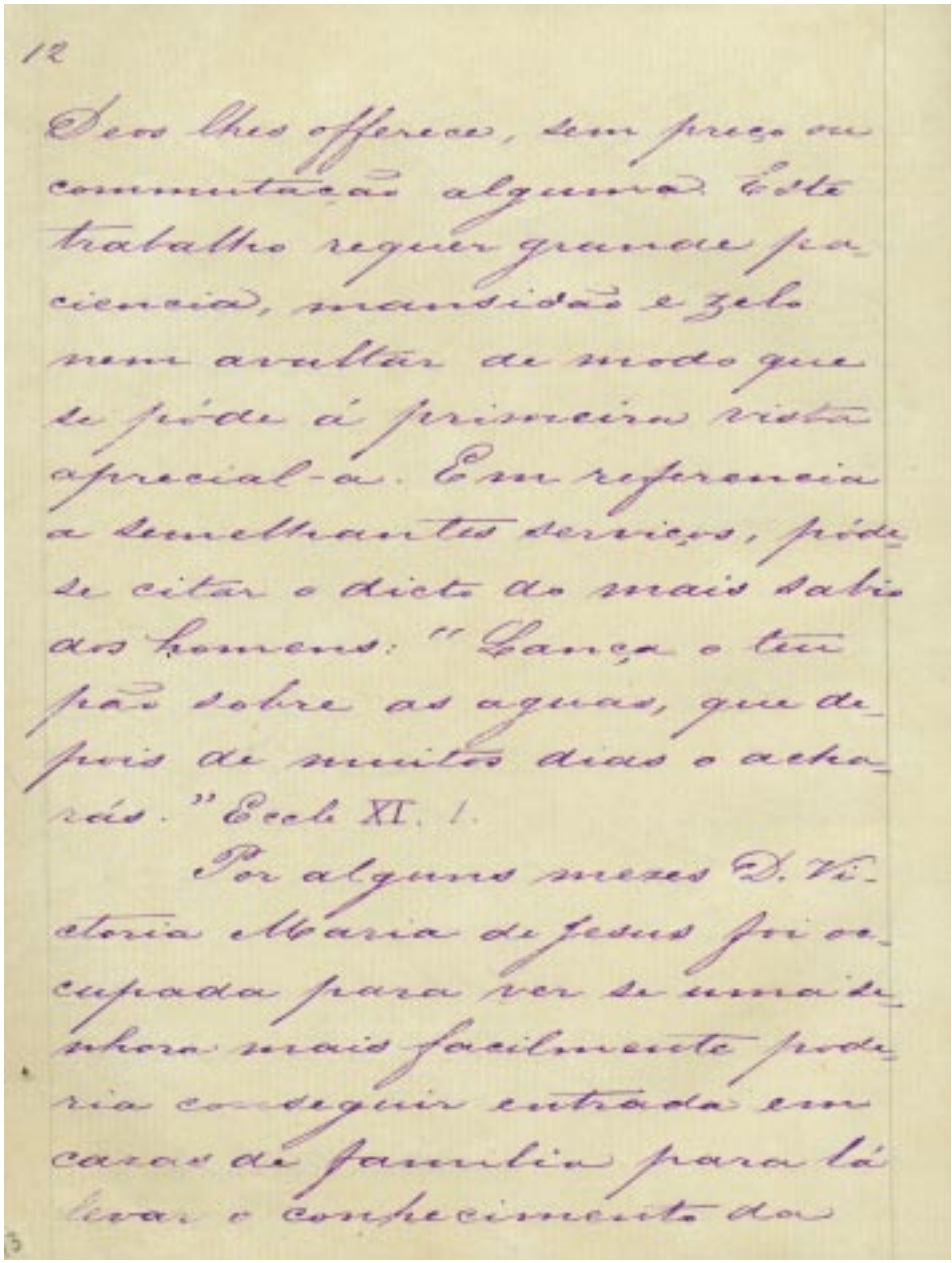
obstinação, e talvez seja necessário proceder-se á ultima decisão que uma Igreja Evangelica póde tornar-se á exci- • [5] são de um de seus membros.

Seria injusto deixar de mencionar com louvor o proceder da maior parte dos membros da Igreja em relação á • [10] actividade desenvolvida por elles para a salvação das almas. A prégação não póde produsir fructo sem haver a quem prégar – sem haver • [15] ouvintes. O numero de ouvintes depende em grande parte dos esforços dos membros da Igreja, os quaes não se tem descuidado deste importante • [20] dever. Pelo contrario tem sem-



sempre cooperado para o progresso da Igreja, convidando os amigos, conhecidos e visinhos que assistissem, e procurando • [5] dissuadil-os por conversas particulares. Este interesse da parte de todos os membros e até de alguns que o não são ainda, é o mais certo penhor do • [10] porvir.

Convém mencionar com particularidade os serviços prestados pelo Sñrs Cardoso e Sousa, que teem sido occupa- • [15] dos quase constantemente na venda da Biblia e de outros livros religiosos, e em conversarem de casa em casa com todos os que consentem fallar • [20] na salvação que o Filho de



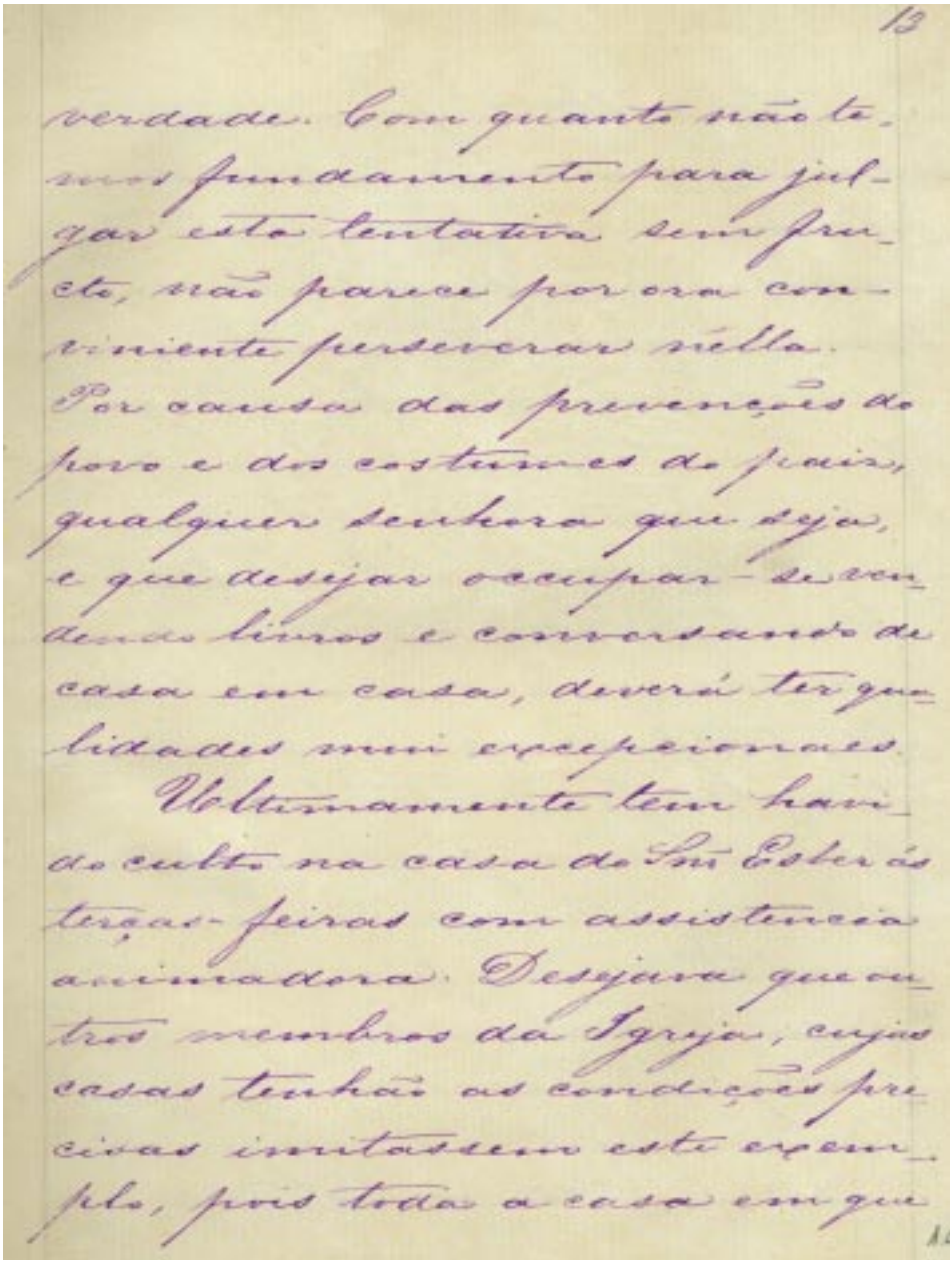
12

Deos lhes offerece, sem preço ou
commutação alguma. Este
trabalho requer grande pa-
ciencia, mansidão e zelo
nem avultar de modo que
se póde á primeira vista
apreciar-a. Em referencia
a semelhantes serviços, póde-
se citar o dicto do mais sabio
dos homens: "Lança o teu
pão sobre as aguas, que de-
pois de muitos dias o acha-
rás." Eccle XI. 1.

Por alguns mezes D. Vi-
ctoria Maria de Jesus foi oc-
cupada para ver se uma se-
nhora mais facilmente pode-
ria conseguir entrada em
cazas de familia para lá
levar o conhecimento da

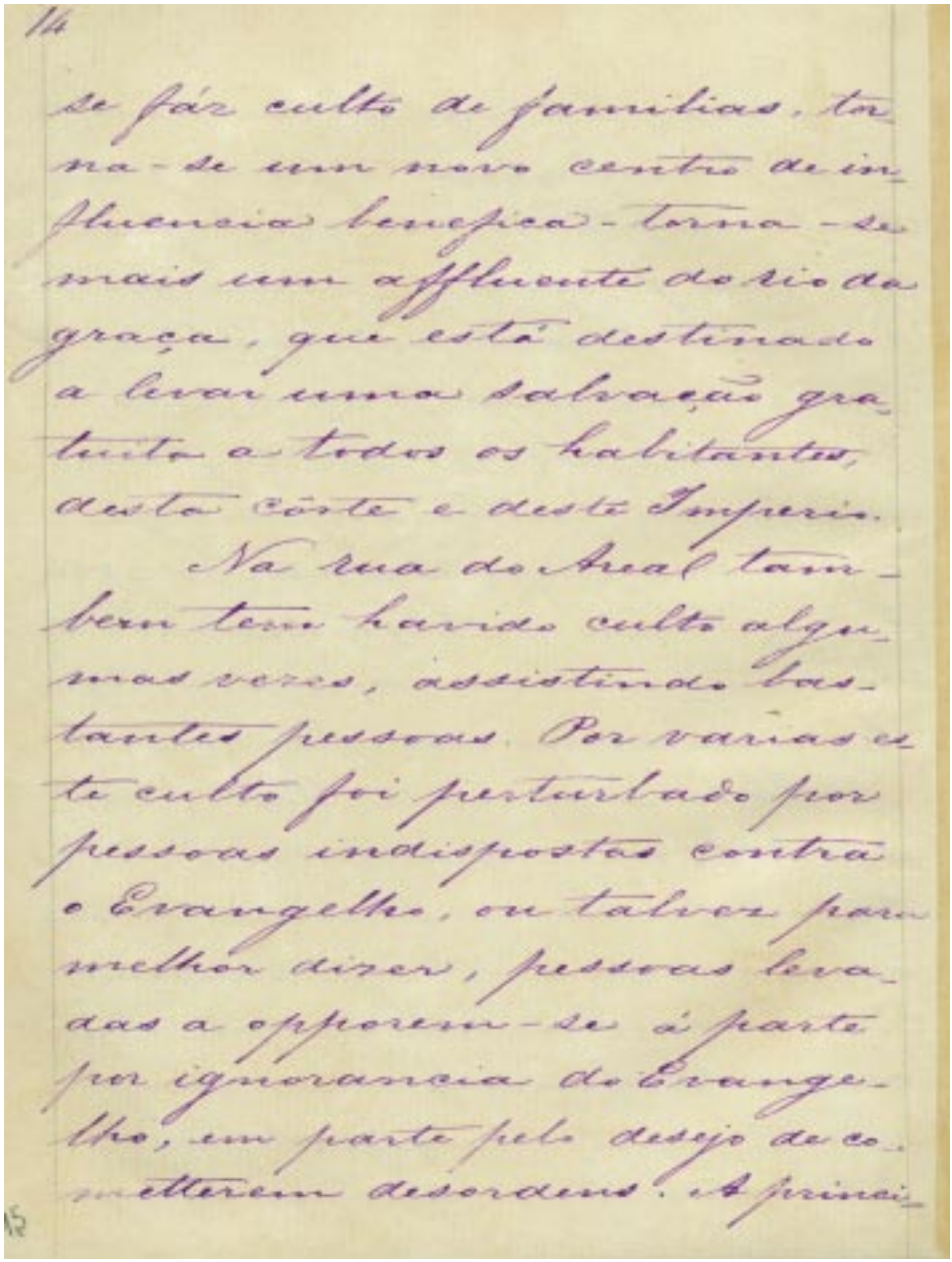
Deos lhes offerece, sem preço ou commutação alguma. Este trabalho requer grande paciencia, mansidão e zelo • [5] nem avultar de modo que se póde á primeira vista apreciala. Em referencia a semelhantes serviços, póde-se citar o dicto do mais sabio • [10] dos homens: "Lança o teu pão sobre as aguas, que depois de muitos dias o acharás." Eccle XI. 1.

Por alguns mezes D. Vi- • [15] ctoria Maria de Jesus foi occupada para ver se uma senhora mais facilmente poderia conseguir entrada em cazas de familia para lá • [20] levar o conhecimento da



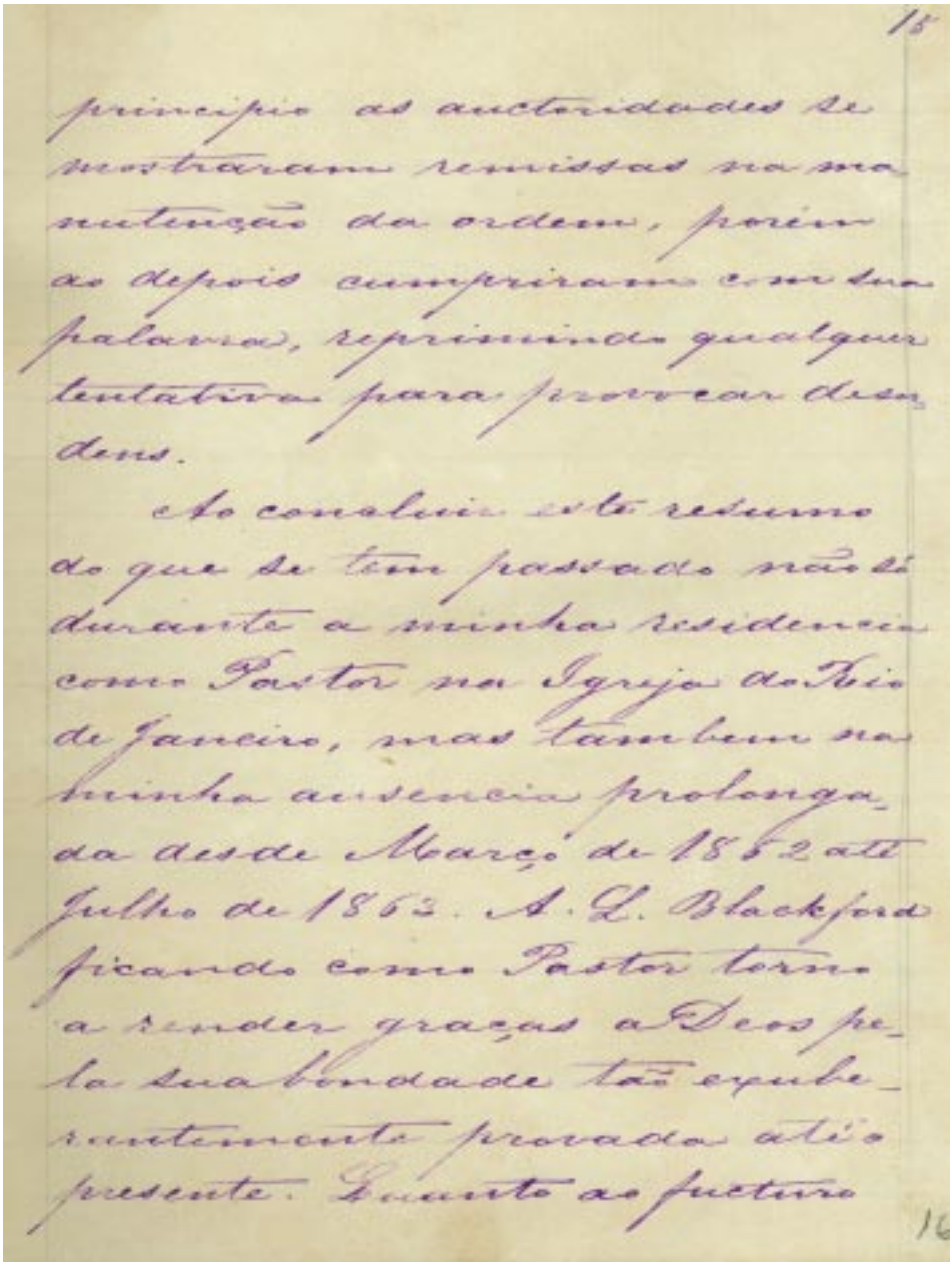
verdade. Com quanto não temos fundamento para julgar esta tentativa sem fructo, não parece por ora con- • [5] viniente perseverar n'ella. Por causa das prevenções do povo e dos costumes do pais, qualquer senhora que seja, e que desejar occupar-se ven- • [10] dendo livros e conversando de casa em casa, deverá ter qualidades mui excepcionaes.

Ultimamente tem havido culto na casa do Sñr Esher ás • [15] terças-feiras com assistencia animadora. Desejava que outros membros da Igreja, cujas casas tenhão as condições precisas imitassem este exem- • [20] plo, pois toda a casa em que



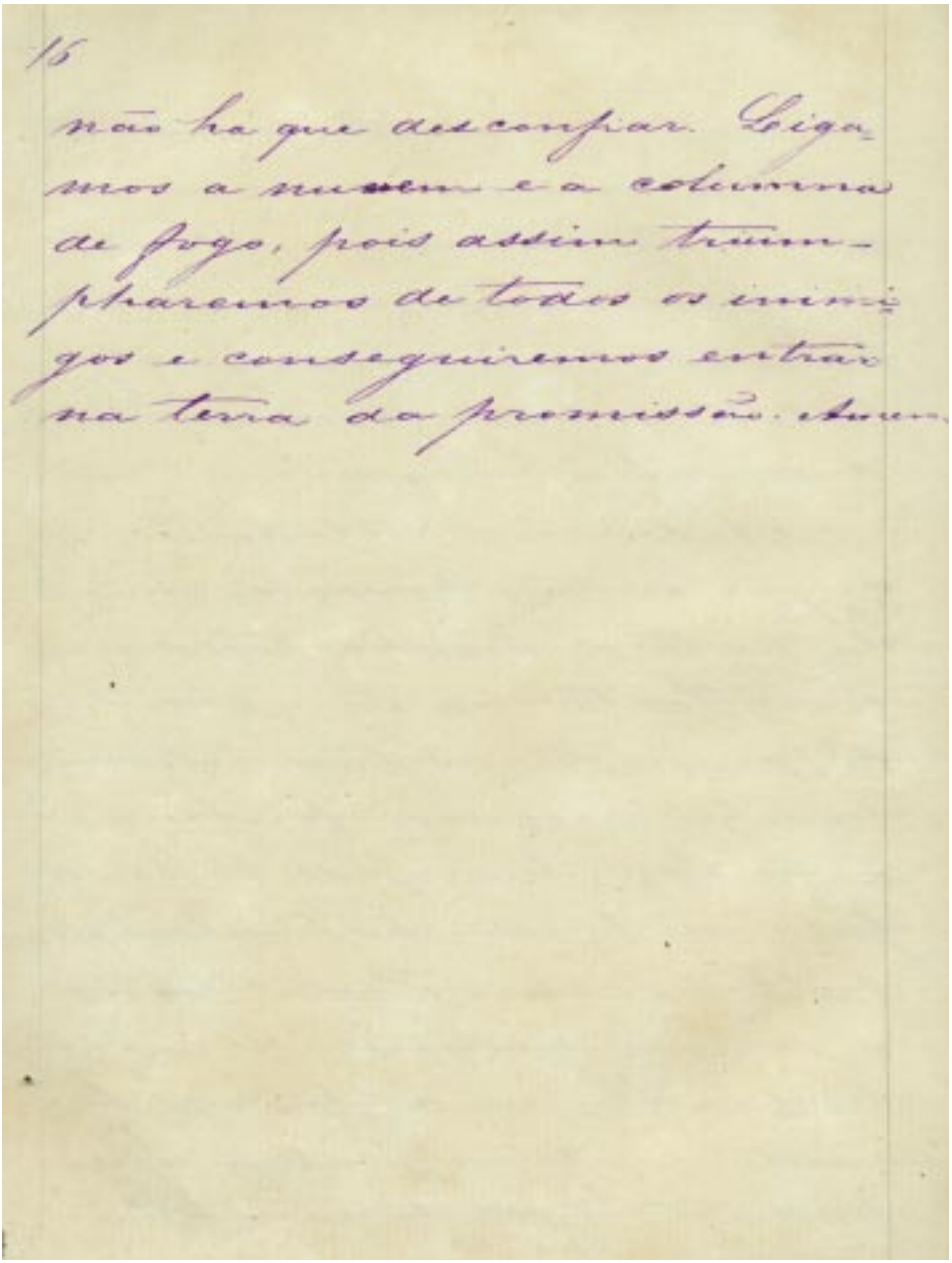
se fáz culto de familias, torna-se um novo centro de influencia benefica – torna-se mais um affluente do rio da • [5] graça, que está destinado a levar uma salvação gratuita a todos os habitantes, desta corte e deste Imperio.

Na rua do Areal tam- • [10] bem tem havido culto algumas vezes, assistindo bastantes pessoas. Por varias este culto foi perturbado por pessoas indispostas contra • [15] o Evangelho, ou talvez para melhor dizer, pessoas levadas a opporem-se á parte por ignorância do Evangelho, em parte pelo desejo de co- • [20] metterem desordem. A princi-




principio as auctoridades se mostraram remissas na manutenção da ordem, porém ao depois cumpriram com sua • [5] palavra, reprimindo qualquer tentativa para provocar desordens.

Ao concluir este resumo do que se tem passado não só • [10] durante a minha residencia como Pastor na Igreja do Rio de Janeiro, mas tambem na minha ausencia prolongada desde Março de 1862 até • [15] Julho de 1863. A. L. Blackford ficando como Pastor torno a render graças a Deos pela sua bondade tão exuberantemente provada até o • [20] presente. Quanto ao futuro




5.

não ha que desconfiar. Sigamos a nuvem e a columna de fogo, pois assim triumpharemos de todos os inimi- • [5] gos e conseguiremos entrar na terra da promissão. Amem.

# Crítica à Moral Contra-Reformista

Rev. Donizete Rodrigues Ladeia

Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição

Licenciatura Plena em Filosofia, História e Psicologia pelas Faculdades Associadas Ipirangas (FAI)

Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie

Pastor auxiliar da Igreja Presbiteriana de São Bernardo do Campo

# Crítica à moral contra-reformista


## RESUMO

É notório que nosso país, colonizado por católicos, não obteve o mesmo desenvolvimento de alguns países colonizados por protestantes. Desde o início, a nossa sociedade foi estruturada sob os pressupostos da moral contra-reformista, reação ao movimento da Reforma Protestante irradiado na Europa. Neste artigo, o autor trata sobre esta questão e mostra como a presença de missionários protestantes no Brasil foi importante na formação de uma nova visão de mundo, contrária à moral contra-reformista.



## PALAVRAS-CHAVE

Moral Contra-Reformista; Presbiterianismo; História da Igreja Presbiteriana do Brasil.



## ABSTRACT

It is well known that our country, which was colonized by Catholics, did not achieve the same level of development of other countries colonized by Protestants. Since its beggining, our society was based upon the Counter-Reformation morals, a reaction to the Protestant Reformation moviment spread in Europe. In this article, the author deals with this question and shows how the presence of protestant missionaries in Brazil was important in shapping a new vision of the world, contrary to Counter-Reformation morals.



## KEYWORDS

Counter-Reformation Morals, Presbyterianism, Brazilian Presbyterian Church History.

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho, analisamos a possível realidade para uma crítica à moral contra-reformista. Por moral contra-reformista entende-se o conjunto de valores que prevalecem na sociedade brasileira, trazidos pela instituição Católica Apostólica Romana que definiu uma dinâmica de comportamento — travar um embate contra os protestantes da Reforma. Como em nosso país não tivemos, em seu início, a influência protestante, o que houve foi que os valores de nossa colonização se pautaram na influência contra-reformista. É claro que, para alguns, tal ponto de vista será motivo principal de comparação na economia, tendo por base uma idéia weberiana,[1] mas neste trabalho pretendemos ressaltar as conseqüências missionárias e mostrar que o que aconteceu na Europa também aconteceu no Brasil, em menor proporção, com o desenvolvimento cultural, pela influência protestante, em seu movimento inicial de missões estrangeiras.

Quem no Brasil tem abordado este tema é Antônio Paim.[2] Suas obras são esclarecedoras. Elas ajudam a entender que o povo evangélico pode apresentar à sociedade algo de grande valor, uma possível crítica à contra-reforma no Brasil, no que ele chama de modernismo.[3] Contudo, para nós, temos a oportunidade de legitimar a nossa perspectiva por um pensamento que representa, além

[1] Oriunda de Max Weber, autor do livro *A ética protestante e o espírito do Capitalismo.*

[2] "Antônio Paim nasceu no Estado brasileiro da Bahia em 1927. Na década de 50, concluiu os cursos de filosofia da Universidade Lomonosov, em Moscou, e da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. Iniciou, nos anos 60, carreira universitária nessa última cidade, tendo sido sucessivamente professor auxiliar da Universidade Federal do Rio de Janeiro, adjunto da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, titular e livre-docente da Universidade Gama Filho, na mesma cidade, aposentando-se em 1989. Na Pontifícia Universidade Católica do Rio, organizou e coordenou o Curso de Mestrado em Pensamento Brasileiro. Na Universidade Gama Filho, juntamente com o professor português Eduardo Soveral, implantou o Curso de Doutorado em Pensamento Luso-Brasileiro. Presentemente desenvolve atividades de pesquisa em Universidades, no Brasil e em Portugal. Preside o Conselho Acadêmico do Instituto de Humanidades". RODRIGUES, Ricardo Vélez. *Biografia Sobre Antonio Paim.* http://www.ensaystas.org/filosofos/brasil/paim/paim.htm. Acesso em 04 de abril de 2005. São várias as obras de Paim que o levaram a ser reconhecido como um dos mais importantes estudantes do contexto sócio-filosófico do país.

[3] Por modernismo compreende-se a saída dos padrões escolásticos mantidos pelo clero português, para um direcionamento mais atual.

de um mero pluralismo e da moral moderna, a visão filosófica que caracterizou a Reforma Protestante em seu início. Podemos verificar o quanto foi importante o movimento missionário para a estrutura de um povo, principalmente no seu bojo como nação, e nação que tem o Deus verdadeiro como seu Senhor.

Iniciando nosso estudo, apresentaremos primeiro o problema da moral contra-reformista, depois a importância do movimento missionário dentro de seus principais representantes e resultados como fator estimulador no novo ponto de vista religioso. Seguiremos com a crítica formulada de maneira mais direta possível, com a perspectiva filosófica do que chamamos de pensamento reformado calvinista.

## 1. A moral contra-reformista

Antônio Paim afirma que "nunca houve no país uma avaliação crítica da moral contra-reformista, o que há de ter contribuído para a sua longa sobrevivência".[4] É necessário fazer tal crítica, e podemos continuar a apoiar o ponto de vista de Paim quando diz que esta possibilidade surge em meio ao contexto do "surto das igrejas evangélicas".[5] Para ele, este ímpeto nos levará a um pluralismo religioso, que virá a ser a ante-sala da moral moderna de forma inadiável.[6]

Crer nessa possibilidade de fato se faz necessário, contudo, na formatação reformada, poderemos ter algo mais evidente. O movimento do século 16 é para nós, neste trabalho, fonte de observação, de reflexão quanto ao passado e ao presente, já apontando para perspectivas futuras.

Mas antes de adentrar na questão propriamente dita da crítica à moral contra-reformista, passemos para definição da moral que importa que se aborde aqui.

[4] PAIM, Antônio. *Roteiro Para Estudo e Pesquisa da Problemática da Moral na Cultura Brasileira*. Londrina: UEL, 1996, p. 8.
[5] Idem.
[6] Idem.

### 1.2. Definição de moral

Uma definição clássica seria a "Ciência que trata do uso que o homem deve fazer de sua liberdade para alcançar seu fim último".[7] É a parte da filosofia que estuda os deveres do homem. Seria o mesmo que: o que é "atinente à conduta, e, portanto, suscetível de avaliação moral".[8] Mesmo que os termos "ética" e "moral" sejam usados, muitas vezes, indistintamente, há significativa diferença entre os dois. A questão da moral está numa significação mais ampla, muito mais ligada a produções do espírito subjetivo (história, política, arte, etc.).[9] Desta forma, a ética não cria a moral, como diz Vásquez:

> Conquanto seja certo que toda moral supõe determinados princípios, normas ou regras de comportamento, não é a ética que os estabelece numa determinada comunidade. A ética depara com uma experiência histórico-social no terreno da moral, ou seja, com uma série de práticas morais já em vigor e, partindo delas, procura determinar a essência da moral, sua origem, as condições objetivas e subjetivas do ato moral, as fontes da avaliação moral, a natureza e a função dos juízos morais, os critérios de justificação destes juízos e o princípio que rege a mudança e a sucessão de diferentes sistemas morais.[10]

A ética seria, então, a teoria ou ciência do comportamento humano. Enquanto a moral "determina os deveres pessoais, interpessoais e sociais do homem".[11] Sendo assim, aplicamos esta consideração a nossa cultura e perceberemos que os deveres pessoais em nossa pátria são regidos, mesmo que intersubjetivamente, por uma tendência Católica chamada de contra-reformada, vigente em atitudes que implicam superficialidade do desenvolvimento de nosso país frente a outras nações que tiveram como base uma moral reformada.

[7] JOLIVET, R. *Vocabulário de Filosofa.* Rio de Janeiro: Agir, 1975, p. 148.
[8] ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia.* São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 682.
[9] MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia.* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982, pp. 270,271.
[10] VÁZQUEZ, Adolfo Sanchez. *Ética.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 22.
[11] JOLIVET, R. Op. Cit., p. 148.

### 1.3. A moral contra-reformista

A maneira como a Igreja Católica considerou o pensamento moderno ressalta a realidade do contexto da colonização do Brasil, isso porque houve um bloqueio em torno da ciência na área filosófica, por evocação de Tomás de Aquino[12] na fundamentação da física aristotélica, chegando a ponto de ser denominada de Segunda Escolástica Portuguesa,[13] um embate que defendia a fé por meio e formas substanciais e acidentais na metafísica aristotélica.

Paim ressalta os cinco pontos que caracterizam a moral contra-reformista, depois de avaliação de várias obras do século 16 a 18:

1. O homem está na terra por simples castigo;
2. A condição de peregrino destina-se a fixar o lugar na vida eterna;
3. O homem é um vil bicho da terra e um pouco de lodo;
4. Condenação da riqueza;
5. A pobreza é uma virtude.[14]

Todos estes pontos salientam o pessimismo quanto à realidade da modernidade, e isso ficou impregnado em nossa moralidade social básica. Há um desdém ao lucro, toda riqueza pode causar temor e tudo isso possivelmente pode ser desnecessário a uma vida que almeja apenas uma passagem do mundo do castigo.

Paim registra ainda que, no Brasil, "o socialismo surgiu com uma reação moral dos intelectuais aos efeitos sociais da Revolução Industrial, com a formação de grandes aglomerações urbanas e o trabalho fabril baseado em jornadas intermináveis".[15] Motivação moral essa que pode ser reavaliada se verificarmos o atraso que é disposto no presente momento, frente ao contexto moderno de

[12] A moral tomista é igualmente uma adaptação da ética de Aristóteles. O homem deve desejar o bem, e o bem para Aristóteles está intimamente ligado à questão da inteligência. O ato mais elevado da consciência é a contemplação do divino. Cf. JEAUNEAU, Edourd. *A Filosofia Medieval.* Lisboa: Edições 70, 1963, pp. 84-85.
[13] PAIM, Antônio, Op. Cit., p. 17.
[14] PAIM, Antônio, Op. Cit., pp. 18-20.
[15] Idem. p. 23.

nossa pátria. Como ressalta Paim numa comparação que denota dois pontos de vista, brasileiro e americano, mesmo com a idéia weberiana permeando sua tese, podemos encontrar o ponto de contato da diferenciação dos contextos de colonização católico e reformado sendo comparados:

> Nos fins desse último século, Brasil e Estados Unidos dispunham de contingente populacional assemelhado, por volta de 3 milhões de pessoas. A distinção radical consistia na base moral e nas tradições culturais configuradas. Ali, o predomínio da convicção (puritana) de que o sucesso na obra (e, portanto, o enriquecimento) poderia tornar-se indício de salvação. Aqui [Brasil], com idêntico propósito de salvar a alma, a franca opção pela pobreza.[16]

Diante do problema ressaltado, podemos continuar apontando para a concretização do ponto de vista de Paim, que demonstra a necessidade de uma crítica da moral contra-reformista. Segundo tese de Paim, o Marquês de Pombal se preocupou com as questões mais visíveis e perdeu a oportunidade de estruturar a modernidade no país. No período representativo, tivemos a manutenção da religião oficial, perpetuando assim, na prática, a subordinação da moral à religião, o cientificismo que também se tornou contra-reformista, bem como o Apostolado Positivista, e a posição positivista do Marxismo, no plano político, com a pregação socialista dos católicos.[17] Concordando, então, com a existência do problema da possível diferente realidade da moral contra-reformista, partimos para o campo de uma possível compreensão da derrota deste por atitudes evangélicas e, no nosso caso, na formulação do ponto de vista reformado.

Convém ressaltar que a realidade evangélica começa com um movimento de grande expressão em nossa pátria, o movimento

[16] PAIM, Antônio. *Momentos Decisivos da História do Brasil.* São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 147.
[17] PAIM, Antônio. *Roteiro Para Estudo e Pesquisa da Problemática da Moral na Cultura Brasileira*. Londrina: UEL, 1996, p. 27

missionário.[18] Por meio dele, temos a esperança da crítica à moral contra-reformista. De forma mais particularizada, entendemos que tal movimento tem por base a estrutura americana, na pessoa de Ashbel Green Simonton, Alexander Blackford e outros; e, de maneira mais direta uma fundamentação local, na pessoa daquele que foi chamado de Padre Protestante, José Manoel da Conceição. Verifiquemos tal estruturação para a futura crítica à moral contra-reformista.

## 2. Movimento missionário, nascimento da crítica à moral contra-reformista

O movimento missionário protestante no Brasil se tornou viável graças às condições favoráveis, pela providência de Deus, que estruturaram a aliança entre a nação protestante inglesa e a nação portuguesa católica. Portugal, durante anos, foi governado da Colônia, isto devido às guerras napoleônicas que causaram o espanto e a fuga da Coroa portuguesa para o Brasil. Tinha a colônia, nesse período, um grande movimento de embarcações inglesas que traziam protestantes para cá. Estes fixavam residência no Brasil e necessitavam continuar com a vida de adoração. Daí, entende-se que, até então, não havia protestantes no Brasil, e que, depois destas necessidades, ocorreram promulgações que davam a liberdade de culto aos estrangeiros, desde que as salas de reuniões não tivessem o formato de templo e que não se fizessem divulgação proselitista.[19]

[18] Não queremos aqui excluir outro grupo importante do protestantismo no Brasil, o protestantismo de colônia. Sua influência também pode ser percebida, como ressalta Boanerges Ribeiro, mas como foi uma das primeiras formas de protestantismo no Brasil, ainda estava muito limitado pelas leis contra expansão na pátria: "Embora os evangélicos de Colônia não se preocupassem com proselitismo entre brasileiros, contudo inseriam-se na organização social do País, interpretavam com liberdade as restrições constitucionais e seu culto; estabeleciam o culto; ingressavam nas agendas do sistema de parentesco (batismo, casamento, sepultamento) até então monopolizadas pela religião do Estado – e faziam-no decididamente, mesmo antes das acomodações necessárias no sistema jurídico, com conhecimento e, por assim dizer, a conivência das autoridades. Ingressavam nos cenários com seus cemitérios, seus templos, suas casas pastorais, suas escolas. Conservavam a homogeneidade comunitária, educando os filhos em suas escolas, sob a direção de professores protestantes. E algumas famílias católicas romanas enviaram seus filhos a essas escolas". RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo no Brasil Monárquico*. São Paulo: Pioneira, 1991, p. 11.

[19] RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo no Brasil Monárquico*. São Paulo: Pioneira, 1991, p. 11.

Convém ressaltar que antes deste período a presença de protestantes no Brasil foi através de Franceses e Holandeses, mas as tentativas tinham doses mais políticas do que religiosas. O desejo de assumir a terra estava mais ligado a questões de guerra por poder.[20]

Mudanças importantes começaram a ocorrer nas décadas de 20, 30, 40 e 50 do século 19, com a criação de sociedades bíblicas na América Latina. Foram elas as Sociedades Bíblicas Britânica e da Colômbia. No Brasil, as Bíblias começaram a chegar no ano de 1842, sendo 55 Bíblias e 93 Novos Testamentos, vindos de Nova York, 408 volumes em 1849; 1500 ao todo, do ano 1842 a 1853. De Londres, vieram cerca de 2500 volumes até 1854.

O movimento da Independência do Brasil facilitou muito (devido à liberdade religiosa) a propagação de colportores (vendedores e distribuidores de Bíblias). De 1855 a 1859, foram vinte mil volumes que foram vendidos ou dados. O Brasil se tornou um reduto forte de leitores da Bíblia. Vieram depois os pregadores, que encontram um país com liberdade religiosa, mesmo com a inconformidade do clero nacional e estrangeiro. Outro detalhe a destacar foi a vinda dos povos de emigração que eram protestantes. Eram eles alemães, suíços e ingleses. Todos estes detalhes foram decisivos para a fundamentação de um ambiente que, desde já, estava assimilando a nova perspectiva religiosa. O protestantismo já começara demonstrar seu rosto no ambiente brasileiro. Havia a necessidade de Reforma, a necessidade de pregadores.

### 2.1. As estratégias missionárias

Em 19 de agosto de 1835, o pastor norte-americano Fountain E. Pitts veio ao Brasil, e seu objetivo era estudar a possibilidade de enviar pregadores ao nosso país. Foi através dele que houve a recomendação para trazer ao Brasil os pregadores americanos.

O Brasil passou a ter um movimento missionário constante, porém, tímido. O Dr. Kalley (missionário congregacional), homem de grande dignidade, no qual se estruturara até então o movimento

[20] Idem., p. 12.

missionário no Brasil, desenvolveu seu trabalho, a saber, encorajar e doutrinar os companheiros, fazer vir da Inglaterra e Nova York Bíblias, Novos Testamentos e folhetos; traduzir obras evangélicas como "O Peregrino", e publicá-las em folhetim na imprensa secular. A igreja de Kalley foi organizada em 1858, com 14 membros.

Entre 1857 e 1859, houve uma remessa grande de missionários, por exemplo, Simonton que chegou no Brasil em 1859, no dia 12 de agosto. Seu trabalho foi de apoio aos marinheiros e aos de língua inglesa no Brasil. Um ano depois, desembarcou seu cunhado Blackford, com a esposa. O trabalho missionário até aqui não se desenvolvia, principalmente no Rio. Simonton fez algumas viagens para a Província de São Paulo. Nesta viagem, que durou de dezembro de 1860 a março do ano seguinte, pregou para ingleses e vendeu algumas Bíblias. Simonton passou por Sorocaba, Itapetininga, Itu, Limeira, São João do Rio Claro e Ibicaba. Impressionado com o desamparo dos protestantes de língua alemã, solicitou um missionário que falasse tal língua, e, em dezembro de 1861, chegou ao Brasil o missionário Francis J. C. Schneider, alemão que emigrara para os Estados Unidos.

Essa viagem de Simonton animou a Blackford, que, por isso, se transferiu para São Paulo, capital. Ali na Rua Nova Ouvidor se estabeleceu o primeiro lugar de culto protestante em São Paulo. A cada domingo, o número de pessoas aumentava — no começo duas pessoas, depois três, e assim prosseguiram até chegar a um número de 6 a 19 pessoas.

Os presbiterianos demonstraram coragem e disposição, atuando em vários pontos das principais províncias, contudo, a obra necessitava de algo mais, mesmo com a amizade e a diplomacia que deu ânimo e direitos àqueles que se apegavam à Reforma.

Schneider não conseguiu permanecer em São Paulo, pois estava, até então, no lugar de Blackford. Mas aqui começa a fundamentar-se aquilo que chamamos de uma nova perspectiva missionária. Blackford partiu no dia 22 de outubro para o interior; esteve fora até 18 de novembro de 1863, passou por Campinas, Limeira, São João do Rio Claro, Piracicaba e nas colônias alemãs de São Jerônimo, Ibicaba, São Lourenço e Angélica.

### 2.2. O padre protestante

Foi na cidade de Rio Claro que Blackford ouviu falar de um padre protestante, que aconselhava sempre a leitura da Bíblia, um pregador do evangelho de forma revolucionária, mas que estava afastado, cuidando de uma chácara. Sobre esse encontro escreve Rev. Boanerges: "Mas nesse dia de novembro de 1863 o missionário não percebeu que acabava de encontrar o homem que iria abrir o caminho da Reforma em São Paulo e Sul de Minas".[21]

A amizade de Blackford com José Manoel da Conceição foi se formulando de maneira empolgante. O curioso foi que Blackford não percebeu a importância de ter um homem como aquele no trabalho missionário. Dali surgiu o contato com correspondência assídua entre os dois homens, até que ocorreu um encontro numa quinta-feira, 19 de maio de 1864. Dava-se início ao vigor, no meio de lutas e crise, do espírito missionário de um homem, que se tornou o primeiro missionário protestante brasileiro. Depois de longas conversas com Blackford, toma a feliz e dura decisão de ser protestante. Estuda as doutrinas reformadas e professa sua fé em Cristo.

As palavras de José Manoel da Conceição demonstram sua experiência abençoada: "Agora eu me sinto em casa; e estou em lugar de onde não darei um passo para trás!".[22]

Assim se inicia uma nova perspectiva missionária no Brasil.

#### 2.2.1. O sentimento de responsabilidade

Para Conceição, ver o povo caído na ignorância era algo que o motivava ao trabalho, mas saber que muitos deles foram atingidos pela sua pregação errônea era algo solapante e destrutivo. O evangelho falou ao coração de Conceição de tal forma que sua retrospectiva o levara a evidenciar missões como a principal coisa de sua vida. De fato, missões eram agora o seu objetivo principal.

Em 1865, auxiliava Chamberlain em Brotas e depois se estruturou com a escrita do documento "Profissão de Fé Evangélica" para evidenciar os motivos de sua convicção frente ao protestantismo.

[21] RIBEIRO, Boanerges. *O Padre Protestante.* São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1979, p. 103.
[22] Ibid, p. 104.

### 2.2.2. O Protestantismo em Brotas

Num terreno fértil, que foi o antigo campo de Conceição como católico, evidenciaram-se os três anos nos quais a palavra e o exemplo do padre protestante criaram o ambiente propício para penetração do evangelho. O povo gostava da Bíblia, as imagens não possuíam santidade, e a confissão ao padre deixou de ser obrigatória. A única confissão agora era a Deus por meio de Cristo.

Quando Blackford e Conceição chegaram em Brotas, foram bem recebidos, isto porque José Manoel da Conceição não se deixava envolver por questões políticas que constantemente evidenciavam inimigos.

De 25 de outubro a 15 de novembro, eles ficaram em Brotas pregando o evangelho. O ambiente favorável, graças ao desempenho de José Manoel da Conceição como vigário naquele lugar, deu margem para uma transformação na comunidade: Houve reuniões com 20 e até 30 pessoas. Durante a semana, eles visitavam sítios e pregavam o evangelho. Faz-se necessário observar aqui a importância dos contatos já estabelecidos por José Manoel da Conceição, bem como a mudança de tática no movimento missionário:

- Passa-se agora a dar mais ênfase às famílias;
- Há um evangelismo mais pessoal, com visitação constante por parte de missionários, principalmente pelo formulador deste novo processo, o padre protestante.

Todo o trabalho de José Manoel da Conceição como padre e o término como missionário fez de Brotas um exemplo fantástico do poder de Deus em uma pátria, na qual mal se viam conversões.

No dia 13, reúne-se um grupo em casa de Antônio Francisco de Gouvêa, com o objetivo de organizar uma igreja. Neste dia, pregou José Manoel da Conceição a mais de 30 presentes. Depois fizeram a pública profissão de fé e receberam o batismo as seguintes pessoas: Joaquim José de Gouvêa e a sua mulher Lina Maria de Gouvêa; seu filho Francisco Joaquim de Gouvêa e sua filha Sabina Maria de Gouvêa; Antônio Francisco de Gouvêa, sua mulher Sabina Maria de Gouvêa, e suas três filhas, Belmira Maria de Gouvêa, Maria

Victoria de Gouvêa e Maximina Mirian de Gouvêa; Severino José de Gouvêa e sua mulher Maria Joaquina de Gouvêa. Ainda houve o batismo infantil de 9 crianças. Essa foi uma das maiores alegrias dos missionários, pois nunca tantas pessoas haviam sido alcançadas como em Brotas. No dia 14, outros se ajuntaram à igreja. Foram eles: Joaquim, Antônio Joaquim, Lino José, Nonório José e Cassiano, filhos de Joaquim José e Lina Maria de Gouvêa.

Depois da partida de Blackford e Conceição, a evangelização em Brotas continuou de maneira graciosa. O povo era animado em falar do evangelho e, por isso, o número de crentes aumentava a cada dia. Pessoas da Vila e dos sítios — Boenos, Prados, Magalhães, Borges, Oliveiras, Morais, Cardosos e Cardosas, Godois, Barros, Coutinhos e Garcias. Como há de se ver, gente de muitas procedências e variadas famílias fizeram de Brotas o maior centro do reduto presbiteriano no Brasil. Casos curiosos como o de Maria Antônia Arruda e seu marido João Claro Arruda: mulher índia e ex-escravo e ex-sacristão de José Manoel da Conceição.[23]

O Rev. Boanerges Ribeiro fez questão de salientar o seguinte sobre Brotas:

> "Durante muitos anos teve sede em Brotas a maior igreja protestante nacional. Dali se irradiou a pregação para Oeste e para Sul de Minas, surgindo dessa irradiação várias igrejas: Rosário do Rio Novo; Cabeceira do Jacaré; Fazenda Figueira; Sítio Bom Jardim, – toda região circunvizinha posta sob influência dos pregadores".[24]

[23] Convém ressaltar as palavras de Skinner quando trata sobre o pensamento de Lutero: "... todos os crentes, e não somente a classe sacerdotal, têm igual dever e condição de socorrer seus irmãos e de assumir a responsabilidade por seu bem-estar espiritual. Mas seu principal empenho consiste, claramente, em reiterar sua convicção de que todo indivíduo que for um cristão fiel pode relacionar-se com Deus, sem necessidade de qualquer intermediário. O resultado é que em toda a sua eclesiologia, bem como no conjunto de sua teologia, constantemente nos vemos reconduzido à figura – central – do indivíduo cristão, com sua fé na graça redentora de Deus". SKINNER, Quentin. *As Fundações do Pensamento Político Moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 293-294. Observe que o que aconteceu em Brotas tem todas as características de uma transformação semelhante ao pensamento do reformador Lutero.

[24] RIBEIRO, Boanerges. Op. Cit., p. 131.

Como se pode ver, a evangelização de Brotas foi um marco positivo na história do protestantismo nacional; com ênfase, olhamos para a importância do Padre Protestante, pois sua antiga paróquia foi um solo fértil na disseminação da fé reformada.

Em 1865, chega um outro missionário, George W. Chamberlain, que viera da América na esperança de tratar das vistas que estavam estragadas por causa dos estudos. Depois de se estruturar como pregador, mais tarde se tornou ministro do evangelho.

O presbiterianismo de então estava firmado em seis núcleos. Rev. Boanerges diz que:

> "... nesses seis núcleos estava enterrado o protestantismo; faltavam-lhe pregadores para derramar em todo o país; faltavam aos missionários pontos de apoio ou, como hoje diríamos, neste nosso amargo após guerra, faltavam-lhes cabeças de ponte por onde penetrassem em outras cidades, outras regiões. José Manoel da Conceição lhes forneceu essas cabeças de ponte, abrindo para o nascente movimento protestante a província de São Paulo toda, e mais o Sul de Minas; supriu a falta de homens, entregando à constante itinerância que o esgotou; desfez a natural timidez daqueles estrangeiros pregadores, unindo com eles sua sorte".[25]

O ex-padre José Manoel da Conceição se tornou grande força missionária e foi responsável por expandir o protestantismo em boa parte do país. Diante disso, muitas foram as implicações que fizeram com que o país verificasse uma nova perspectiva de fé, e, não somente isso, mas também uma nova formulação da estruturação social, que trazia no seu bojo um prisma de modernidade. Sobre um ponto de vista mais analítico-social, se faz necessário compreender e avaliar a tese de Antônio Gouvêa Mendonça, que salienta o protestantismo como força modernizadora liberal.[26] Mesmo não sendo a força maior de ingleses e alemães, principais

[25] RIBEIRO, Boanerges. Op. Cit., pp. 135, 136.
[26] MENDONÇA, Antônio Gouvêa. FILHO, Prócoro Velasques. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 2 ed. 2002, p. 73.

responsáveis pela primeira movimentação protestante no país, mas sim de norte-americanos, "que não estavam interessados em se fixar em espaços geográficos novos",[27] mas, na verdade, "se sentiam depositários da missão divina de levar aos povos mais atrasados os benefícios do Reino de Deus na terra".[28]

## 3. A crítica à moral contra-reformista

Mendonça salienta alguns pontos que já nos dão resposta à questão da moral contra-reformista dentro da proposta de crítica. Abaixo, alisto as teses que ele apresenta em seu livro sobre a Introdução do Protestantismo no Brasil:

- "O segmento liberal da sociedade brasileira, adepto da ideologia do progressismo, ansiava por uma nova educação que substituísse o sistema escolástico dos jesuítas".[29]
- "O sistema educacional que os missionários norte-americanos trouxeram obteve grande êxito junto à elite brasileira".[30]
- "Embora a elite liberal brasileira não estivesse interessada na "religião" protestante como tal, ela escolheu os missionários como arautos do liberalismo e do progresso".[31]
- Mesmo com um atenuante frente à impossibilidade de um país protestante, é importante enfatizar no destaque desta tese de Medonça a identificação de formação da saída da pobreza para o desenvolvimento econômico: "Os pobres que se converteram, apropriando-se da ética puritana que lhes serviu de mola propulsora, ascenderam à classe média em formação e perderam a força evangelizadora".[32]

As teses de Mendonça nos ajudam a verificar que é coerente dizer que a igreja evangélica é a provável fonte de questionamento

[27] Idem.
[28] Idem.
[29] Idem.
[30] Idem.
[31] Idem.
[32] Idem.

da moral contra-reformista. Neste caso, é importante ler o próprio Mendonça e verificar sua sensibilidade frente a um conceito reformulador:

> "O núcleo da mensagem missionária protestante era a conversão do indivíduo de sua vida pecaminosa (modo de vida anterior) à vida regenerada por Jesus Cristo (novo modo de vida expresso numa nova ética). A conversão se constituía numa opção individual e podia romper os mais fortes laços familiares e sociais. Num sentido mais amplo, o indivíduo rompia os 'grilhões imutáveis das tradições da antiga sociedade...'. Assim, pode-se entender o que afirmou Ewbank ao descrever o povo brasileiro, sua cultura e sua religião: 'As relações sociais e civis seriam rompidas' caso a pregação protestante tivesse êxito. Ora, os liberais sabiam perfeitamente que só uma ruptura de mentalidade da sociedade brasileira abriria caminho para uma nova sociedade, modernizada e progressista".

### 3.1. Pensamento reformado, esperança de crítica à moral contra-reformista

A nossa esperança é que tal crítica à moral contra-reformista se estabeleça de forma mais enfática em nossos dias. Seria importante evidenciar o apogeu filosófico no qual todos pudessem enfatizar o desenvolvimento de nossa nação dentro de uma preocupação mais enfática naquilo que, de fato, mudou o mundo, o que chamamos de conseqüências da Reforma Protestante.

Acreditar que o movimento religioso, que veio suprir as carências e ansiedades de milhares de uma época, poderia ajudar na transformação política, econômica, social e cultural de muitos povos, talvez seria difícil, principalmente na época em que o Humanismo era a força motriz, mas foi justamente o que aconteceu. Quis Deus que a luta de homens com a perspectiva de Lutero e Calvino estruturassem o futuro das vindouras gerações. Desta forma, temos toda a bagagem dos missionários que, munidos por uma teologia reformada, trouxeram ao Brasil a nova perspectiva que tem trazido a pátria à perspectiva bíblica para a realidade da função principal do homem, que é glorificar a Deus.

Como ocorreu em outros momentos da história, e em outros países, esperamos que ocorra também, cada vez mais, até chegar à sua forma definitiva, uma estrutura reformada no Brasil. Sonhamos tal como outros homens, como o holandês Abraham Kuyper[33] (1837 –1920), Herman Bavink[34] (1854 – 1921), Herman Dooyeweerd[35] (1894 – 1977), que evidenciaram na Reforma, em Calvino, o que se pode chamar de filosofia reformada. Como diz Ricardo Quadros Gouvêa:

> "O calvinista não pode se satisfazer apenas com uma teologia reformada; ele busca uma filosofia igualmente reformada, uma ciência, uma arte, uma cultura, uma política reformada. Todas as áreas da ciência podem e devem ser exploradas a partir de pressupostos cristãos reformados, através da examinação pressuposicional (dos fundamentos teóricos) e estrutural segundo o motivo bíblico elementar da criação-queda-redenção".[36]

## Conclusão

Como podemos ver, o pensamento reformado tem muito a oferecer no contexto moderno brasileiro. Como diz Kuyper: "Calvino

[33] Kuyper era holandês e filho de família protestante. Tornou-se doutor em teologia, foi o editor chefe do *De Standaard*, um jornal diário, e o órgão oficial do partido Anti-Revolucionários que pertence ao contingente protestante da nação holandesa. Foi também editor de *De Heraut*, um jornal semanal distintivamente cristão. Em 1874, foi eleito membro da Casa Baixa do Parlamento, função que exerceu até 1877. Em 1880, fundou a Universidade Livre de Amsterdã, a qual tomava a Bíblia como base incondicional sobre a qual deveria ser erguida toda estrutura do conhecimento humano em cada departamento da vida. Ver KUYPER, Abraham. *Calvinismo*. São Paulo: Cultura Cristã, São Paulo, 2002, p. 9.

[34] As palavras de Bavink, traduzidas e apontadas por Plantinga, registram bem a doutrina calvinista: "As Escrituras nos incitam a contemplar os céus e a terra, os pássaros e as flores e os lírios, para que neles vejamos o reconhecimento a Deus. "Levantai ao alto vossos olhos e vede quem criou estas coisas" (Is 40.26). As Escrituras não argumentam abstratamente. Elas não fazem de Deus a conclusão de um silogismo, deixando-nos a tarefa de pensar se os argumentos são sustentáveis ou não. Mas elas falam com autoridade. Tanto teológica quanto religiosamente, elas tomam a Deus como seu ponto de partida". PLANTIGA, Alvin C. *A Objeção Reformada à Teologia Natural*. In McKim, Donald K.: Tradução Gerson Correia de Lacerda, São Paulo: Pendão Real, 1999, pp. 50, 51.

[35] Dooyeweerd é autor de *No Crepúsculo do Pensamento Ocidental* (1960), *das Raízes da Cultura Ocidental* (1979), *De Uma Crítica Nova De Pensamento Teórico* (1953), E *Da Idéia Cristã Do Estado* (1967). Ensinou na Universidade Livre de Amsterdã entre 1926 e 1965.

[36] GOUVÊA, Ricardo Quadros. *Calvinistas Também Pensam: Uma Introdução à Filosofia Reformada. in* Fides Reformata, vol. I, número 1, p. 52.

abomina a religião limitada ao gabinete, à cela ou à igreja. Como o salmista, ele invoca o céu e a terra, invoca todas as pessoas a dar glória a Deus".[37] Os desafios mostram que a busca pela verdade religiosa está diametralmente ligada à noção da realidade vivencial atual. O homem está no mundo, vivendo neste mundo, mas com a perspectiva eterna, contudo, não negando o mundo, mas fazendo dele o local para o desenvolvimento do homem que tem a imagem e semelhança de Deus.

Já existe uma busca por transformação da cultura que mantém o pensamento da contra-reforma. Seu início se deu quando Deus abriu as portas de nossa pátria para missões. Cada vez mais esperamos que essa nova mentalidade, que Paim chama de moderna, e que nós chamamos de poder do evangelho, alcance e influencie as artes, a política, a ciência, a economia, a literatura, a educação e outros diversos setores.

Concordar com o ponto de vista de Antônio Paim, dentro da perspectiva reformada, é concordar com a necessidade de apontar para a realidade de que em nossa pátria ainda existe a possibilidade de argumentação, de mudanças e de crítica à moral contra-reformista por meio de uma visão que vai além.

Os fatores implícitos na identidade do povo reformado poderão ressaltar a verdade sobre o homem que vive no tempo e que, mesmo olhando para a eternidade, não deixa nunca de compreender o desafio que é viver no seu momento em busca da estruturação do seu povo, da dignidade humana, do desenvolvimento que caracteriza a modernidade.

A Reforma, onde penetrou, não esteve limitada ao aspecto religioso, mas foi um movimento de tamanho alcance que estruturou os aspectos que são fundamentais para a cultura e a sociedade. A mentalidade moderna deve muito ao pensamento reformado. O nosso país tem no movimento reformado a possibilidade da moral moderna.

[37] KUYPER, Abraham. *Calvinismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 62.

DEPARTAMENTO DE MÚSICA

# "Impressão" ou "Expressão"

## O papel da música na Missa Romana medieval e no Culto Reformado


**Maestro Parcival Módolo**

Regência na *Westfälische Landeskirchenmusikschule*, em Herford, Alemanha

Mestrado com especialização em música dos séculos 17 e 18 também na *Westfälische Landeskirchenmusikschule*

Bacharel em Teologia pela Escola Superior de Teologia do Instituto Presbiteriano Mackenzie

Mestrando em Ciências da Religião pelo Instituto Presbiteriano Mackenzie

Titular da Orquestra de Sunden, Westfalia

Direção da Orquestra Sinfônica Municipal de Americana por 14 anos

Regente regular da Orquestra Filarmônica de Rio Claro, SP, e da Orquestra Sinfônica da UNICAMP

Maestro convidado da Orquestra Sinfônica e da Orquestra de Câmara de Goiânia, GO, bem como da Sinfônica de Belém, PA

Maestro visitante da Orquestra Sinfônica de San Diego, USA

*"Gastdirektor"* da Orquestra do Teatro da Ópera de Bielefeld, Alemanha

# "Impressão" ou "Expressão"

## O papel da música na Missa Romana medieval e no Culto Reformado

**RESUMO**

Qual é a função da música na igreja? Gerar um ambiente propício para adoração ou comunicar a Palavra? Maestro Parcival Módolo responde a esta pergunta com profundidade e clareza. Nos primeiros tópicos do artigo, o autor faz um passeio na área da Antropologia e traz ao leitor a definição do que é música. A seguir, o autor vai para a Idade Média e analisa a inserção da música no culto reformado, bem como, quais eram os pressupostos dos reformadores com relação a este meio cúltico.

**PALAVRAS-CHAVE**

Música; Música Sacra; Missa Romana; Culto Reformado.

**ABSTRACT**

What is the role of music in the church? Is it to create a favorable environment for worship, or comunicate the Word? Maestro Parcival Módolo answers this question in a deep and clear way. In the first topic of the article, the author, from an anthropological perspective, proposes a definition for music. After this, he goes to the Middle Age in order to analyse the insertion of music in Reformed service, and the assumptions of the reformers regarding worship.

**KEYWORDS**

Music, Sacred Music, Roman Mass, Reformed Service

*A palavra deve permanecer em seu próprio uso pragmático, porta aberta ao Todo Outro, questionamento sobre a causa última, orientação para a resposta derradeira.* [1]

Ellul

## INTRODUÇÃO

Troncos de árvores, blocos e lâminas de pedra percutidos; búzios, cânulas vegetais e ossos soprados; embiras, cipós ou crinas retesadas e beliscadas; emissões sonoras vocais e inflexões melódicas articulando ou não palavras... Parece, mesmo, que alguma forma de música tem acompanhado o homem desde o início da sua história. De fato, até hoje – e nisso sociólogos, arqueólogos e antropólogos concordam – nenhum grupo humano foi encontrado que não cultivasse algum tipo de expressão musical em sua comunidade: música vocal, apenas; música instrumental, apenas; ou as duas, independentes, ou complementares, simultaneamente. Não são poucas as referências ao fato, o da presença da música nas comunidades mais antigas, como a de Domingos Alaleona: "A origem da música perde-se, como dizem os historiadores, na noite dos tempos. Não há povo antigo no qual não se encontrem manifestações musicais".[2]

Claude Lévi-Strauss, na abertura de seu *O cru e o cozido*, observa que "... a natureza produz ruídos, e não sons musicais, que são monopólio da cultura enquanto criadora dos instrumentos e do canto".[3] O autor dos Tristes Trópicos compreendeu que, embora troncos, búzios e cânulas sejam fartamente oferecidos pela natureza, é a freqüência da percussão, ou a intensidade do sopro, ou a variedade do uso que criarão aquilo que se poderá chamar "Música". No que se refere à voz humana, que "sempre esteve lá", isto é, que estava naturalmente disponível, são suas diferentes inflexões, suas variadas nuanças de emissão que criarão seqüências inteligí-

[1] Os textos das epígrafes aos capítulos são de ELLUL, Jacques. *A palavra humilhada.* São Paulo: Paulinas, 1984.
[2] ALALEONA, Domingos. *História da Música*. São Paulo: Ricordi, 1972, p. 39.
[3] LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Cru e o Cozido* (Mitológicas v. 1). São Paulo: Cosac e Naif, 2004, p. 42.

veis, compreensíveis, e que podem ser definidas como musicais. É por isso que o sociólogo franco-belga pode concluir: "... os sons musicais não existiriam para o homem se ele não os tivesse inventado".[4] A matéria prima já lá estava, a música não.

## 1. Música como veículo

> *A palavra é, necessariamente, dita a alguém. E se não há ninguém, será dita a si mesmo ou a Deus. Supõe um ouvido. Seja ele o Grande Ouvido – evoca uma resposta. A palavra, qualquer palavra, a expressão grosseira, o insulto, a exclamação, o solilóquio dão início a um diálogo. (p. 19).*

Se música, então, é veículo de comunicação anterior à palavra, ela, além disso, também é comunicação que transcende os limites do próprio grupo cultural, espalhando seu conteúdo, a palavra, para além da cultura local. Não fosse assim e a canção de vitória das mulheres hebréias, cantando que seu rei matara milhares de inimigos, mas que o jovem Davi matara dez milhares (1Sm 18.7), teria chegado, no máximo, aos ouvidos de Saul (v. 8) e jamais ao arraial do inimigo (1Sm 21.11). Não teria fixado as palavras na memória desses mesmos inimigos por tanto tempo (1Sm 29.5), o que o relato bíblico nos diz que aconteceu! Não conseguisse a música espalhar seu conteúdo para além da cultura local e o pensamento Reformado, em boa parte contido nos corais luteranos,[5] não teria se espalhado com tamanha velocidade, não apenas entre os habitantes de Wittenberg, mas entre boa parte do povo de fala germânica; não só entre o clero e os acusadores de Lutero, mas também entre os laicos, que nada conheciam de disputas teológicas; não só entre os homens mais sábios e ilustres, mas também — e especialmente – entre os camponeses simples e entre iletrados aldeões.

[4] Idem.
[5] "Coral Luterano", aqui, refere-se ao gênero musical nascido com a Reforma Protestante para o culto reformado, um tipo de música que se apresentou como alternativa ao "Coral Gregoriano", a música que se cantava na Liturgia Romana.

Além do que já se disse, música também foi, para alguns povos, algo como "modeladora cultural e moral". Não são raras as afirmações dos pensadores gregos sobre o poder que a música tem de "formatar" a sociedade. Platão reconheceu-a como poderosa para influenciar a forma de governo e não hesitou em dizer que não se podia mudar a música sem com isso efetuar mudança correspondente na constituição do Estado. Fabre D'Olivet, inspirado pelo historiador Políbio, conhecido por sua precisão, conta que, entre todos os povos da antiga Arcádia, os Cinetanos, que não praticavam regularmente nenhuma forma de música, eram os mais selvagens e atribui, enfaticamente, sua selvageria ao fato de não terem afinidade com essa forma de arte. Declara-se convencido de que, só quando passaram a fazê-lo, cantando hinos religiosos em louvor aos deuses e aos heróis nacionais, tiveram seu comportamento mudado. "... e quando o Céu os inspirou a se aproximarem da música, que humaniza as pessoas, chegaram-se ao único modo de libertá-los de sua antiga selvageria".[6]

Também, por isso, música e culto formam binômio inseparável desde os tempos mais remotos do relacionamento do homem com o ser divino: se música ajudava os seres humanos a se comunicarem entre si, ela devia ser ferramenta para que os seres humanos se comunicassem com o sagrado.

Deve-se ter em mente, sempre, que a música da qual aqui se fala refere-se a qualquer forma de música, vocal e instrumental, soando independentemente ou simultaneamente. Para certos povos, a voz era a expressão maior de comunicação com o divino. Para outros, instrumentos musicais especialmente criados para o culto tornavam-se sagrados e, às vezes, configuravam o próprio objeto de culto.

Eduardo Viveiros de Castro, que estudou os índios da América do Sul, chama atenção para dois aspectos do canto entre eles: primeiro, que o canto é quase sempre religioso; e, segundo, que esse é um traço comum de todas aquelas sociedades:

[6] FABRE D'OLIVET, Antoine. *Música apresentado como ciência e arte.* São Paulo: Madras, 2004, p. 27.

> [...] o xamanismo, a pajelança é essencialmente canto. E seu cantar é exatamente fazer os deuses falarem; o canto nessas sociedades indígenas, *e isso é outro traço comum nelas*, é fortemente conotado do ponto de vista religioso. Quer dizer, *cantar é a atividade religiosa por excelência*. A fala divina é sempre cantada, digamos assim, o canto é a forma suprema da fala.[7]

Assim, concluímos até aqui que: 1) algum tipo de música acompanha o homem por toda sua história; 2) que ela pode servir como meio de comunicação entre pessoas de uma mesma cultura e que pode levar mensagens de um grupo cultural a outro; 3) vimos também que música e culto estão fortemente associados: se sons musicais são bons veículos para espalhar mensagens entre os seres humanos, certamente devem ser úteis para que estes se comuniquem com o ser divino.

Agora devemos caminhar mais um passo considerando o seguinte: se há música para espalhar mensagens, para falar da divindade e para falar à divindade, haveria, quem sabe, alguma música através da qual a própria divindade falasse aos homens? Que fizesse, portanto, o caminho inverso, não do homem para a divindade, mas sim da divindade para os homens?

## 2. O homem fala com Deus e Deus fala com o homem

> *"Deus fala. É preciso que lhe respondamos". O homem criado por Deus é um ser falante. Talvez seja um dos sentidos da imagem de Deus: o respondedor, o responsável, o semelhante que vai dialogar, na distância e na comunicação, portanto aquele que em meio a toda a criação é capaz de palavra. (p. 64).*

Analisando a música ritual, cúltica, de diferentes grupos culturais desde os mais primitivos, não será difícil perceber que a comunica-

[7] CASTRO, Eduardo Viveiros de. *O Papel da Religião no Sistema Social dos Povos Indígenas*. Cuiabá: GTME, 1999, p. 24. Grifo nosso.

ção do homem com o divino pode ser caminho de mão dupla: Se os homens crêem que podem falar ao divino através da música, alguns também crêem que a divindade pode falar com o ser humano por seu intermédio. Castro mostrou que, nas comunidades sul-americanas em que estudou, o que se dá é exatamente isso, música também é veículo para a divindade comunicar-se com o homem: "A forma, por excelência, de comunicação *da divindade, dos espíritos, com os humanos*, é através do canto. Então, o canto é a voz do além, a voz do transcendente."[8]

Mantendo-se as devidas proporções que a história e a geografia, isto é, o tempo, o espaço e a cultura exigem, o fenômeno reproduz, aqui, *mutatis mutandi*, o pensamento de Martinho Lutero quanto à música no culto: para Lutero, a origem divina da música a aproxima da própria fé e a torna predestinada a acompanhar sempre a vida cristã. Por isso tem espaço garantido e honroso no culto, onde ela é, por um lado, resposta dos homens ao chamado de Deus, mas também é anúncio, proclamação.

Mas para melhor compreendermos essas idéias, devemos, antes, lembrar o que Lutero disse sobre o culto. Walter Blankenburg, em seu *Kirche und Musik*,[9] destaca um importante aspecto – o de que o culto luterano não era um *sacrificium* oferecido a Deus pelos homens, mas sim um *beneficium*, um presente de Deus aos seus filhos. A graça de Deus e sua bênção chegavam ao seu povo através da Palavra e do Sacramento (*beneficium*); as orações, louvores e ações de graças da comunidade elevavam-se até ele (*sacrificium*), conceito que Lutero esclarece de maneira muito simples:

> "Essas são as duas funções do sacerdócio: ouvir Deus falar, e falar com Deus, que nos ouve. Através da bênção, do sermão e da distribuição do Santo Sacramento, Deus vem até nós e fala conosco; então eu o ouço e novamente vou até ele, falo nos próprios ouvidos de Deus, que ouve minha oração." [10]

[8] Idem. Grifo nosso.
[9] BLANKENBURG, Walter. *Kirche und Musik.* Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1979, p. 326.
[10] Apud REED, Luther D. *The Lutheran Liturgy.* Philadelphia: Fortress, 1947, p. 8. Tradução nossa.

Christiane Bernsdorf-Engelbrecht[11] define o culto reformado como um encontro da Igreja com seu Senhor, encontro esse bipolarizado entre *Wort* / "Palavra" (em especial a prédica) e *Antwort* / "Resposta" (o louvor e a oração da comunidade). Com a concepção do sacerdócio geral de todos os crentes, Lutero não mais aceitou que os fiéis permanecessem passivos no culto, e caberia à música papel importante nos dois pólos. Assim que, na concepção reformada do culto bipolarizado entre *Wort* e *Antwort*, não cabe à música papel apenas no segundo pólo, o da resposta do fiel ao convite divino. Música litúrgica[12] tem, ela também, função de anúncio, de "proclamação" (*Verkündigung*), e ela o faz eficientemente "... Pois as notas (...) vivificam o texto".[13] Em outras palavras, se o homem fala a Deus através dos cânticos religiosos, também Deus pode falar ao homem por seu intermédio.

Parece que surge, aqui, uma dupla função para a música litúrgica, uma divisão funcional: Música é bom veículo para o homem falar com Deus, mas também é eficiente meio para Deus falar ao homem. Não importa se a mesma música pode ocupar ambos os papéis, tomar as duas funções; importa, por enquanto, apenas reconhecê-los.

## 3. Música como fenômeno sonoro

> *Entre os sons existe um, fundamental para nós: a palavra. Ela nos introduz noutra dimensão, a relação com o ser vivo, com o humano. A Palavra é o som por excelência para o homem que o diferencia de todos os outros. (p. 17).*

[11] BERNSDORF-ENGELBRECHT, Christiane. *Geschichte der Evangelischen Kirchenmusik,* Band I, Band II. Wilhelmshaven: Heinrichshofen, 1980, v. 1, p. 13.

[12] Há que se fazer clara distinção entre "Música Sacra" e "Música Litúrgica". Chamamos "Sacra" toda música cujo tema central, ou gênero, ou forma, tem como ponto de partida o ambiente religioso, textos religiosos ou a história da religião. Chamamos "Litúrgicas" as obras musicais vocais ou instrumentais produzidas para o culto, para a liturgia, comprometidas com o ambiente, com o cultuante e o cultuado. É "sacro", assim, mas não litúrgico, o oratório *O Messias*, ou o *Saul* (ambos de G. F. Handel), produzidos para os teatros ingleses; são "sacras", ainda, as grandes "Missas" dos compositores do Romantismo, já que, apesar do texto, nenhuma foi escrita para qualquer culto mas, antes, para o teatro. São "Litúrgicos", porém, os Prelúdios e as Cantatas Sacras de J. S. Bach, por exemplo, ou de outros tantos compositores que compunham para a liturgia dos cultos da igreja onde trabalhavam, comprometidos com o ambiente cúltico. Nem toda música sacra, portanto, é litúrgica.

[13] "... Da die noten [...] den text lebendig machen". LUTHER, Martin. *Tischreden.* In: *D. Martin Luthers Werke*, vol. 6. Weimar, 1951, n. 2545.

Quando aqui falamos em música, referimo-nos especificamente ao fenômeno sonoro musical, à arte de combinar os sons com algum sentido lógico, estético. Não nos referimos ao conjunto letra–música. As palavras que, acrescentadas à música, formarão os cânticos, precisam ser compreendidas, *a priori*, como um elemento à parte, já que é extramusical. O texto, assim, no primeiro momento das considerações sobre qualquer música, não deve ser levado em conta, já que primeiro nos referimos à música "pura", independente do texto. Por isso mesmo faz-se necessário esclarecer exatamente a que tipo de fenômeno nos referimos quando falamos em "música", quer dizer, que a definamos. Porém, defini-la pode ser tarefa não muito simples.

Até a primeira metade do século 20, a maior parte dos tratados de teoria musical definia música como "a arte de combinar os sons de maneira agradável ao ouvido".[14] Hoje consideramos essa definição ultrapassada, envelhecida, pois provoca, evidentemente, a seguinte questão: "agradável ao ouvido de quem?" Que ouvido determinará se dada combinação de sons pode ser considerada "música"? Se aceitássemos a definição, restringiríamos o fenômeno musical ao gosto cultural, o que quer dizer, por exemplo, que a música das antigas dinastias chinesas, difícil de ser compreendida hoje, jamais poderia ser considerada "música" por muitos de nós, cidadãos ocidentais do terceiro milênio! Ainda como exemplo, mas considerando a questão pelo ângulo oposto: se música é uma combinação de sons "para que resultem agradáveis ao ouvido", sempre haverá alguém que a julgará "agradável", ao menos o "compositor"! Nesse caso, qualquer "agrupamento sonoro" deveria ser música. Deve-se buscar, portanto, uma definição mais apropriada.

Considerando que música é, indiscutivelmente, um fenômeno sonoro, parece óbvio defini-la como "uma forma de arte que tem como material básico o som", conforme expressou Penna.[15] Mas esse som precisa ser modelado de acordo com os valores culturais

[14] Veja, como exemplo, SINZIG, Pedro. *Dicionário Musical.* Rio de Janeiro: Kosmos, 1976, p.384.
[15] PENNA, M. *Dó, Ré, Mi, Fá e Muito Mais: discutindo o que é música*. In: Revista da Associação de Arte-Educadores de São Paulo, ano II, nº III, São Paulo: 1999, p. 14.

de uma dada sociedade, num momento específico de sua história. Assim, Penna retoma a definição anterior e a complementa: "música é uma linguagem artística, culturalmente construída, que tem como material básico o som".[16] O som, portanto, é o ponto de partida, o material básico, mas não o único. Murray Shafer, importante compositor e educador canadense contemporâneo, em seu *Ouvido Pensante*, discute as definições mais conhecidas de "Música" e oferece uma outra atual, embora provisória: "Música é uma organização de sons (Ritmo, Melodia, etc.) com a intenção de ser ouvida".[17] Shafer alerta para a "intenção": nem todo som aleatório é música, portanto, e, nesse caso, aproxima-se da definição de Penna, quando este falou em "linguagem culturalmente construída". Mas Shafer reconhece que música é fenômeno complexo e que suas partes, ritmo, melodia, etc, precisam ser organizadas.

De fato, entre os diversos elementos "constituidores" da música, alguns se destacam. Os mais importantes são o ritmo (freqüência com que um evento ocorre em dado espaço de tempo – neste caso o pulso e os acentos tônicos e átonos do conjunto) e a melodia (sucessão de sons, isto é, um som seguido de outro, numa ordem contínua). Não existe música sem esses elementos.[18] A eles se acrescentam outros, como a harmonia (a combinação de diferentes melodias, tocadas ou cantadas simultaneamente), que aparecerá sempre que a música for pensada, cantada ou tocada por mais de uma voz ou instrumento.

Concentrando-nos apenas nesses três, é fato hoje indiscutível e cientificamente experimentado, que cada um desses elementos tem ação (ou influência) preponderante sobre parte específica do organismo humano: o ritmo sobre os músculos; a melodia sobre as emoções e a harmonia sobre o intelecto.

[16] Idem.
[17] SHAFER, Murray. *O ouvido pensante*. São Paulo: UNESP, 1991, p. 35.
[18] É possível haver uma forma de música só com o elemento ritmo. Fanfarras, grupos de instrumentistas ritimistas certamente fazem música. Mesmo esses, porém, freqüentemente formam estruturas rítmicas complexas para que melodias simples, vocais ou instrumentais, se articulem. Quando falamos em música aqui, entretanto, pensamos no padrão usual, regular (não no extraordinário) de música Européia e Americana.

Assim, é a estrutura rítmica da música, o **Ritmo**, implícito ou explícito,[19] que interfere em nossa estrutura muscular, altera nosso pulso cardíaco, nossa velocidade de marcha, ou nosso sistema respiratório.[20] São as **Melodias** que interferem poderosamente com as emoções humanas e podem levar pessoas da alegria às lágrimas ou da euforia à calma em poucos instantes.[21] São as **Harmonias**, elaboradas em estruturas de maior ou menor complexidade, que exigirão maior ou menor esforço intelectual do ouvinte para apreciá-las.[22]

Música, portanto, fenômeno presente em todas as culturas humanas, linguagem artisticamente elaborada de acordo com a necessidade e a habilidade de cada grupo cultural, age sobre os seres vivos e pode influenciá-los, alterando seus sinais orgânicos, emocionais ou intelectuais.

Tudo isso posto, queremos concentrarmo-nos, agora, na música da igreja. Na música praticada nas celebrações litúrgicas anteriores à Reforma Protestante, bem como nas idéias dos reformadores a seu respeito; nos papéis que a música pode exercer no culto; em suas duas funções principais no serviço litúrgico, ponto central deste trabalho, "impressão" ou "expressão".

## 4. Os possíveis papéis da música no culto: "Impressão" e "Expressão"

> *A palavra é, portanto, essencial. [...] A proclamação que supõe uma hermenêutica, é ato de palavra, com uma historicidade de transmissão e uma atividade de interpretação. (p. 69).*

[19] Melodias implicitamente sempre "formam" ou "causam" ritmos que terão apelo muscular. São ritmos causados pela própria construção da melodia, mas que agem sobre o organismo como qualquer outra estrutura rítmica.

[20] Embora sempre falemos aqui sobre a ação da música sobre seres humanos, também animais irracionais estão sujeitos à mesma influência. No caso do **Ritmo**, a mesma ação é exercida sobre mamíferos e até sobre os répteis.

[21] As **Melodias** agem também sobre os mamíferos irracionais (mas não sobre os répteis), da mesma forma e com as mesmas conseqüências que sobre os humanos.

[22] Só seres humanos "decodificam" **Harmonias**. Animais irracionais não.

Podemos dizer, grosso modo, que a música tem duas funções básicas no culto, de "impressão" ou de "expressão". Ou, dito de outra forma, qualquer música, em qualquer culto, pode desempenhar um dos dois papéis: ou ela será "Música de Impressão" ou "Música de Expressão". Queremos defender que qualquer forma de música, em qualquer hora do culto (qualquer culto e qualquer música), utilizada consciente ou inconscientemente, assumirá esses papéis.

Esta "divisão funcional" foi bastante utilizada pela Escola de Herford[24] no século 20, desde a década de cinqüenta. No Brasil, tornou-se conhecida especialmente através de João Wilson Faustini,[25] em seu livro sobre música e adoração, embora ali ele a utilize de forma mais restritiva.

O papel de "impressão", o secundário, mas que aqui analisaremos em primeiro lugar, certamente é o que causou, e ainda causa, maiores dificuldades quando visto da perspectiva do culto. É bem verdade que, consciente ou inconscientemente, alguns grupos religiosos o tem valorizado em diferentes épocas da história e, mais recentemente, os que buscam, em seus cultos, apelo mais emotivo entre seus fiéis. Relaciona-se com o poder que a música tem de atuar sobre nosso corpo e nossas emoções, alterando-as, acalmando-nos ou excitando-nos, ainda que sem palavras. Ela pode criar diferentes atmosferas: de alegria, de paz, de tristeza, de majestade, ou simplesmente um ambiente devocional, quando for apropriada. Se as palavras de um cântico não são bem compreendidas, desaparece seu papel de expressão (do qual falaremos abaixo), podendo, porém, subsistir o de impressão. Longas melodias, repetição exaustiva de frases musicais, extrema ênfase melódica com grandes saltos intercalados de cromatismos, são recursos musicais que geram, em essência, música emotiva e de efeito contagiante que, embora possam vir acompanhando texto dele não dependem, nem com ele se preocu-

[24] Chamamos de Escola de Herford o grupo de pensadores da Westfälische Landeskirchenmusikschule que, na segunda metade do século 20, eram responsáveis por elaborar toda a música da Igreja Luterana Alemã. Dentre eles destacam-se: Alexander Völker, Lebrecht Schilling, Wilhelm Ehmann, Johannes H. E. Koch e Christiane Bernsdorff-Engelbrecht (observação do autor).

[25] FAUSTINI, J. W. *Música e Adoração.* São Paulo: SOEMUS, 1996, p. 15.

pam. Sua finalidade é alcançar os presentes emocionalmente, criando "ambiente" preparatório, suposta ou verdadeiramente litúrgico.

De outro lado, os cânticos entoados pela congregação ou grupo especial, em diferentes momentos de culto, cujos textos tenham sido elaborados e escolhidos para que a mensagem neles contida seja compreendida, absorvida e fixada pelos participantes, cânticos esses apropriados para cada momento específico do culto, e cujo sentido seja reforçado pela música, esses podem ser classificados como "música de expressão". A música, nesse caso, será veículo para o texto e será tão mais eficiente quanto melhor for seu "casamento" com as palavras, isto é, quanto melhor a música puder expressar, por si só, as idéias contidas no texto.

Há música, portanto, que valoriza o fenômeno musical, em si; e há música que quer ser serva do texto e veículo para que este seja bem compreendido pela comunidade.

O que parece ter despertado tanta antipatia em alguns dos reformadores e, antes deles, nos pais da Igreja, quanto ao uso da música instrumental ou de um tipo de música "ricamente ornamentada" no culto, foi a consciência de que os sons podiam exercer grande poder sobre as emoções humanas. Eles declararam seus temores de que a música pudesse chamar tanto a atenção para si, desviar tanto os fiéis da Palavra, inebriá-los tanto pela sua beleza, que poderia levá-los a perder o eixo central do culto. Seria a "música pela música", no máximo para criar ambientes atraentes, isto é, apenas em sua função de "impressão".

Agostinho, em suas *Confissões*, revela suas preocupações quanto aos prazeres do ouvido, prazeres esses que prendem e subjugam com maior tenacidade do que outros prazeres (compare-se as "Confissões" X. 32 com a X. 33). É importante observar, entretanto, que mesmo Agostinho reconhece o valor da música quando ela é serva do texto e não espetáculo em si mesma:

> "Porém quando me lembro das lágrimas derramadas ao ouvir os cânticos da vossa Igreja nos primórdios da minha conversão à fé, e ao sentir-me agora atraído, não pela música, mas pelas letras dessas melodias, cantadas em voz límpida e modulações apropriadas,

> reconheço, de novo, a grande utilidade desse costume. [...] Portanto, sem proferir uma sentença irrevogável, inclino-me a aprovar o costume de cantar na Igreja, para que, pelos deleites do ouvido, o espírito, demasiado fraco, se eleve até aos afetos de piedade.
>
> Quando, às vezes, a música me sensibiliza mais do que as letras que se cantam, confesso com dor que pequei."[26]

As idéias de Calvino sobre a música no culto, expressas em um sermão sobre o livro de Jó, são muito semelhantes às de Agostinho:

> Não se pode condenar a música em si; mas porque o mundo quase sempre abusa dela, devemos ser mais circunspetos [...]. O Espírito de Deus condena [...] a vaidade que está associada à música [...] pois os homens têm muito prazer nela: e quando eles assentam seus prazeres nessas bases e em coisas terrenas, eles não pensam em Deus."[27]

Nas "Institutas", ainda se pode ouvir algo da voz agostiniana:

> E certamente, se [...] o canto, por um lado, concilia dignidade e graça aos atos sacros, por outro, muito vale para incitar os ânimos ao verdadeiro zelo e ardor ao orar. Contudo, impõe-se diligentemente guardar que não estejam os ouvidos mais atentos à melodia que a mente ao sentido espiritual das palavras. [...] Aplicada, portanto, esta moderação, dúvida nenhuma há que seja uma prática muito santa, da mesma forma que, por outro lado, todos e quaisquer cantos que hão sido compostos apenas para o encanto e deleite dos ouvidos nem são compatíveis com a majestade da Igreja, nem podem a Deus não desagradarem sobremaneira.[28]

[26] AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Coleção Os Pensadores, p. 219,220.
[27] Apud STEVENSON, Robert M. *Patterns of Protestant Church Music.* Durham: Duke University Press, 1953, p. 17.Tradução nossa.
[28] CALVINO, João. *As Institutas ou Tratado da Religião Cristã*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1989, III, 20. 32.

Assim, se para Calvino os excessos da música são condenáveis, por outro lado, quando ela é bem utilizada, é prática santa que ajuda nos atos sacros e intensifica o ardor e o zelo do fiel. Mas desde que a mente esteja mais atenta às palavras que os ouvidos à música, quer dizer, quando a música é veículo para o texto e não espetáculo em si mesma. Aí está a razão de tanto cuidado. O problema não é a música, em si, que Calvino, aliás, sabia apreciar. O perigo era o "excesso de prazer" nela. Demasiada atração por coisas terrenas desviava o pensamento das pessoas e as afastava de Deus.

Para Lutero, a música é *"Donum divinum et excellentissimum"*,[29] um "maravilhoso presente divino", poderoso e misterioso, dado exclusivamente aos homens. Mas ele sabe muito bem que ela pode governar os sentimentos humanos. No prefácio de uma coleção de canções publicada em 1538, Lutero escreveu:

> Eu anseio de todo coração que a música, esta divina e preciosa dádiva, seja louvada e exaltada por todo o povo [...]. A experiência prova que, ao lado da Palavra de Deus, só a música merece ser exaltada como senhora e governante dos sentimentos do coração humano... Maior louvor que esse é impossível de se imaginar.[30]

Parece, aqui, que Lutero, mesmo conhecendo o grande apelo emocional da música, não o condena, ao contrário, o exalta. Apenas parece! É preciso compreender que, apesar do grande amor de Lutero pela música, era a teologia a fonte de suas convicções sobre o propósito e o uso da música no culto. Sua consciência de que música era um maravilhoso presente de Deus o levou à natural conclusão de que ela era um dom para ser recebido com gratidão e apreço, e que devia ser usado para a glória de Deus e o bem da humanidade. Nada parecia mais natural para ele do que o fato que música devia ser juntada à Palavra. O evangelho é a boa nova que traz fé, esperan-

[29] LUTHER, Martin. *Encomion Musices*. In: *D. Martin Luther Werke*, vol. 50. Weimar, 1944, p. 372.
[30] LUTHER, Martin. *Luthers Sämmtliche Schriften*, editado por BUSZIN, W.E. St. Louis Edition, 1972, p. 428. Tradução nossa.

ça e alegria. A música tem a força para acender esta mensagem, dar vida às palavras, impressionar o coração humano e exprimir a alegria que ela mesma traz. Que fantástica combinação para o culto cristão! Nada haveria melhor para preservar e espalhar o evangelho!

A ênfase, assim, é o ensino teológico e evangélico.

## 5. Coral Luterano X Coral Gregoriano

> *... a revelação de Deus é transmitida pela palavra dos homens, pela palavra e nada mais. A ação, o milagre, a obra são acompanhamentos da palavra, autentificações, demonstrações, acessórios. Nada significam sem a palavra. Só ela pode transmitir a palavra de Deus que tão-somente pode ser o meio de que Deus se serve para se revelar aos homens. (p. 107).*

Lutero e seus seguidores produziram um novo tipo de cântico evangélico, contendo a Palavra de Deus e do evangelho no vernáculo, para uso congregacional no culto dominical ou em qualquer outra ocasião. Esse novo tipo de cântico passou a chamar-se "Coral Luterano" ou "Coral Alemão" em contraposição ao "Coral Gregoriano" da igreja romana, cantado por dez séculos.[31] Lutero mesmo escreveu muitos Corais e algumas outras melodias. Para isto fez versões metrificadas de salmos, traduziu e adaptou antigos hinos latinos, arranjou e espiritualizou canções sacras de origem desconhecida, uma delas de origem folclórica, escreveu textos e compôs melodias. Suas revisões e melhorias de material preexistente resultaram, na maior parte das vezes, em cânticos novos e originais.

As melodias, segundo Lutero, como lembra Bernsdorf-Engelbrecht, deviam ser "fáceis de aprender e de memorizar"[32] (*Fasslich und gut singbar*). Compostos ou adaptados, textos e melodias deviam ser sempre apropriados um ao outro. A declamação

[31] O canto gregoriano nasceu com Gregório Magno, bispo de Roma entre os séculos 6º e 7º, e tornou-se a música por excelência da liturgia católica romana até a Reforma no século 16.

[32] BERNSDORF-ENGELBRECHT, Christiane. *Geschichte der Evangelischen Kirchenmusik,* Band I, Band II. Wilhelmshaven: Heinrichshofen, 1980, v. 1, p. 16,17.

silábica tinha primazia, sem *melismas*[33], facilitando a compreensão do texto, preservando todas as características da língua local, o que Lutero assim justificava: "O texto e as notas, a acentuação, a melodia e os movimentos, tudo deve vir da língua local; senão será mera imitação, como fazem os macacos."[34]

Era música "de expressão", portanto, que devia ser cantada por todos os fiéis, na língua local para que fosse compreendida, assimilada e servisse de ensino religioso. Por isso importava que os textos fossem apropriados para os diversos momentos do culto (louvor, confissão, dedicação...) e sobre variados temas religiosos, para diferentes datas litúrgicas e do calendário cristão. Cantando-se teologia e doutrina, a música auxiliava na memorização e no esclarecimento do sentido das palavras. Música devia ser a "explicação do texto" e uma espécie de "sermão em sons".[35]

Pode-se dizer que, na missa romana, celebrada ao som do canto gregoriano, o papel preponderante da música era o de "impressão", isto é, o de criar uma atmosfera cúltica, majestosa, mística. Por isso não importava que os textos fosse sempre cantados em latim, já que:

> "... uma tradução completa da liturgia teria sido ato sacrílego. Para os analfabetos, mesmo o "missal para os Leigos" não oferecia solução. Acreditava-se que a liturgia era uma espécie de mágica que não deixava de beneficiar os ouvintes ou espectadores, quer entendessem quer não."[36]

Não importava que os cânticos repetissem, a cada celebração, as palavras litúrgicas da "Missa Romana" (o *Kyrie*, o *Gloria*, o *Credo*, o *Sanctus*, e o *Agnus Dei*). Não importava, ainda, que só os membros do clero cantassem e que os fiéis apenas ouvissem, sem

[33] Passagens melódicas com seqüências de várias notas para uma única sílaba de texto.
[34] Apud BERNSDORF-ENGELBRECHT, Christiane. *Geschichte der Evangelischen Kirchenmusik,* Band I, Band II. Wilhelmshaven: Heinrichshofen, 1980, v. 1, p. 108. Tradução do autor.
[35] Vide, sobre esse tema, MÓDOLO, Parcival. *Musica: Explicatio Textus, Praedicatio Sonora.* In: *Fides Reformata,* Vol. 1, N° 1, Janeiro-Junho 1996. Seminário JMC.

compreenderem o sentido das palavras: era música essencialmente "de impressão"!

Diferente, porém, da missa romana, a música da Reforma é essencial e funcionalmente outra. Seu papel primordial, tanto dos corais luteranos quanto dos salmos calvinistas,[37] é o de "expressão". Por isso os textos litúrgicos eram cuidadosamente selecionados e, quando transformados em hinos, deviam ser cantados por todos, homens, mulheres e crianças, e na língua local. Os fiéis deviam aprendê-los e guardá-los nas mentes e nos corações. Cantavam doutrina reformada e interiorizavam suas verdades para sempre.

Desnecessário dizer que, nos nossos dias, no que se refere à música litúrgica das igrejas protestantes brasileiras, há considerável distanciamento dos ideais dos primeiros anos da Reforma. É comum, hoje, uma supervalorização do espetáculo, da busca da "música pela música", ou da música para criar ambiente emocional e místico; da música, enfim, exercendo seu papel de impressão, apenas. Utilizassem a música em sua plenitude potencial e poderiam, com mais eficiência, fixar nos corações e intelectos a palavra que ela pode levar consigo. Mas para isso teriam que rever boa parte ***do que*** cantam e considerar cuidadosamente ***como*** cantam. Afinal, música sacra litúrgica deve ser serva do texto, veículo para a Palavra.

Se vamos aos teatros e aos espetáculos musicais públicos, queremos ouvir a beleza da música e aplaudir o artista. No culto, porém, adoramos a Deus, falamos com ele, ouvimos sua Palavra e respondemos. Não há lugar para a "música pela música". No culto reformado, há, sim, lugar "honroso" para a música, como afirmou

[36] HAHN, Carl Joseph. *História do Culto Protestante no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1989, 77.

[37] Se o "Coral Luterano" é o nome que se dá ao gênero musical nascido com a Reforma Luterana (v. nota 5) "Salmo Calvinista" é a música da Reforma Calvinista, fruto do ideal de cantar no culto apenas palavras da Escritura, de forma simples e modesta, sem harmonias complexas e sem acompanhamento instrumental. O "Saltério de Genebra", com todos os 150 salmos bíblicos, que exigiu intenso trabalho de Calvino, músicos profissionais e poetas, em sucessivas edições, foi quem primeiro os publicou.

Lutero.[38] Mas ela só recebe essa "mais alta honra" quando ocupa seu lugar "ao lado da teologia", quando é fiel serva do texto, quando é música que revela a Palavra.

Podemos concluir como iniciamos, com as palavras de Jacques Elull (1984), preocupado, ele também, com a desvalorização da palavra na igreja cristã contemporânea:

> *"A palavra é, portanto, essencial. [...] A proclamação que supõe uma hermenêutica, é ato de palavra, com uma historicidade da transmissão e uma atividade de interpretação".*[39]

> *"Realiza-se, então, a mais inconcebível inversão: quando todo o cristianismo, a Igreja e a fé são fundados unicamente na Palavra de Deus, e que não pode ser expressa a não ser pela sua correspondente palavra humana, o desprezo e abandono desta palavra exprimem, inelutavelmente, abandono e desprezo da Palavra de Deus". (p. 202).*[40]

[38] *Depois — ao lado — da teologia, à música o lugar mais próximo e a mais alta honra (Nach der Theologia der Musica den nähesten Locum und höchste Ehre).* Luther (1951, n. 7030)
[39] ELLUL, Jacques. *A palavra humilhada.* São Paulo: Paulinas, 1984, p. 69.
[40] Idem. p. 202.

# Resenhas



RESENHA

# Introdução ao Aconselhamento Bíblico: Um Guia Básico de Princípios e Práticas de Aconselhamento

Rev. George Alberto Canelhas

Bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Sul

Mestre em História Eclesiástica pelo Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper

Pastor da Igreja Presbiteriana da Lapa

MACARTHUR, John F. Jr.; MACK, Wayne A. *Introdução ao Aconselhamento Bíblico: Um Guia Básico de Princípios e Práticas de Aconselhamento.* São Paulo: Editora Hagnos, 2004. Tradução de Enrico, Lauro e Eros Pasquini do original em inglês: *Introduction to Biblical Counseling: a Basic Guide to The Principles and Practice of Counseling*.

Na capa, a obra cita apenas dois autores, embora, dos seus 21 capítulos, 9 tenham sido escritos ou compilados por outras pessoas.

Dos dois autores, o Dr. MacArthur é bem conhecido no Brasil, tendo inclusive estado aqui por mais de uma vez. Ele é pastor na Grace Community Church, em Sun Valley, na Califórnia, professor e presidente do Master´s Seminary e autor de comentários do Novo Testamento e livros como "Nossa Suficiência em Cristo", "O Evangelho Segundo Cristo" e "Com Vergonha do Evangelho", entre outros.

O Dr. Wayne é professor de Aconselhamento Bíblico no The Master College e especialista não só nesta área, mas também em teologia e história da Igreja. Um outro livro seu, conhecido dos brasileiros é "Fortalecendo Seu Casamento".

A obra é de grande relevância para o estudo do aconselhamento pastoral, em virtude do pequeno número de obras traduzidas para o português que tratam do aconselhamento noutético, exceto os dois conhecidos livros de Jay Adams: "Conselheiro Capaz" e "Manual do Conselheiro Cristão."

O livro é dividido em cinco partes. Na primeira parte, o autor traça um panorama histórico do aconselhamento bíblico, mostrando como a Psicologia invadiu a igreja e os terapeutas tomaram o lugar dos pastores no aconselhamento. Para mostrar como os pastores faziam, e bem, este trabalho, ele dá como exemplo, com grande destaque e profundidade, o trabalho dos puritanos, em que teologia e vida andavam muito unidas, e como o cuidado com as ovelhas colocadas sob seu pastoreio era feito com desvelo e eficiência. Termina a seção com um capítulo falando da vida e obra de Jay Adams e como esse ajudou a reviver o conceito de que o aconselhamento cabe aos pastores.

Na segunda parte do livro, ele trata dos fundamentos teológicos do aconselhamento bíblico. Começa mostrando três formas como os que tentam integrar a Psicologia com a Teologia vêem as

Escrituras, tentando encontrar fundamentos epistemológicos para seu trabalho, criticando cada uma delas. Com certeza, este é o capítulo mais polêmico de todos. Nos capítulos 5, 6, 7 e 9, ele descreve como nossa visão da pecaminosidade humana e da depravação total, da nossa união com Cristo e suas conseqüências práticas em nossa vida de santidade, da obra do Espírito Santo na vida do crente e nosso foco em Deus não nos permitem concordar com muitos pressupostos da terapia psicológica e com seu uso para nosso trabalho pastoral. No capítulo 8, que para mim fica um pouco fora de lugar nesta seção, ele trata sobre a disciplina espiritual que o conselheiro bíblico precisa manter.

Na terceira parte da obra, escrita só por Wayne Mack, ele propõe um método para fazer o aconselhamento bíblico. Ele fala sobre como criar um relacionamento de ajuda com o aconselhado, como dar verdadeira esperança ao mesmo, contrapondo-a à falsa esperança; como fazer um inventário sobre os problemas reais dele, sendo o ponto alto deste capítulo sua descrição das áreas que devemos conhecer e as perguntas que devemos fazer para conhecê-las. Nos próximos capítulos, 13 a 16, ele trata de como interpretar os dados coletados e a ensinar a Bíblia persuasivamente para resolver os problemas detectados.

A última parte do livro, escrita e compilada por vários autores, trata da prática do aconselhamento na igreja local, usando os dons do Espírito e a pregação, bem como outros recursos; e termina respondendo às questões mais comuns sobre o assunto.

Apesar deste assunto ser extremamente controverso e a tese defendida pelos autores ser bastante discutida e até rejeitada por outros irmãos, creio que a obra é de valor inestimável para nos fazer pensar sobre a relação que há entre nossa teologia e nossa prática de aconselhamento e para apontar um caminho prático para aqueles que entendem que este conceito é válido. Além disso, é um livro, em sua quase totalidade, de fácil leitura e entendimento, o que pode ajudar pessoas que não são da área a se familiarizarem com o assunto e, quem sabe, poder obedecer com maior eficiência ao mandamento de Paulo: "aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria..." (Cl 3.16).

# Artigos e Sermões dos alunos



ARTIGO

# Uma vez salvo, salvo para sempre?

**Sem. Wendell Lessa Vilela Xavier**

Licenciado em Letras pela Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes – MG

Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes – MG

Aluno do 3º ano noturno do Seminário JMC

# Uma vez salvo, salvo para sempre?

**RESUMO**

Será que é possível ao crente perder a salvação? Sem. Wendell responde a esta pergunta analisando textos bíblicos que dão base à doutrina clássica da Perseverança dos Santos. Valendo-se do método histórico-gramatical de interpretação e apoiado por diversos teólogos reformados citados no artigo, o autor demonstra qual é o nível de segurança que o cristão pode ter, em relação à sua salvação em Cristo Jesus.

**PALAVRAS-CHAVE**

Soteriologia; Perseverança dos Santos; Segurança da Salvação.

**ABSTRACT**

Can a true believer fall from grace and lose salvation? Sem. Wendell answers this question analyzing biblical texts that are basic to the foundational doctrine of the Perseverance of the Saints. Using the Grammatical-Historical Method of Interpretation and supported by quotes from several reformed theologians, the author shows what level of certainty the believer can achieve concerning the salvation in Jesus Christ.

**KEYWORDS**

Soteriology, Perseverance of Saints, Salvation Assurance.

> "Ora o sétimo dia não tem crepúsculo. Não possui ocaso, porque Vós o santificastes para permanecer eternamente. Aquele descanso com que repousastes no sétimo dia após tantas obras excelentes e sumamente boas – as quais realizastes sem fadiga – significa-nos, pela palavra de vossa Escritura, que também nós, depois dos nossos trabalhos, que são bons porque no-los concedestes, descansaremos em Vós, no sábado da Vida Eterna"[1]
>
> Agostinho

## INTRODUÇÃO

Houve um período na história da Igreja em que um grupo de pensadores não cria na perseverança dos santos. Eles eram seguidores do holandês Jakob Hermann (1560-1609) — melhor conhecido como Arminius, forma latinizada de seu nome. Estes ficaram conhecidos como arminianos. Um ano após a morte de Arminius, este grupo resolveu fazer um "Protesto" contra a fé reformada ao parlamento Holandês. Em 1618, reunido em Dort, o Sínodo,[2] em 154 sessões e mais de sete meses, considerou as doutrinas dos arminianos como heréticas e, conseqüentemente, contrárias às Escrituras.

Estes pontos apologéticos elaborados pelos membros de Dort ficaram conhecidos em toda a história como os "Cinco Pontos do Calvinismo".[3] Confira no quadro abaixo a relação entre os pontos dos arminianos e dos calvinistas:

| OS CINCO PONTOS DO ARMINIANISMO | OS CINCO PONTOS DO CALVINISMO |
|---|---|
| **1. Livre Vontade –** O homem não perdeu a faculdade de escolha e autodeterminação. Ele pode, a qualquer tempo, dirigir-se até Deus e ser salvo. A Queda é parcial. Ele é o autor da fé e da salvação. | **1. Depravação Total** – O homem está completamente morto em seus delitos e pecados e não pode ir até Deus. O resultado da Queda é total e o homem é totalmente incapaz de mover-se em direção a Deus (Rm 5.12; Jr 17.9; Rm 3.11, 12; Pv 20.9; Sl 58.3; Sl 51.5; Jo 3.3; Gn 8.21; Ef 5.8; 2Tm 2.25,26; Jo 3.19; Ef 2.2,3; 1Co 2.14) |

[1] AGOSTINHO. *Confissões.* São Paulo: Abril, 1973, p. 315.
[2] O Sínodo de Dort foi composto por 84 teólogos, 18 deputados seculares. Reuniu-se em 154 sessões, de 13 de novembro de 1618 até maio de 1619.
[3] Uma curiosidade interessante é que o grande reformador João Calvino (1509-1564) já havia morrido nesta época. Seus ensinamentos eram a base da Teologia Reformada na Holanda.

| | |
|---|---|
| **2. Eleição Condicional –** Significa que Deus escolheu alguns homens pelo pré-conhecimento, ou seja, depois de ver que alguns homens seriam aprovados e fariam boas obras, Deus os escolheu. As boas obras e a fé do homem precedem a regeneração por parte de Deus. | **2. Eleição Incondicional** – Uma vez que o homem está morto e não pode dar um passo sequer em direção a Deus, somente uma escolha divina é que pode determinar alguns para a vida eterna. Deus escolhe alguns para usufruírem das bênçãos celestiais (Jo 15.16; At 13.48; Sl 65.4; Fp 2.13; Ef 1.11; 2Tm 1.9; Rm 8.28; Jo 6.44; Mt 11.27; Hb 12.2; At 16.14; Lc 17.5; Is 55.11) |
| **3. Expiação Universal –** Deus ama a todos os homens, indistintamente e, por isso, Cristo morreu por todos os homens. Toda a humanidade pode obter a salvação, basta oferecer-se a Deus, de livre vontade. | **3. Expiação Limitada** – Após a escolha de Deus, ele manda seu único Filho, sem pecado algum, nascido de mulher, portanto Deus-Homem, para cumprir a sentença de morte e receber o castigo imputado a todos os homens, pois todos pecaram e qualquer sacrifício é inócuo, insuficiente para aplacar a ira divina. Cristo morreu somente pelos eleitos do Pai (Jo 3.37; Jo 14.15; Rm 5.8; Gl 1.3,4; Rm 8.32; Ef 5.25; Jo 17.9; Mt 1.21; 2Pe 3.9; Cl 1.12-14; 2Ts 2.13; 1Ts 1.3,4; Cl 3.12) |
| **4. Graça resistível –** O homem pode resistir à vontade salvífica de Deus. Se o homem é livre e possui autodeterminação, ainda que o evangelho ofereça o convite a todos os homens, ele pode obstruir esta chamada e negar o convite de Deus. | **4. Graça Irresistível ou Vocação Eficaz** – O Espírito Santo aplica a verdade nos corações dos eleitos. Mostra-lhes o grande mistério da salvação. Revela-lhes a maravilhosa graça de Deus, pela qual os eleitos são vivificados em Cristo, recebendo nova vida e todas as bênçãos da filiação (Dn 4.33; Is 46.9-10; Is 55.11; Jo 6.37; Tg 1.18; Jo 1.13; Jo 5.21; Ef 2.4,5; At 11.18; Tt 3.5; 2Co 3.18; At 9) |
| **5. Perda da salvação ou queda da graça –** Se dependem do homem todas as outras ações, significa também que ele pode cair da graça ou perder a salvação. Se ele inicialmente aceitou a Cristo e depois resolveu voltar à prática das más obras e resolveu negar a fé, cairá da graça e perderá a salvação. | **5. Perseverança dos Santos** – Se de Deus dependem todas as outras ações salvíficas, portanto, somente Deus pode manter o homem no caminho da vida eterna. Deus quis salvar por meio de Cristo e quer manter salvos os eleitos. Eles irão firmes até o fim, porque Deus os conduzirá à vitória (Jd 24; Ez 11.19,20; Ez 36.27; Dt 30.6; 1Pe 1.5; 2Tm 1.12; 2Tm 2.18; Sl 37.28; 1Ts 5.14; Jo 6.39; Fp 1.6; Jo 10.27-29; Rm 8.37-39) |

Neste estudo, trataremos do quinto ponto, a Perseverança dos Santos. Encontraremos nas Escrituras os argumentos que autenticam esta tese reformada de que "uma vez salvo, salvo para sem-

pre".[4] Você pode se perguntar agora: "será que sou salvo?", "quais são as marcas do verdadeiro salvo?", "posso ter a certeza plena de que se eu morrer agora estarei imediatamente no céu com o Senhor ou corro o risco de estar enganado a respeito de minha própria salvação?".

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A DOUTRINA DA PERSEVERANÇA DOS SANTOS

### 1.1. Definição

A palavra perseverança vem do latim *perseverantia*, do verbo *persevero,* que por sua vez vem de *per* + *severus*, e significa "constância", "persistir", "sustentar", "continuar", "prosseguir".[5] No grego, é διαμεηνω, que significa também "persistir", "continuar", "permanecer".[6] Podemos vê-la no Novo Testamento traduzida como "permanecer", por exemplo, em Hebreus 1.11; Lucas 1.22 e 22.28; 2 Pedro 3.4 e Gálatas 2.5. No português, a palavra toma um sentido de luta pessoal intensa contra alguma força externa. Perseverar significa resistir contra algum ataque e manter-se firme ao final; não variar de intento, manter-se inabalável, preservar a força.[7]

No sentido teológico, alguns estudiosos tomam caminhos distintos quanto ao emprego do termo "perseverança dos santos". Packer, por exemplo, prefere o termo preservação, pois entende que o termo perseverança não representa bem o verdadeiro sentido bíblico da doutrina, uma vez que quem persevera não é o homem e sim Deus. Ele afirma:

[4] Vale ressaltar que esta proposição não é aceita por alguns estudiosos. Segundo eles, a frase não é suficiente para descrever com clareza e totalidade a doutrina. Belcher, por exemplo, afirma: "O ensino dos batistas de "uma vez salvo, salvo para sempre" é apenas um dos lados da moeda e, sendo apenas um dos lados da moeda, tal doutrina pode ser perigosa. A doutrina da perseverança dos crentes, de conformidade com o calvinismo, tem dois lados – segurança e perseverança. Um não pode existir sem o outro. A doutrina batista da eterna segurança (uma vez salvo, salvo para sempre) despreza e negligencia a necessidade de perseverança como prova da verdadeira salvação." (BELCHER, Richard P. *Uma jornada na graça: Uma novela teológica*. São José dos Campos: Fiel, 2002, p. 204).

[5] LEVERETT, F.P. *New and Copius Lexicon of the Latin Language.* Boston: Bazin & Ellsworth, 1850.

[6] SCOTT. LIDDELL. *Greek-English Lexicon.* Oxford: Clarendon, 1983.

[7] FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d.

> "Diga-se primeiramente que, afirmada a eterna segurança do povo de Deus, fica mais claro falar de sua preservação, como se faz comumente, do que de sua perseverança. Perseverança significa persistência sob desânimo ou pressão. A asserção de que os crentes perseveram na fé e obediência a despeito de todas as coisas é verdadeira, mas a razão disso é que Jesus Cristo, por meio do Espírito, persiste em preservá-los."[8]

Seguindo um outro paradigma, Hoekema, apoiando-se em John Murray, prefere o termo "perseverança dos verdadeiros crentes". Diferentemente da preocupação de Packer, embora mantendo o mesmo sentido, ele afirma, citando Murray:

> "Murray coloca isso ainda mais forte: "Perseverança significa o empenho de nossa pessoa, na mais intensa e concentrada devoção, aos meios que Deus ordenou para a realização do seu propósito salvífico." Por essa razão, prefiro usar a expressão "perseverança do verdadeiro crente" para designar essa doutrina"[9]

Não há nenhum problema sério quanto à terminologia em si mesma. O que basta entender é que, de fato, o crente persevera. Deus lhe dá capacidade, pelo Espírito Santo, de prosseguir até ao fim. Aqui entram a soberania dos propósitos de Deus nos seus decretos e a responsabilidade humana. O crente deve manter-se firme, embora Deus é quem lhe fornece poder para isso.

Os Cânones de Dort, por exemplo, reconhecendo esta duplicidade de sentido, utiliza as duas expressões quando afirma: "Os crentes podem estar certos e estão certos dessa *preservação* dos eleitos para a salvação e da *perseverança* dos verdadeiros crentes na fé"[10]

[8] PACKER, James I. *Teologia Concisa.* Campinas: LPC, 1999, p. 223.
[9] HOEKEMA, Anthony. *Salvos pela Graça: A doutrina bíblica da salvação*. São Paulo: Cultura Cristã, 1997, p. 243.
[10] *Os Cânones de Dort. Os cinco artigos de fé sobre o arminianismo*. São Paulo: Cultura Cristã, s.d., art. 9, p. 47. Grifos meus.

Palmer distingue bem quando afirma: "Enquanto o termo *perseverança dos santos* enfatiza a atividade do cristão, *preservação dos santos* enfatiza a ação de Deus".[11] As duas ações devem acontecer juntas, pois Deus preserva o verdadeiro crente a fim de que ele persevere até o fim.

### 1.2. A doutrina da Perseverança dos Santos nas Confissões de Fé e Catecismos Reformados

A Confissão de Fé de Westminster diz:

> "Os que Deus aceitou em seu Bem-amado, eficazmente chamados e santificados pelo seu Espírito, não podem cair do estado de graça, nem total nem finalmente; mas com toda a certeza hão de perseverar nesse estado até ao fim, e estarão eternamente salvos" (CFW, XVII, I).

A pergunta número 1 do Catecismo de Heidelberg é:

> "Qual é o único conforto na vida e na morte?" A resposta que se segue afirma que Cristo nos protege e "Ele nos protege tão bem que, contra a vontade de meu Pai do céu não perderei nem um fio de cabelo. Na verdade tudo coopera para o meu bem o seu propósito para a minha salvação. Portanto, pelo Espírito Santo ele também me garante a vida eterna e me torna disposto a viver para ele daqui em diante, de todo o coração." (CH, Domingo 1, Pergunta 1).

O Catecismo Maior de Westminster afirma, na resposta à pergunta 79, o seguinte:

> "Não poderão os crentes verdadeiros cair do estado de graça, em razão das suas imperfeições e das muitas tentações e pecados que os surpreendem? Os crentes verdadeiros, em razão do amor imutável de Deus, e do decreto e pacto de lhes dar a perseverança, da

[11] PALMER, Edwin H. *The Five Points of Calvinism.* Michigan: Baker Book House, 1972, p. 69.

> união inseparável entre eles e Cristo, da contínua intercessão de Cristo por eles, e do Espírito e da semente de Deus permanecendo neles, nunca poderão total e finalmente, cair do estado de graça, mas são conservados pelo poder de Deus, mediante a fé para a salvação" (CMW, pergunta 79).

A Confissão de Fé Batista de 1689 afirma:

> "Os que Deus aceitou no Amado, aqueles que foram chamados eficazmente e santificados por seu Espírito, e receberam a fé preciosa (que é dos eleitos), estes não podem cair totalmente nem definitivamente do estado de graça. Antes, hão de perseverar até o fim e ser eternamente salvos, tendo em vista que os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis, e Ele continuamente gera e nutre neles a fé, o arrependimento, o amor, a alegria, a esperança e todas as graças que conduzem à imortalidade. Ainda que muitas tormentas e dilúvios se levantem e se dêem contra eles, jamais poderão desarraigá-los da pedra fundamental em que estão firmados pela fé." (CFB, 17, 1)[12]

## 2. Alguns aspectos teológicos da doutrina da Perseverança dos Santos

### 2.1. A perseverança não depende do homem; mas, de Deus

Na verdade, a perseverança não é uma atitude do homem primeiramente. Assim como a eleição, a morte de Cristo na cruz e a salvação não dependem do homem, a perseverança também é dom de Deus. O termo perseverança dá a idéia de que o homem luta ardentemente para manter-se firme e qualquer vacilo pode pôr a perder seu bem-estar eterno. Porém, o perseverar é de Deus, pois é Deus quem continua a obra que iniciou (Fp 1.6) quando escolheu, antes da fundação do mundo, aqueles que seriam salvos e prontamente enviou Cristo, seu único Filho, para pagar a dívida que nenhum homem era capaz de pagar.

[12] Apud ANGLADA, Paulo. *As Antigas Doutrinas da Graça.* 2 ed. São Paulo: Puritanos, 2000, p. 86.

A perseverança é uma atitude de Deus primeiramente, pela qual ele capacita os eleitos, pelo poder do Espírito Santo, a se manterem firmes no caminho da vida eterna, seguindo a boa jornada até ao céu – Jd 24, 25; Ez 11.19-20; Ez 36.27; Dt 30.6; 1Pe 1.5; 2Tm 1.12; 2Tm 4.18. Deus deseja que os seus eleitos sejam completamente guardados, preservados para sempre, a fim de que a obra de Cristo seja efetivamente percebida e que todo o joelho se dobre diante daquele que é o Salvador dos escolhidos (Sl 37.28; 1Ts 5.14; Jo 10.27-29).

Spencer afirma:

> "Sim, os santos perseverarão porque o Salvador declara que quer perseverar em favor deles, e quer guardá-los! Se a perseverança depende do homem volúvel, com sua pecaminosa natureza decaída, então ele não tem esperança. A perseverança dos santos depende da graça irresistível que nos é assegurada porque Cristo morreu por nós, uma vez que a expiação que temos, por seu sangue, é limitada aos eleitos. Essa eleição, graças a Deus, não está baseada em qualquer condição de bem pré-conhecido em nós, pois "bom não há sequer um!" Pela graça de Deus, a eleição é incondicional e não se pode encontrar nenhuma condição por parte do homem, visto que ele é totalmente depravado, isto é, totalmente incapaz de exercer boa vontade para com Deus, totalmente impotente para, por isso mesmo, alcançar a vida ou, por sua livre vontade, totalmente incapaz de livrar-se do super poder do deus da morte!" [13]

**2.2. A perseverança depende também do homem**

Não é contraditório afirmar que a perseverança depende também do homem depois que afirmamos que somente de Deus ela depende, pois quando Deus fornece poder ao homem, através do Espírito Santo, o verdadeiro crente agora tem o dever de manter-se fiel até à morte.

Horton afirma que "Temos a responsabilidade de "deixarmo-nos levar para o que é perfeito" (Hb 6.1). Assim, somos responsá-

[13] SPENCER, Duane Edward. *Tulip – Os Cinco Pontos do Calvinismo à Luz das Escrituras*. 2 ed. São Paulo: Parakletos, 2000, p. 63.

veis por *perseverar*, mas não pela nossa perseverança. Somos responsáveis por *sermos* salvos, não pela nossa salvação".[14] Há algumas razões para isso:

**A. Perseverar significa cumprir os decretos de Deus** (Is 55.11; Sl 33.11; Ef 1.11) – Todos os acontecimentos naturais e sobrenaturais estão previstos nos decretos de Deus. "Os decretos são o eterno propósito de Deus, segundo o conselho da sua vontade, pelo qual, para sua própria glória, ele preordenou tudo o que acontece."[15]

**B. Perseverar significa obedecer a Deus** (1Pe 1.2) – Uma vez que o homem foi alvo da transformação sobrenatural de Deus e nele não impera mais a condenação do pecado, não estando obrigado a pecar, Deus lhe capacita a negar o pecado e a viver uma vida de santidade e consagração.

### 2.3. A perseverança é fruto da eleição

As Escrituras declaram que Deus "... nos escolheu antes da fundação do mundo para sermos santos e irrepreensíveis e em amor nos predestinou para ele, para adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade" (Ef 1.3,4).

Todas as ações salvadoras de Deus derivaram da eleição. Deus nos elegeu antes da fundação do mundo. Antes, portanto, que o homem caísse e que toda a raça humana morresse espiritualmente, Deus já havia escolhido o seu povo. Vemos em toda a Escritura a proteção de Deus para com o seu povo em decorrência de ter ele escolhido um povo exclusivamente seu, o qual ele ama com amor perfeito e que guardará eternamente (Tt 2.14).

Por causa da munificência paternal de Deus através da eleição, ninguém pode nos acusar (Rm 8.33). Não há acusação contra os eleitos de Deus. Calvino expressa: "Daqui procede tanto a certeza da salvação quanto a tranqüila segurança da alma, pelas quais as adversidades são suavizadas, ou, pelo menos, a crueza da dor é mitigada"[16]

[14] HORTON, Michael. *As Doutrinas Maravilhosas da Graça.* São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p.196.
[15] Pergunta número 7 do Breve Catecismo de Westminster.
[16] CALVINO, João. *Romanos.* 2 ed. São Paulo: Parakletos, 2001, p. 311.

### 2.4. A perseverança é fruto da justificação

A justificação é o ato livre de Deus pelo qual ele nos torna justos diante dele, por causa do sacrifício de Cristo, que se apresentou sem pecado e cumpriu a sentença de Deus, tendo morrido em nosso lugar.

A Confissão Belga afirma:

> "***A justiça imputada***. Cristo tomou sobre si mesmo e carregou os pecados do mundo, e satisfez a justiça divina. Portanto, é só por causa dos sofrimentos e ressurreição de Cristo que Deus é propício para com nossos pecados e não no-los imputa, mas imputa-nos como nossa a justiça de Cristo (2Co 5.19 ss; Ro 4.25), de modo que agora não só estamos limpos e purificados de pecados ou somos santos, mas também, sendo-nos dada a justiça de Cristo, e ***sendo nós assim absolvidos do pecado, da morte ou da condenação, somos finalmente justos e herdeiros da vida eterna.*** Propriamente falando, portanto, só Deus justifica, e justifica somente por causa de Cristo, não nos imputando os pecados, mas a sua justiça." (Grifos meus).[17]

Crer que Deus sustentará os crentes até o último dia, preservando-os de caírem em pecado de morte e livrando-os de serem condenados ao inferno depende da obtenção da fé verdadeira (Ap 14.12, 1Jo 5.13) e da justificação de Cristo (Rm 5.1,2,5). Quando Cristo recebeu a justiça de Deus, ele pagou a exigência da ira de Deus que pesava sobre os homens em decorrência da sentença de morte pronunciada em Gênesis 2.16,17.

### 2.5. A perseverança é fruto da adoção

Pela adoção, nos tornamos filhos de Deus e temos o direito a todos os privilégios. Um desses privilégios é a certeza da salvação, a convicção de que perseveraremos até o fim de nossas vidas, não por causa de nossa luta, mas confiantes na sustentação do próprio Deus que, em Cristo, prometeu conduzir-nos ao céu.

[17] BULLINGER, *Heinrich. Segunda Confissão Belga. Disponível em* <http://www.geocities.com/arpav/biblioteca/segundaconfissaohelvetica.html>. Acesso em 21 maio 2005.

Jesus disse aos discípulos: "Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E quando eu for, e vos preparar lugar, **voltarei e vos receberei para mim mesmo**, para que onde eu estou estejais vós também." (Jo 14.1-3) (Grifos meus).

Packer afirma que "a adoção é o mais alto privilégio que o evangelho oferece (...) porque a adoção dá a idéia de família, concebida em termos de amor e vendo a Deus como pai. Na adoção, Deus nos recebe em sua família e comunhão e nos estabelece como seus filhos e herdeiros" [18] e, em decorrência disso, continua afirmando que a adoção nos dá a segurança da vida eterna. Ele afirma:

> "A fonte de segurança, entretanto, não são as nossas deduções como tais, mas a obra do Espírito tanto à parte como através de nossas conclusões, convencendo-nos de que somos filhos de Deus e de que o amor salvador e as promessas de Deus se aplicam diretamente a nós".[19]

Estamos seguros da perseverança dos santos quando sabemos que fomos adotados por Deus em sua família, somos herdeiros da herança, co-herdeiros com Cristo. Spurgeon afirma com razão:

> "Deus é fiel em seus propósitos: não começa uma obra e a deixa inacabada. Ele é fiel em seus relacionamentos: como Pai, não abandonará seus filhos; como amigo, não negará seu povo; como Criador, não esquecerá a obra de suas mãos".[20]

### 2.6. Perseverança e Santificação estão relacionadas

As Escrituras afirmam que a santificação é o passo posterior à conversão. A vida cristã não termina na conversão. Ao contrário, a

[18] PACKER, James I. *O Conhecimento de Deus.* 4 ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1992, pp. 188, 190.
[19] Idem, p. 209.
[20] SPURGEON, Charles H. *Por que os crentes perseveram?* In Fé para Hoje, São José dos Campos, São Paulo: Fiel, 2004, n. 23, p.18.

conversão é apenas o fato que determina o lavar regenerador do Espírito, por meio do qual ele purifica o homem de todo o pecado e manifesta o desígnio de Deus quanto à eleição daquela pessoa.

A vida cristã tem o seu começo na conversão. Prossegue adiante através do que chamamos de santificação. "Santificação é a obra da livre graça de Deus, pela qual somos renovados em todo o nosso ser, segundo a imagem de Deus, habilitados a morrer cada vez mais para o pecado e a viver para a retidão" (2Ts 2.13; Ef 4.23,24; Rm 6.4,6,14; Rm 8.4).

Quando usamos a conhecida expressão "uma vez salvo, salvo para sempre" não podemos nos esquecer de que a doutrina da perseverança não sugere que o indivíduo leve qualquer tipo de vida. A vida do eleito, justificado e perseverante é uma vida que luta contra o pecado e que renuncia a todos os prazeres que desobedecem a Deus.

Michael Horton chama a nossa atenção de modo especial a fim de que não relaxemos na maneira de viver, tratando a graça da salvação e da conseqüente certeza da vida eterna com libertinagem, vivendo dissoluta e irresponsavelmente. Horton afirma:

> "Alguns que crêem que os cristãos estão eternamente seguros dão à sua doutrina o *slogan* "uma vez salvo, sempre salvo", mas este *slogan* é muito ilusório. O *slogan* sugere que uma vez que as pessoas fazem uma decisão por Cristo, elas podem então sair e levar a vida do seu próprio jeito, totalmente confiantes de que não importa o que façam ou como vivam, estão "salvas e seguras de toda preocupação". Isso simplesmente não é bíblico. (...) Assim, então, quando falamos de "uma vez salvo, sempre salvo", não estamos levando em conta toda a extensão da salvação. Fomos salvos (justificados), estamos sendo salvos (santificação), e um dia seremos salvos (glorificados). Você não pode alegar ter sido "salvo" (justificado) a não ser que esteja sendo santificado. Jesus Cristo é Salvador *e* Senhor"[21]

[21] HORTON, Michael. *As Doutrinas Maravilhosas da Graça.* São Paulo: Cultura Cristã, 2003, pp.192, 193.

Portanto, não podemos ter certeza da salvação a menos que vivamos nesta vida presente obedecendo a Deus em tudo e tenhamos a imagem de Cristo sendo formada em nós. Somente aqueles que estão sendo "cristificados" é que podem alegar a certeza da vida eterna pela fé na Palavra e na promessa de Deus. Viver como Cristo é tomar a forma de Cristo. Como afirmou Bavinck,

> "Os crentes estão em Cristo da mesma forma que todas as coisas, em virtude da criação e da providência, estão em Deus. Eles vivem em Cristo como os peixes vivem na água, os pássaros vivem nos ares, o homem em sua vocação, o erudito em seu estudo. (...) Os crentes assumem a forma de Cristo e mostram em seu corpo tanto o sofrimento quanto a vida de Cristo e são aperfeiçoados (completados) nele. (...) Essa íntima relação entre Cristo e os crentes é compartilhada com os crentes através do Espírito"[22]

Embora alguns julguem impossível a perfeição, e de fato nesta vida não a alcançaremos, Deus a requer de nós em sua Palavra. Portanto, devemos buscá-la em santificação. Deus mesmo nos fortalece e nos capacita para isso. De certa forma, a santificação é fruto da fidelidade de Deus de manter firmes os seus filhos. Spurgeon, acertadamente, assevera que

> "A fidelidade de Deus é o fundamento e a pedra angular de nossa esperança de perseverança até ao final. Os crentes hão de perseverar em santidade, porque Deus se mantém perseverante em graça. Ele persevera em abençoar; por conseguinte, os crentes perseveram em serem abençoados. Deus continua guardando seu povo; conseqüentemente, os crentes continuam guardando os mandamentos dele. Este é o solo firme e excelente sobre o qual podemos descansar"[23]

[22] BAVINCK, Hermann. *Teologia Sistemática.* Santa Bárbara do Oeste: Socep, 2001, p. 436
[23] SPURGEON, Charles H. *Por que os crentes perseveram?* In Fé para Hoje, São José dos Campos, São Paulo: Fiel, 2004, n. 23, p.18.

## 3. Evidências bíblicas da doutrina

O uso do termo "vida eterna", que aparece várias vezes na Bíblia (Jo 3.16,36; 5.2,13, por exemplo), já seria suficiente para provar esta doutrina. Entretanto, alguns não crêem na perseverança dos santos. Pensam que podemos perder a salvação e sermos novamente condenados ao inferno por toda a eternidade.

Por isso, precisamos evidenciar os argumentos da Perseverança dos Santos que podem estar claros nas Escrituras ou delas podem ser depreendidos por inferência das demais doutrinas, como eleição, justificação, adoção e glorificação.

### 3.1. Fundamentada nas demais doutrinas da graça

Em Romanos 8.29-30, é claro o ensino do apóstolo Paulo de que há uma cadeia de ações de Deus em relação ao homem. O texto nos diz: "Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes a imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que **predestinou**, a esses também chamou; e aos que **chamou**, a esses também justificou; e aos que **justificou**, a esses também **glorificou**." (Grifos meus).

Muitos estudiosos chamam esse texto de cadeia da graça, em que Deus mostra o seu plano e o processo redentor do homem. O *glorificar* significa o ato de Deus em manter o homem salvo.

### 3.2. Fundamentada na fidelidade de Deus (1Co 1.9)

Deus é fiel ao seu próprio plano redentivo. Se ele prometeu que sustentaria os seus filhos, ele vai preservá-los até a eternidade. Como afirmou Spurgeon,

> "Se somos fiéis, isto acontece porque ele é fiel. Toda a nossa salvação descansa na fidelidade de nosso Deus da aliança. Nossa perseverança se fundamenta neste glorioso atributo de Deus. Somos instáveis como o vento, frágeis como a teia de aranha, volúveis

[24] Idem, p. 18.

> como a água (...) Deus é fiel à sua aliança, que estabeleceu conosco em Cristo Jesus e ratificou com o sangue de seu sacrifício. Deus é fiel ao seu Filho e não permitirá que o sangue dele tenha sido derramado em vão. Deus é fiel ao seu povo, ao qual ele prometeu a vida eterna e do qual jamais se afastará ".[24]

**3.3. Fundamentada no amor e na misericórdia de Deus (**Jo 3.16, Jd 21)

O amor de Deus pelos eleitos é o início de toda a jornada salvífica. Deus amou de tal maneira que ofereceu o seu próprio Filho para remir os pecados deles (Mt 1.21) e garantir-lhes a vida eterna. Aqueles a quem Deus amou não perecerão, porque Deus os sustentará até o final. As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos (Lm 3.22).

**3.4. Fundamentada no poder de Deus (**Jd 24, 1Pe 1.3-9)

A soberania de Deus na escolha dos eleitos e na execução de seus propósitos é marca de seu poder. Deus é Todo Poderoso e somente alguém de poder excelso poderia executar tão grandiosa obra. O Deus que tem poder para mudar a natureza de um homem tem, naturalmente, poder para sustentar este homem no seu caminho até o fim, por toda a eternidade.

**3.5. Fundamentada na graça de Deus (**Jr 31.32,22; 32.38-40)

A aliança ou pacto da graça, como conhecemos, ensina-nos que Deus fez conosco uma aliança firmada em sua graça, não nas obras da lei. Deus prometeu imprimir em nossos corações sua lei de modo que nunca nos apartássemos dela.

**3.6. Fundamentada na imutabilidade de Deus**
**(**Ml 3.6; Is 46.9,10)

O Deus que é imutável e que mantém todos os seus decretos conforme planejado. Seus atos são duradouros e eternos e não podem ser frustrados porque ele os rege e controla a todos (Jó 42.2; Hb 1.3).

### 3.7. Fundamentada no sacrifício de Cristo

(Rm 8.32; Hb 12.2; Jo 6.39)

O sacrifício de Cristo garantiu o acesso a Deus por parte dos verdadeiros crentes. Todos quantos crêem no Senhor Jesus obtêm a garantia da vida eterna (Jo 5.24). Cristo é o redentor dos eleitos e o consumador da fé. Se os crentes perdessem a salvação, o sacrifício de Cristo teria sido completamente em vão.

### 3.8. Fundamentada na proteção do Espírito Santo

(Jo 14.6; Ef 1.13,14; 4.30)

O Espírito Santo é o outro consolador ou confortador dos crentes. Ele nos guardará do maligno e de toda tentação. Observe que Jesus disse *outro* consolador. Cristo mesmo já é consolador, mas enviaria outro, o Espírito Santo, a fim de que permanecesse conosco para sempre. Além disso, ele é o selo ou penhor de nossa herança. É o Espírito Santo que "... confirma em nossos corações a certeza das promessas de Deus concernentes à graça e à salvação".[25]

## 4. Aplicações práticas da doutrina

Além de todas as bênçãos que já estudamos até aqui, ainda nos cabe observar que a doutrina da perseverança dos santos reserva para nós outras bênçãos.

### 4.1. Certeza de todas as bênçãos nesta vida presente

Sabemos que o "Senhor é o nosso pastor e nada nos faltará" (Sl 23.1). Sabemos, ainda, que "Todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito" (Rm 8.28). A Palavra ainda nos diz que somos abençoados com toda sorte de bênçãos nas regiões celestiais (Ef 1.3) e que todas as coisas necessárias à vida e à piedade nos foram dadas (2Pe 1.3). Somos livres de todos os nossos inimigos e nada pode nos acusar (Rm 8.31-39). O diabo não tem poder sobre nós e não pode nos

[25] TURRETIN, Francis. *Institutes of Elentic Theology.* New Jersey: P & R, 1994, Vol. 2, p. 602.

tocar (1Jo 5.18). Temos a certeza da companhia de Deus conosco (Jo 14-17). Temos a garantia de todas as bênçãos e sabemos que são incontáveis. Poderíamos enumerar algumas delas somente aqui, mas nunca atingiremos, nem aproximadamente, o número delas. São inúmeras as promessas de subsistência e proteção que o Senhor nos dá.

**4.2. A Certeza da Vida Eterna**

Além de as todas bênçãos de que tratamos, a vida eterna é a maior de todas elas. A certeza de que estaremos com o Senhor nos céus durante toda a eternidade, onde estaremos seguros e livres de todos os males. Temos a certeza de que Jesus voltará para nos buscar (Jo 14.3,28; Ap 22.7,20) e reunirá todos os eleitos do Pai a fim de nos apresentar a ele imaculados (Jd 24) para que vivamos a eternidade com o Senhor (Ap 7.9-12; 21).

Sobre Romanos 8.31, Packer afirma:

> "O que está sendo proclamado aqui é que Deus garante nos sustentar e proteger quando os homens e as coisas estão ameaçando; cuidar de nós durante todo o tempo de nossa peregrinação na terra e levar-nos afinal para o gozo total de Si mesmo, não importa quantos obstáculos pareçam, no presente, estar no caminho que nos leva até lá."[26]

Tendo Deus como nosso defensor não precisamos temer nada, estamos seguros de todas as adversidades. Não que elas não sobrevirão sobre nós, mas que seremos sustentados e venceremos. Calvino afirma:

> "Não há poder debaixo do céu ou acima dele que possa resistir o braço de Deus. Se porventura o temos como nosso Defensor, então não precisamos recear mal algum. Ninguém, pois, demonstrará possuir verdadeira confiança em Deus, senão aquele que se satisfaz com sua proteção, que nada teme nem perde sua coragem.

[26] PACKER, James I. *O Conhecimento de Deus.* 4 ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1992, p. 243.

> Certamente que os crentes às vezes tremem, porém nunca ficam irremediavelmente destruídos".[27]

## 5. O PROPÓSITO DAS ADVERTÊNCIAS CONTRA A APOSTASIA

Poderíamos questionar o porquê de a Bíblia apresentar vários textos exortando os crentes a perseverarem. Ora, se a máxima "uma vez salvo, salvo para sempre" é verdade, por que as Escrituras dizem que alguns podem cair ou dizem que "aquele que está em pé veja que não caia"?

O pastor Paulo Anglada diz que

> "Assim como o arrependimento e a fé são meios pelos quais a salvação é aplicada ao coração dos eleitos, pela ação soberana do Espírito Santo – daí as exortações ao arrependimento e à fé – assim também, as exortações alertando o homem para que não se aparte de Deus (ou não caia), são o meio (a graça, o livramento) que o Espírito Santo usa poderosamente para fazer com que o eleito persevere na salvação. Estas advertências se constituem em estímulos à humildade, à vigilância, à diligência e à dependência da graça de Deus"[28]

O objetivo das Escrituras é nos incitar à santidade e à obediência prática ao Senhor. Dizer-se salvo, mas não viver pura e fielmente a Deus é contradição. Somente os verdadeiramente salvos, os crentes eleitos por Deus podem ter a certeza da salvação, vivendo para sua honra e glória.

Hebreus 6.4-8 é o texto mais utilizado por aqueles que defendem que o crente pode perder a salvação. O versículo seis diz: "Se caírem, sim, é impossível outra vez renová-los para arrependimento...". O texto é verdadeiro, porém, a referência aqui é para os que experimentaram uma fé passageira, temporal. São aquelas pessoas

[27] CALVINO, João. Op. cit., p. 310.
[28] ANGLADA, Paulo. Op. cit., p. 98.

que vivenciaram as bênçãos de Deus, tiveram contato com a Palavra, viram manifestações poderosas do Senhor, mas rejeitam a verdadeira vida cristã, porque não eram eleitos e não eram, efetivamente, dos nossos. João nos diz que aqueles que saíram do nosso meio e abandonaram a fé não eram dos nossos (1Jo 2.19). É interessante como que nesses textos há sempre o contraste entre os que são de Deus e os que não são de Deus. Tanto em 1 João quanto em Hebreus isso acontece. Acompanhe os versículos seguintes e veja que os escritores começam a falar dos verdadeiros cristãos, aqueles que permanecem firmes na fé, sustentados pela graça e pela promessa de Deus.

Palmer afirma que "Perseverança dos santos significa que os santos perseverarão em sua fé. E esta fé é composta de tristeza e arrependimento pelo pecado. Se alguém não se entristece por seus pecados e os abandona, então ele nunca teve fé em primeiro lugar e não foi salvo". E continua: "É exatamente quando o cristão compreende totalmente a verdade bíblica da perseverança dos santos, é que ele não será inclinado à licenciosidade, mas à santidade"[29].

O diabo tentou a Cristo com o argumento de que se ele era realmente protegido de Deus, poderia lançar-se da montanha. Jesus replicou-lhe dizendo que o diabo não deveria tentar ao Senhor (Mt 4.6). O verdadeiro cristão sempre recusará uma vida descuidada e jamais aceitará pecar contra o Senhor. Se é guardado de Deus, será sempre servo obediente e fiel, assim como é o seu Senhor.

[29] PALMER, Edwin H. Op. cit, p. 79.

# A RESPONSABILIDADE DA SENTINELA

## EZEQUIEL 3.16-21

Sermão pregado no dia 20 de outubro de 2004,
na capela do Seminário.

**SEM. JONATHAN MUÑOZ VÁSQUEZ**

Aluno do 4º ano diurno do Seminário JMC

## INTRODUÇÃO

Vivemos em tempos onde o afastamento de Deus é, talvez, mais evidente do que nunca. Os corações são duros e as mentes estão carregadas de "razões irracionais" que cegam as pessoas. Por toda parte, encontramos violência, crime, maldade, ceticismo.

Diante desta realidade, é muito fácil cairmos na tentação da indiferença – fazer de conta que nada está acontecendo e que não é o meu problema. Hoje, mais do que nunca, a filosofia niilista, difundida por Friedrich Nietzsche, no século 19, está na boca e nas mentes de todo mundo através da popular frase: "tô nem aí!". Frase que até já foi musicada e é cantada como se fosse um hino ou corinho da juventude.

Mas a nossa atitude, como cristãos, muitas vezes, é a mesma do mundo: "estar nem aí". "Não, obrigado. Já tenho suficiente com meus próprios problemas!". Não queremos saber de um mundo que está morrendo em suas transgressões, não queremos avisar nem advertir a quem está perto (muito menos àquele que está longe) que se continuar nesse estilo de vida será consumido pela ira de Deus.

O Senhor fez uma advertência a um profeta no século 6º a. C. que tem muito a ver com nossa realidade hoje. O Senhor quis, através desta mensagem, deixar bem claro que somos sentinelas num mundo em perdição e que temos uma enorme responsabilidade como sentinelas. Mais ainda, que esta responsabilidade só pode ser corretamente entendida à luz da soberania divina e à luz da responsabilidade individual dos que ouvem.

Leiamos no capítulo 3 de Ezequiel, desde o versículo 16 até o 21:

> 16 Findos os sete dias, veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo:
> 17 Filho do homem, eu te dei por atalaia sobre a casa de Israel; da minha boca ouvirás a palavra e os avisarás da minha parte.
> 18 Quando eu disser ao perverso: Certamente, morrerás, e tu não o avisares e nada disseres para o advertir do seu mau caminho, para lhe salvar a vida, esse perverso morrerá na sua iniqüidade, mas o seu sangue da tua mão o requererei.
> 19 Mas, se avisares o perverso, e ele não se converter da sua maldade e do seu caminho perverso, ele morrerá na sua iniqüidade, mas tu salvaste a tua alma.

> 20 Também quando o justo se desviar da sua justiça e fizer maldade, e eu puser diante dele um tropeço, ele morrerá; visto que não o avisaste, no seu pecado morrerá, e suas justiças que praticara não serão lembradas, mas o seu sangue da tua mão o requererei.
> 21 No entanto, se tu avisares o justo, para que não peque, e ele não pecar, certamente, viverá, porque foi avisado; e tu salvaste a tua alma.

## CONTEXTUALIZAÇÃO

O livro de Ezequiel tem representado, ao longo dos séculos, certas dificuldades que o fizeram famoso. Conta-se que um rabino chamado Hananias, filho de Ezequias, queimou trezentas lâmpadas de azeite no seu estudo do livro de Ezequiel, tentando harmonizar os aparentes conflitos entre o livro de Ezequiel e a Torá. Na verdade, a grande questão na tradição rabínica não era se Ezequiel era um livro canônico ou não, mas se todos poderiam entendê-lo, por isso a leitura particular deste livro ficou proibida a menores de trinta anos.

A verdade é que o livro de Ezequiel contém muitos oráculos com parábolas, figuras e símbolos pouco comuns no resto do Antigo Testamento, e isto tem representado uma certa dificuldade para compreender o texto. Alguns até têm chegado a afirmar que Ezequiel era louco.

Ezequiel viveu durante os turbulentos anos do exílio babilônico. O exílio babilônico ocorreu em três fases: Na primeira, foram capturado alguns jovens capazes para servir na Babilônia, entre eles Daniel e seus companheiros, entre os anos 605 e 606 a.C.; a segunda deportação ocorreu quando Joaquim, um rei davídico vassalo em Jerusalém, decidiu rebelar-se e muitos foram levados para realizar trabalhos forçados no rio Quebar, no ano 597 a.C. Finalmente, a terceira fase ocorreu quando Jerusalém e o Templo foram destruídos, no ano 586 a.C. Tudo indica que Ezequiel tinha uns 25 anos quando foi deportado, junto com a segunda leva de exilados, para o rio Quebar.

Ezequiel era filho de um sacerdote e, portanto, destinado para iniciar sua carreira sacerdotal, também, quando cumprisse 30 anos. Só que ele, aos 25 anos de idade, já se encontra exilado e longe de Jerusalém e do Templo. Pois bem, foi precisamente aos 30 anos que

a Glória de Deus apareceu a Ezequiel junto ao rio Quebar para chamá-lo a servir como profeta. A Glória de Deus que Ezequiel contemplou, embora pareça uma visão diferente e única em todo o Antigo Testamento, reflete em muitos aspectos a Glória de Deus que aparecia no santuário do lugar santíssimo. Ezequiel fala, por exemplo, de seres viventes similares a querubins e diz que sobre eles estava "a Glória de Yahweh" que resplandecia como o resplendor que aparecia aos sacerdotes sobre os querubins na Arca da Aliança, no lugar santíssimo do Templo. Semelhantemente a Isaías, Ezequiel foi chamado ao serviço profético enquanto contemplava a Glória do Senhor.

Ezequiel é chamado a um povo rebelde: o povo de Judá que ainda se encontra em Jerusalém. Por isso, podemos dividir o livro de Ezequiel em 2 partes: na primeira, que se estende até o capítulo 24, Ezequiel dirige oráculos de condenação contra Jerusalém, Judá e seus habitantes. A destruição de Jerusalém e do Templo finalmente ocorre (simbolizada até pela morte da esposa de Ezequiel) e então começa a segunda parte do livro. Na segunda parte, que vai do capítulo 25 até o final (cap. 48), Ezequiel dirige seus oráculos contra as outras nações e anuncia promessas de restauração para Jerusalém e para o povo exilado que se mantém fiel ao Senhor.

Nossa passagem encontra-se imediatamente depois da visão que Ezequiel tem da Glória de Yahweh e depois que ele é comissionado como profeta. Ezequiel nos diz que depois de seu comissionamento ele teve que ser levado, um tanto amargurado, pelo Espírito de Deus até Tel-Abibe onde se encontravam os deportados, junto ao rio Quebar, e que ali ele ficou 7 dias atônito, sem falar nada.

Quando se concluíram os sete dias, a palavra do Senhor veio a ele mais uma vez para descrever a natureza de seu ministério. Esta palavra, portanto, que nós encontramos aqui em 3.16-21, dirige-se a Ezequiel de forma pessoal. O Senhor quer deixar algumas coisas bem claras a Ezequiel antes que ele comece a pronunciar os oráculos de Deus e a realizar sinais no meio do povo.

Por isso, o Senhor da Aliança, Yahweh, usando uma figura muito importante para as cidades da antigüidade, a atalaia ou a "torre de vigia", passa a descrever as características e responsabilidades do

ministério que Ezequiel haveria de executar a partir daquele momento. Desta forma, nesta ocasião, atentaremos para a mensagem do Senhor acerca da responsabilidade da sentinela.

Lemos nos vv. 16 e 17 assim:

> 16 Findos os sete dias, veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo:
> 17 Filho do homem, eu te dei por atalaia sobre a casa de Israel; da minha boca ouvirás a palavra e os avisarás da minha parte.

A atalaia ou sentinela era uma função muito importante na antigüidade. No tempo de Ezequiel, as cidades tinham uma estruturação muito diferente da de hoje, por causa das constantes guerras e assédios. Por isto, nós podemos observar que as cidades antigas eram rodeadas por muros largos e firmes que as protegiam dos ataques de exércitos. Havia um número limitado de portas e portões que deviam ser bem guardados e vigiados. Além disto, havia certas torres, geralmente nas esquinas dos muros, onde se colocavam soldados que, pela altura da torre, podiam enxergar até longe. Havia também torres ao redor de algumas cidades e não muito longe delas, para resguardar o território. Tudo isto servia para proteger a cidade de possíveis ataques. Era, também, comum, naquele tempo, condenar à morte a uma sentinela que não avisasse o perigo, pois este ato era considerado alta traição.

A função que Deus dá a Ezequiel é a função de uma sentinela espiritual. O Senhor, Yahweh, o Deus que estabeleceu aliança perpétua com seu povo, por amor e misericórdia a eles e por fidelidade à sua própria Palavra, coloca sentinelas que avisem ao povo sobre o perigo. Nesta passagem, Deus fala como o rei de uma cidade que decide colocar uma torre de vigia e um homem, Ezequiel, sobre ela, para estar atento aos perigos e à destruição. Este é um ato, sem dúvida, muito misericordioso do Senhor, e que mostra a fidelidade de Yahweh. O povo já tinha sido advertido tantas vezes. Isaías e Jeremias, entre outros, já tinham profetizado acerca destes tempos de exílio antes que sequer ocorressem, mas o povo não quis se arrepender. Duas deportações, portanto, no tempo do chamamento de Ezequiel, já tinham ocorrido.

Mas Yahweh, ainda assim, mantém a sua vigilância sobre o povo. Pois virá uma terceira fase na humilhação de Jerusalém, a qual será definitiva e na qual a cidade e o Templo serão destruídos, mas para que não aconteça tudo isto de repente e para que ainda (quem sabe?) alguém possa se arrepender e ser livrado, Deus envia Ezequiel.

As sentinelas espirituais têm sido colocadas desde o tempo de Moisés no meio do povo de Deus. Os sacerdotes, como guardadores e proclamadores dos preceitos da Lei, são sentinelas que devem instruir o povo e lhes ensinar o caminho da santidade. A função que Ezequiel cumpre aqui, portanto, tem algo de natureza sacerdotal, embora seja profética em si.

O Senhor chama Ezequiel de "Filho de Homem", isto é – literalmente – "Filho de Adão", um título muito comum no livro de Ezequiel. No hebraico, quando alguém quer enfatizar a natureza de alguém, então se fala simbolicamente dele, ou dela, como "filho ou filha de". Assim, vemos que no mesmo livro de Ezequiel, o povo de Israel é chamado de "filha do amorreu", ou seja, filha de um povo pagão e idólatra. Seguindo a mesma lógica, portanto, com este título de "Filho do Homem" ou "Filho de Adão", Yahweh está enfatizando a natureza de criatura responsável de Ezequiel, diante do Criador. Yahweh está falando para Ezequiel: "você é criatura, feito à minha imagem e semelhança e, portanto, responsável diante de mim pelos seus atos, pois você compartilha da mesma natureza de seu pai: Adão. Eu sou o Rei do Universo, Senhor da Criação e, soberanamente lhe estou entregando uma missão que você deve cumprir fielmente diante de mim." O título Filho do Homem, portanto, nesta passagem é de grande relevância, pois ajuda a contrastar com SENHOR, isto é, com "Yahweh", o Soberano que estabeleceu um Pacto, não só com Israel, mas também muito antes: com Adão, a quem criou responsável de seus atos diante dele, o Senhor da Criação. "Filho do Homem" denota, além disto, tanto a dignidade de Ezequiel, criado como ser responsável diante de Yahweh, assim como a sua natureza caída e corrompida.

Aqui, portanto, já podemos observar, em primeiro lugar:

## I. A RESPONSABILIDADE DA SENTINELA DIANTE DA SOBERANIA DIVINA

Deus dá uma responsabilidade muito grande a Ezequiel. Uma responsabilidade difícil e complexa. Ele deve estar atento. Deve saber exatamente o que o Senhor está lhe falando e não deve calar, nem se distrair, nem torcer as palavras que Yahweh lhe fala. Ele deve ser fiel. O Senhor é claro: "**Da minha boca** ouvirás a palavra e os avisarás da minha parte". Não é a palavra de outro, não é palavra de Ezequiel; só a palavra que sai da boca de Yahweh é a que deve ser falada.

Por isso, em primeiro lugar, o que vemos ao longo deste texto, que serve como direcionamento ao ministério de Ezequiel, é que ele, como sentinela, é responsável. Sua responsabilidade se encontra diante da ordem e mandato de Yahweh, o Deus Soberano. Foi Deus quem o colocou nessa função. A origem de sua função está em Deus. Por isso Deus espera de Ezequiel que seja fiel, que fale o que ouve **da boca do SENHOR**, nem mais, nem menos.

O final dos versículos 18 e 20, porém, são mais eloqüentes em nos mostrar este princípio de que a responsabilidade da sentinela deve ser exercida diante da soberania divina. Ali o Senhor diz:

> 18 Quando eu disser ao perverso: Certamente, morrerás, e tu não o avisares e nada disseres para o advertir do seu mau caminho, para lhe salvar a vida, esse perverso morrerá na sua iniqüidade, mas o seu sangue da tua mão o requererei.

E o versículo 20:

> 20 Também quando o justo se desviar da sua justiça e fizer maldade, e eu puser diante dele um tropeço, ele morrerá; visto que não o avisaste, no seu pecado morrerá, e suas justiças que praticara não serão lembradas, mas o seu sangue da tua mão o requererei.

"Mas o seu sangue da tua mão o requererei". Estas são palavras fortes que nos mostram um eloqüente paralelo entre uma sentinela das cidades antigas que não avisa o povo do perigo e a função de

Ezequiel. Já falamos que, se uma sentinela não avisasse a tempo o perigo, independentemente se sua cidade saísse derrotada ou vitoriosa na batalha, isto era considerado alta traição e, portanto, o sentinela seria condenado à morte. Yahweh coloca a responsabilidade de Ezequiel no mesmo patamar. Ou avisa do perigo a tempo, ou o sangue dos caídos — justos ou ímpios, não importa — seria demandado de sua própria mão.

É claro que este texto, à luz de seu próprio contexto aqui no livro de Ezequiel, não está nos falando de perder a salvação. O que esta declaração está fazendo é traçar um simples paralelo entre a atividade da sentinela espiritual e a atividade da sentinela militar. Esta declaração do Senhor implicava, de fato, que Ezequiel poderia morrer mesmo, caso não avisasse. Em outras palavras, o Senhor lhe tiraria a vida; sobretudo considerando que a palavra hebraica que aqui se traduziu por "alma" tem o sentido geral de "vida" e de "alento". Por isso Deus diz: "se fores fiel, Ezequiel, terás livrado a tua alma", isto é, "terás preservado a tua vida". Perda de salvação, portanto, não é o assunto deste texto à luz de seu próprio contexto. E à luz de toda a Escritura e dos claros ensinos dela a respeito da salvação, há menos possibilidades ainda.

É interessante notar que Ezequiel deve proclamar ao ímpio como quem anela que ele viva e que seja salvo. Assim também com aquele justo que se desvia. Ele é responsável diante da soberania divina de buscar a salvação de seus irmãos. E é precisamente por isso que ele não deve falar palavras brandas ou que não ofendam só para agradar aos seus ouvintes. Muito pelo contrário, se dermos uma olhada no livro de Ezequiel, veremos que ele teve que pronunciar oráculos de destruição e morte muitas vezes, além de denunciar a muitos homens importantes, até sacerdotes, falando publicamente de suas idolatrias e abominações. Isto é amor! Buscar a salvação e o bem de meu próximo, visando à glória de Deus! Ainda que isso signifique falar duramente, como era a missão de Ezequiel. Mas não devemos nos enganar: Ezequiel não deveria ser um pregador hipócrita, com prazer em apontar o pecado dos outros, antes, o seu chamado era a buscar os perdidos para que fossem salvos.

Deus diz, no v. 18, que se Ezequiel não falar para admoestar o ímpio de seu caminho, ele deverá pagar o sangue do que morreu. Pois bem, o verbo "falar" neste versículo denota um falar intenso, com força, gritando, ou talvez até repetitivo. Portanto a ordem de Deus para Ezequiel é a de falar até se cansar!

Ezequiel teve que demonstrar fidelidade a esta função de sentinela em diversas ocasiões. Em certa oportunidade, ele teve que representar a destruição de Jerusalém gravando desenhos num tijolo. Sem dúvida, muitos devem ter desprezado a Ezequiel, considerando-o um louco. Em outra ocasião, enquanto anciãos, homens importantes entre os judeus, foram até a casa de Ezequiel para consultá-lo, o Senhor lhe fez dizer palavras duras a estes homens, condenando os ídolos que eles tinham levantado em seu coração. Isto deve ter lhe trazido a inimizade de muitos de seus irmãos politicamente importantes. Porém, creio eu, que, talvez, o oráculo mais difícil na vida de Ezequiel foi ter que passar pela experiência da morte de sua esposa como um sinal de Yahweh para representar a destruição de Jerusalém, e ainda mais não poder fazer luto e nem sequer chorar por ela, para, através deste ato, representar uma mensagem que Yahweh lhe ordenara.

Compreender que cada um de nós tem uma missão diante de Deus forma parte não só do ministério ordenado, mas da condição humana, da condição adâmica. Somos, como Adão, responsáveis diante do Senhor Yahweh, que nos deu vida e salvação. Ele nos colocou em diversos contextos e nos deu responsabilidades como seus representantes. De alguma forma, portanto, somos sentinelas todos nós, como Ezequiel. Temos o dever de falar a mensagem do Senhor, de viver a sua vontade para que ele fale através de nós, ainda que por meio de circunstâncias adversas.

Nossa responsabilidade é grande. Começa pela proclamação. A quem daqueles que estão ao nosso redor e que precisam ouvir uma advertência da parte do Senhor, ainda não temos falado? Medo? Vergonha? Preguiça? Negligência? Troca de prioridades? O que nos faz ficar calados quando devemos falar? Somos responsáveis, diante do Senhor que nos criou, de advertir àqueles que estão se perdendo. Devemos lhes falar, nem que seja de forma intensa, repetitiva, que se não se voltarem para o Senhor, haverá destruição.

Mas, assim como no caso de Ezequiel, além de proclamar com nossos lábios, devemos com o testemunho de nossa vida ser proclamadores da mensagem de Deus. Viver a mensagem, ainda que isto nos custe a própria vida. Isto é o discipulado ao qual Jesus nos chama: um ministério integral, não só dos lábios, mas de toda a vida, nos momentos bons ou ruins.

É lógico que esta mensagem, no caso específico daqueles dentre nós que afirmamos ter um chamado ao ministério ordenado, é para ser levada de uma forma mais pesada ainda. Devemos ser "Ezequiéis" no meio duma geração que nega a Deus, que nega seus santos preceitos, que nega sua verdade. Paganismo, misticismo, irracionalismo, relativismo, materialismo, pragmatismo e muitos outros "ismos" caracterizam a nossa sociedade contemporânea. Temos uma palavra para os que estão se perdendo nestes enganos? Estamos proclamando ou estamos distraídos e fascinados com os mesmos "ismos" característicos de nossa geração?

Um dos "ismos" mais terríveis e que tem afetado enormemente o ministério pastoral é, precisamente, o pragmatismo. O pragmatismo faz medir a eficácia de um ministério pastoral segundo os resultados alcançados, somente. Resultados estes que devem ser estatisticamente comprováveis e mensuráveis através de indicadores e variáveis: número de membros, satisfação pessoal dos assistentes ao culto, aumento de dízimos, etc. O pragmatismo, com sua ênfase nos resultados, faz deixar em segundo, terceiro ou nenhum plano a FIDELIDADE. Já não interessa tanto se o pastor é fiel ao texto bíblico, importa se as pessoas gostaram e se sentiram tocadas pela mensagem, já não importa se os membros da igreja conhecem e estão dispostos a assumir o custo do discipulado de Cristo, mas importa que a cada ano sejam recebidos mais e mais membros que se sintam agradados e confortáveis na igreja, e assim por diante.

Nesta passagem de Ezequiel, o Senhor está precisamente invertendo a ordem das coisas e dizendo que primeiro é a fidelidade; os resultados virão depois, de acordo com a sua vontade.

Além disto, quantas vezes, nós os cristãos, não trocamos a ordem das coisas e queremos fazer a Deus responsável e proclamarmos a nós mesmos como soberanos sobre nossa própria vida? Agi-

mos irresponsavelmente contra os mandamentos do nosso Rei e Senhor e não medimos conseqüências, não nos interessa o dever, só o prazer. E ainda reclamamos porque Deus não nos livra quando nos encontramos no meio das conseqüências de nossa irresponsabilidade, como se ele fosse o responsável! Não, irmãos! Não é assim que a Escritura nos ensina, não é assim que é a vida! A verdade é que Deus é o Soberano, ele é o que ordena, e nós, somos aqueles que lhe devem obedecer. Devemos ser responsáveis e prestar contas por nossa função.

## II. A RESPONSABILIDADE DA SENTINELA DIANTE DA RESPONSABILIDADE DOS OUVINTES

Além da responsabilidade da sentinela ser confrontada e complementada com a devida visão da soberania de Deus, também o Senhor apresenta para Ezequiel a sua responsabilidade de sentinela diante da responsabilidade dos ouvintes.

"Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos é que se embotaram" (Ez 18.2). Este era um ditado muito popular na época de Ezequiel.

As pessoas buscavam fundamentar a sua justiça pessoal dizendo que não eram eles os que tinham pecado, mas seus pais. E que, por culpa de seus pais, eles estavam sofrendo. Tirar a responsabilidade individual é uma técnica muito antiga para acalmar a culpa, desde os tempos de Adão e Eva.

Em todo este texto, existe um verbo chave que se repete constantemente: é o verbo "avisar", que também foi traduzido como "advertir". Este verbo está praticamente em todos os versículos. E o significado original dele é "iluminar" ou "brilhar". Por isso ele é usado aqui com o sentido de "trazer luz" ou "trazer iluminação", o que quer dizer, além de "advertir" e "avisar", "ensinar". Esta função era, também, uma função sacerdotal. Nós vemos no livro de Crônicas que quando Josafá fez seu projeto de restauração espiritual de Judá, ele colocou sacerdotes e levitas em todo o povo para "trazer luz", isto é, "ensinar" e "advertir" acerca das leis, dos preceitos e das condições da Aliança.

Este verbo descreve aqui a principal função de Ezequiel como sentinela. Não devemos nos esquecer de que Ezequiel era sacerdote, mas estava impedido de exercer funções sacerdotais devido ao exílio. Mas agora — aos trinta anos de idade — no momento para começar a exercer a função sacerdotal, Yahweh não só mostra a Ezequiel a sua Glória, Glória como a do lugar santíssimo, mas também lhe dá a função de advertir, ensinando e vigiando como um sacerdote. Calvino, em seu comentário a Ezequiel, chama a atenção para este texto dizendo que a palavra grega para bispo significa precisamente: "aquele que olha de cima", isto é, "supervisor". Tendo, portanto, Ezequiel, neste aspecto, uma função docente muito similar à dos atuais pastores, presbíteros ou bispos.

Pois bem, sem dúvida que Ezequiel, como aquele que "traz iluminação", deve ser fiel ao Senhor que o chamou, em primeiro lugar. Mas, também, contrastando e complementando a responsabilidade como sentinela de Ezequiel com a responsabilidade dos ouvintes, vemos que este verbo "trazer luz" descreve muito bem o limite de sua responsabilidade como pregador e o início da responsabilidade do ouvinte. Pode ser que o ouvinte se arrependa, ou não, e isto o faz plenamente responsável de seu pecado.

É por isto que as expressões "morrerá na sua iniqüidade" e "no seu pecado morrerá", dos vv. 18 e 20, respectivamente, estão aqui presentes. O significado destas expressões é a plena responsabilidade dos ouvintes por seu pecado e seu afastamento de Deus. Estas mesmas expressões estão no resto do livro de Ezequiel, especialmente no capítulo 18, onde ele trata acerca da responsabilidade pessoal pelo pecado.

Vejamos o que dizem os vv. 19 e 21:

> 19 Mas, se avisares o perverso, e ele não se converter da sua maldade e do seu caminho perverso, ele morrerá na sua iniqüidade, mas tu salvaste a tua alma.
>
> 21 No entanto, se tu avisares o justo, para que não peque, e ele não pecar, certamente, viverá, porque foi avisado; e tu salvaste a tua alma.

O Senhor faz uma clara diferenciação entre o perverso e o justo. Ele denota, com estas palavras, ouvintes plenamente responsáveis pelos seus atos e pelas inclinações de seu coração. O perverso é isso mesmo: perverso. E o justo é exatamente isso: justo. De nada adianta, em termos de resultados, falar ao perverso, pois ele ainda "morrerá na sua iniqüidade", isto é, "morrerá porque é iníquo", "morrerá a morte que ele próprio trouxe sobre si e pela qual é responsável". Mas, ainda assim, a sentinela tem a responsabilidade sobre si de proclamar. Tão severa é a responsabilidade da sentinela que ele não recebe recompensa por ser fiel, mas, simplesmente, ele "livra a sua alma", em outras palavras: não é condenado à morte. Fez o seu dever, nem mais, nem menos.

No caso do justo, ele é advertido e, porque é justo, ele ouve, e, ao ouvir, o texto nos diz que ele é livrado, porque "foi avisado"; como já vimos, isto significa que "foi iluminado". O verbo está numa forma de reflexivo; significando inclusive que "ele se iluminou a si mesmo"; é como se houvesse uma responsabilidade compartilhada entre a sentinela que levou a luz e o ouvinte que se deixou iluminar. Desta forma, o texto nos mostra de forma bem clara e eloqüente que a responsabilidade da sentinela, além de estar diante da soberania divina, está diante da responsabilidade dos ouvintes.

Ezequiel, no seu ministério, viu este princípio de sua responsabilidade como sentinela complementando-se com a responsabilidade dos ouvintes em várias ocasiões. Em certo momento, Ezequiel, pelo Espírito de Deus, foi enviado por Yahweh para profetizar contra os chefes de Judá que estavam à porta do Templo; enquanto ele profetizava, um deles, Pelatias, caiu morto (Ez 11.13); isto entristeceu a Ezequiel, mas era o pagamento justo de Pelatias, pois ele era responsável pelo seu próprio pecado. Em outra ocasião, o Senhor fala a Ezequiel: ainda que numa cidade perversa morem Noé, Jó e Daniel (três homens que simbolizam os mais justos da história), a cidade toda morrerá (Ez 14.14,20), exceto esses três; por quê? Porque cada um é responsável pelo seu próprio pecado e transgressão.

Este princípio da responsabilidade individual parece ser muito comum hoje em dia, mas a verdade não é bem assim. Talvez esteja acontecendo com você neste momento que você está longe do Se-

nhor, mas se sente protegido porque "minha mãe, meu pastor, ou meu irmão são muito piedosos e oram por mim". Cada um é responsável pela vida que Deus entregou para administrá-la! Se você não se volta voluntariamente a Deus, Deus pode colocar um tropeço para lhe destruir, e então? De nada adiantará a justiça daqueles que o amam.

Muitos há hoje em dia que se negam a se sentirem responsáveis. Vivem em pecados, mas não se importam, porque têm familiares crentes, porque o pai é presbítero, ou a mãe é presidente da SAF, ou o filho é um jovem consagrado. Não devemos calar nossa mensagem diante deles; é nossa responsabilidade advertir a esses homens e mulheres que confiam na fé sincera de outros, que se eles, pessoalmente, não se converterem para o Senhor, não haverá salvação para eles.

Há outros que já foram fiéis, mas que hoje estão afastados e que confiam no seu passado de piedade, mas o versículo 20 é claro:

> 20 Também quando o justo se desviar da sua justiça e fizer maldade, e eu puser diante dele um tropeço, ele morrerá; visto que não o avisaste, **no seu pecado morrerá, e suas justiças que praticara não serão lembradas**, mas o seu sangue da tua mão o requererei.

Não importa tanto se ontem você orava, ou buscava a Deus, ou obedecia a sua Palavra... o que importa é hoje! Como está seu relacionamento com Deus hoje? Se você hoje está longe do Senhor, busque a Deus, você, pessoalmente, hoje! Senão terríveis conseqüências poderão vir sobre sua vida.

Outra tendência muito marcante de nossos tempos é buscar culpar a outros de nossa culpa. Culpar o ambiente no qual cresci, meus pais, minha mãe, meu irmão, minha igreja, meu bairro, etc. Eles são os culpados de que eu seja como sou, de que eu faça isto ou aquilo. O homem moderno não é mais um homem livre (como se proclamava nos ideais do século 18), mas é um homem absolutamente determinado e escravo de seus condicionamentos psicológicos, sociológicos, antropológicos, econômicos, etc. A ciência moderna quer entender o homem como uma massa modelada por diversos fatores individuais, sociais e culturais: traumas, ambiente

social, família, etc. Mas não é esta a visão bíblica do homem. O homem é a imagem e semelhança de Deus, responsável pelas suas transgressões. Os nossos ouvintes são responsáveis! Pregue com fidelidade e confie que, se seus ouvintes não quiserem lhe ouvir, prestarão contas diante do Senhor.

Há ainda outros, mais místicos, que gostam de culpar a Satanás, seus demônios e "encostos" de todo tipo. Falam que estão endividados ou em adultério, devido a trabalhos de "pais de santo" e coisas do tipo. A mensagem de Ezequiel vai direto contra todas essas falácias: Somos responsáveis por nosso pecado, por nossa própria transgressão. Ou nos voltamos a Deus ou sofreremos as conseqüências. Não me entenda errado: não estou negando o poder do maligno, mas estou afirmando o que a Bíblia diz: que por muito poder que o Diabo tenha, ele não pode nos obrigar a pecar, pois isto é sempre, em última instância, opção pessoal e responderemos diante de Deus por ela!

É claro que, diante da responsabilidade dos ouvintes, a soberania de Deus mantém seu lugar entronizado, pois como bem fala o teólogo e historiador Rev. Francisco Leonardo Schalkwijk, a salvação é uma porta na qual, por fora, está escrito: "Vinde a Mim" e, uma vez dentro, do outro lado da porta, diz: "Eu te trouxe". Embora seja este um grande mistério, sabemos que a soberania de Deus que escolhe, que chama, que leva ao arrependimento e que dá a fé salvadora, não se contradiz em nada com a responsabilidade que cada um de nós tem por nossas próprias decisões.

## CONCLUSÃO

Em março de 1974, na ilha de Lubang, nas Filipinas, foi encontrado vivo, vestindo seu uniforme, com o rifle na mão, com munições e várias granadas, um soldado do exército japonês chamado Hiroo Onoda. Ele permanecera desaparecido por cerca de 30 anos e já tinha sido considerado legalmente morto no Japão havia 15 anos. Onoda se escondera do ataque dos americanos, na selva da ilha de Lubang, durante a II Guerra Mundial e só 29 anos depois de terminada a guerra, ele foi achado. Onoda, perdido no meio da selva de

uma ilha no Pacífico, não só sobrevivera em meio a duras condições, mas também permanecera em posição de guerra, com suas armas e munições preparadas, durante todos esses anos.

O mais incrível da história de Onoda, porém, é o fato de que, depois de que fora achado por um universitário japonês que visitava a ilha em fevereiro de 1974, ele não saiu da selva e se negou a abandonar sua posição, afirmando sua fidelidade ao Imperador. Onoda só rendeu-se um mês depois, quando recebeu uma mensagem escrita da parte de seu superior, o Major Taniguchi, lhe informando que a guerra tinha acabado, que o Japão tinha sido derrotado e dando-lhe a ordem de render-se. Onoda, então, entregou suas armas e chorou abertamente, 30 anos depois da derrota do Japão.

A lealdade de Onoda ao seu imperador é exemplo para nós neste dia. Sabemos a diferença essencial entre nós e Onoda: somos sentinelas de um Rei vencedor. Mas, quando nosso Senhor voltar, na consumação de todas as coisas, seremos achados firmes na nossa posição? Nos manteremos na nossa função até o fim, cumprindo-a com lealdade? Devemos aprender da lealdade de Onoda. Assim como ele se negou a aceitar qualquer notícia ou ordem que não fosse de um de seus superiores – pois Onoda rejeitou até recortes de jornais que lhe foram mostrados –, da mesma maneira nós devemos obediência só ao Nosso Senhor. Somos responsáveis diante dele e não devemos descansar nem desmaiar até que Cristo, nosso Rei, volte ou nos leve à sua presença.

Lembremos sempre que nossa responsabilidade de sentinela deve ser compreendida à luz da soberania do Senhor que nos colocou como vigias, e à luz da responsabilidade individual de cada pessoa que ouve a nossa proclamação.

Façamos nossa parte fielmente: proclamemos, anunciemos, labutemos e sejamos bons e sábios sentinelas, pois a responsabilidade é enorme. E os frutos? Eternos!

Revista Teologia Para Vida
*Projeto Gráfico e Capa* – Idéia Dois Design
*Formato* – 16 x 23 cm
*Tipologia* – Arrus BT
*Papel* – Off-set 75g e Couchê 80g
*Tiragem* – 4.000 exemplares
*Impressão* – Gráfica Salesiana
Impresso no Brasil / Printed in Brazil

"Dar-vos-ei pastores segundo o meu coração, que vos apascentem com conhecimento e com inteligência."
(Jr 3.15)